



**UNIRIO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL  
DOUTORADO EM MEMÓRIA SOCIAL

VIRTUALIDADE E VIOLÊNCIA NAS REDES DE INFORMAÇÃO  
Um olhar sobre construções de memória na era tecnológica

José Mauro de Oliveira Braz

Rio de Janeiro  
2020

José Mauro de Oliveira Braz

## VIRTUALIDADE E VIOLÊNCIA NAS REDES DE INFORMAÇÃO

Um olhar sobre construções de memória na era tecnológica

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Memória Social.

Área de concentração: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

Linha de Pesquisa: Memória, subjetividade e Criação

Orientador: Prof. Dr. Francisco Ramos de Farias

Rio de Janeiro

2020

B Braz, José Mauro de Oliveira  
Virtualidade e violência nas redes de informação:  
um olhar sobre construções de memória na era  
tecnológica / José Mauro de Oliveira Braz. -- Rio de  
Janeiro, 2020.

161

Orientador: Francisco Ramos de Farias.  
Coorientador: Octave Debary.  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do  
Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação  
em Memória Social, 2020.

1. Violência. 2. Memória Social. 3. Rede social.  
4. Virtualidade. 5. Ciberespaço. I. Farias,  
Francisco Ramos de, orient. II. Debary, Octave ,  
coorient. III. Título.

José Mauro de Oliveira Braz

## VIRTUALIDADE E VIOLÊNCIA NAS REDES DE INFORMAÇÃO

Um olhar sobre construções de memória na era tecnológica

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Memória Social.

Banca Examinadora

---

Francisco Ramos de Farias (UNIRIO)

---

Octave Debary (Sorbonne Université)

---

Leila Dupret (UNIRIO)

---

Diana de Souza Pinto (UNIRIO)

---

Doriana Daroit (UnB)

---

José Eduardo Menescal Saraiva (TJRJ)

Aprovada em 05 de fevereiro de 2020.

## Agradecimentos

Primeiramente agradeço à CAPES (Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior) que, por intermédio da bolsa de estudos, foi uma das grandes incentivadoras de toda minha trajetória acadêmica. Também agradeço este órgão pela oportunidade de estudar um ano no exterior e assim poder aprofundar-me nas questões que busco esclarecer e explorar nessa tese. Ambos os benefícios não teriam sido possíveis sem o permanente incentivo de meu orientador, professor Francisco Ramos de Farias, que sempre fez de tudo ao seu alcance para me colocar sensível às demandas da trajetória do doutoramento. À minha mãe Kátia que da mesma forma sempre se fez presente, amparando nos momentos de angústia e reconhecendo os esforços dispensados. Agradeço também aos professores do PPGMS que contribuíram, cada qual à sua maneira, para a produção deste texto, em especial à professora Diana, Lobelia e Glaucia que se fizeram presentes em etapas ímpares de minha formação sempre me apoiando e incentivando a não desanimar frente às dificuldades. Nesta reta final agradeço ao meu marido João Pedro Lopes Ribeiro, que mesmo quando ainda era unicamente meu amigo, sempre se interessou pelo que fazia e admirou minha dedicação e empenho em relação à academia. Da mesma forma agradeço aos integrantes da banca de avaliação da tese, que tão generosamente dispuseram-se a investir em mim com o seu tempo. Esforçar-me-ei para que os investimentos de todos vocês possam ser distribuídos nas universidades, congressos e afins, espaços nos quais intenciono circular no futuro como integrante do quadro de professores das universidades federais. Sigamos na luta por uma educação de transformação e emancipação! Muito obrigado!

*A inteligência humana é caracterizada pela capacidade de se adaptar a mudanças. É resultado de gerações de seleção natural sobre indivíduos com capacidade para lidar com as novas circunstâncias. Não devemos, portanto, temer as transformações. Precisamos apenas fazer com que elas operem em nosso benefício.*

*Stephen Hawking*

## RESUMO

A presente investigação preocupa-se em rastrear as dinâmicas da violência em ambiente virtual de interação, particularmente, no que tange à sua relação com a memória. Especificamente, interessa-nos se efetua o processo de construção de memória relativa à violência, que ocorre na virtualidade do ciberespaço. Este espaço trata-se de um lugar de contradição, pois existe sem materialidade física e somente pode ser acessado por intermédio de tecnologias específicas para conexão em rede. A impossibilidade de estudar todo o ciberespaço se revelou no decorrer da investigação, o que fez com que cortes de campo sistemáticos fossem realizados, levando-nos às redes sociais. Portanto, esse é o campo da investigação: A rede social *Facebook*, mais especificamente, as páginas dessa rede que giram em torno do adágio “bandido bom é bandido morto”. Frente a grande quantidade de páginas, quatro delas foram selecionadas e, dentro das páginas, foram selecionadas também quatro publicações, uma de cada página, com o objetivo de serem analisadas para entender o movimento realizado pelos usuários em suas interações. Para tanto, lançou-se mão da netnografia, metodologia específica para tratar dados na internet que tem forte aproximação com a etnografia, junto à análise de conteúdo, que, em linhas gerais, tem por objetivo analisar os discursos em sua forma pura, numa espécie de dito pelo dito. Um dos desafios da tese foi encontrar uma forma de estruturar adequadamente as buscas, análises e resultados, mas espera-se que, por intermédio das tabelas presentes no texto, as interpretações sejam claras e precisas. Cada capítulo conta com uma ênfase em sua abordagem, estando eles divididos em memória, virtualidade, violência, redes sociais, metodologia e análises, entretanto por tratar-se também de uma investigação em rede é inevitável que, eventualmente, esses conteúdos se cruzem em capítulos diferentes, obviamente estando sua presença bem justificada e delimitada. Como conclusão, pôde-se verificar que as páginas da rede social servem de uma espécie de vitrine no qual as pessoas podem, de alguma forma, colocar para fora algo que é vedado de ser colocado, fazendo com que as páginas do *Facebook* tornem-se lugares para escarnecer ou para comemorar a morte daqueles que a população que frequenta a página identifica como “bandidos”. Nas conclusões, diversas considerações acerca da memória e da violência no ciberespaço são realizadas, evidenciando que a necessidade de as enquadrar não deve ser uma preocupação, visto que temos instrumentos para pensar ambas as instâncias humanas de muitas formas. Espera-se que este trabalho possa inspirar outros pesquisadores a lançarem-se em terreno virtual por intermédio de pesquisas inovadoras que busquem refletir sobre as questões da sociedade e da atualidade.

Palavras-chave: violência; memória social; rede social; virtualidade; ciberespaço.

## ABSTRACT

The present investigation is concerned with tracking the dynamics of violence in a virtual environment of interaction, particularly with regard to its relationship with memory. Specifically, we are interested in whether the memory-building process related to violence takes place in the virtuality of cyberspace. This space is a place of contradiction, as it exists without physical materiality and can only be accessed through specific technologies for network connection. The impossibility of studying all cyberspace was revealed during the investigation, which led to systematic field cuts, taking us to social networks. Therefore, this is the field of investigation: The social network Facebook, more specifically, the pages of this network that revolve around the adage “good bandit is dead bandit”. In view of the large number of pages, four of them were selected and, within the pages, four publications were also selected, one from each page, in order to be analyzed to understand the movement performed by users in their interactions. For this purpose, netnography was used, a specific methodology to treat data on the internet that has a strong approximation with ethnography, along with content analysis, which, in general, aims to analyze discourses in their pure form, in a kind said by said. One of the challenges of the thesis was to find a way to properly structure the searches, analyzes and results, but it is expected that, through the tables present in the text, the interpretations are clear and precise. Each chapter has an emphasis on its approach, being divided into memory, virtuality, violence, social networks, methodology and analysis. However, because it is also a network investigation, it is inevitable that, eventually, these contents cross into chapters. different, obviously their presence is well justified and limited. In conclusion, it was possible to verify that the pages of the social network serve as a kind of showcase in which people can, in some way, put out something that is forbidden to be placed, causing the Facebook pages to become places to scoff or to commemorate the death of those that the population that frequents the page identifies as "bandits". In the conclusions, several considerations about memory and violence in cyberspace are made, showing that the need to frame them should not be a concern, since we have instruments to think about both human instances in many ways. It is hoped that this work can inspire other researchers to launch themselves into virtual terrain through innovative research that seeks to reflect on the issues of society and today.

Keywords: violence; social memory; social network; virtuality; cyberspace.



## RÉSUMÉ

Cette recherche vise à suivre la dynamique de la violence dans un environnement virtuel d'interaction, notamment en ce qui concerne sa relation avec la mémoire. Nous nous intéressons spécifiquement à savoir si le processus de construction de la mémoire est effectué, par rapport à la violence, qui se produit dans la virtualité du cyberspace. Cet espace est un lieu de contradiction, car il existe sans matérialité physique et n'est accessible que par des technologies spécifiques de connexion réseau. L'impossibilité d'étudier tout le cyberspace a été révélée au cours de l'enquête, ce qui a entraîné des coupes systématiques sur le terrain, nous faisant accéder aux réseaux sociaux. Voici donc le champ d'investigation: le réseau social Facebook, plus précisément les pages de ce réseau qui tournent autour de l'adage «bon bandit est bandit mort». Compte tenu du grand nombre de pages, quatre d'entre elles ont été sélectionnées et au sein des pages, quatre publications ont également été sélectionnées, une de chaque page, afin d'être analysées pour comprendre le mouvement effectué par les utilisateurs dans leurs interactions. À cet effet, la netnographie a été utilisée, une méthodologie spécifique de traitement des données sur Internet qui a une forte approximation avec l'ethnographie, ainsi que l'analyse de contenu, qui vise en général à analyser les discours sous leur forme pure, dans une sorte de dire par dit. L'un des défis de la thèse était de trouver un moyen de structurer correctement les recherches, analyses et résultats, mais il est prévu qu'à travers les tableaux présents dans le texte, les interprétations soient claires et précises. Chaque chapitre met l'accent sur son approche, étant divisé en mémoire, virtualité, violence, réseaux sociaux, méthodologie et analyse. Cependant, comme il s'agit également d'une enquête de réseau, il est inévitable que ces contenus finissent par se retrouver dans différents chapitres, évidemment leur présence est bien justifiée et limitée. En conclusion, il a été possible de vérifier que les pages des réseaux sociaux servent de sorte de vitrine dans laquelle les gens peuvent en quelque sorte publier quelque chose qui est interdit à placer, faisant des pages Facebook des endroits à faire mépriser ou commémorer la mort de ceux qui, la population qui fréquente la page, s'identifie comme des "bandits" Dans les conclusions, plusieurs considérations sur la mémoire et la violence dans le cyberspace sont faites, montrant que la nécessité de les encadrer ne devrait pas être une préoccupation, car nous avons des instruments pour penser les deux instances humaines de plusieurs façons. On espère que ce travail pourra inspirer d'autres chercheurs à se lancer sur le terrain virtuel à travers une recherche innovante qui cherche à réfléchir sur les enjeux de la société et aujourd'hui.

Mots-clés: violence; mémoire sociale; réseaux sociaux; le virtualité ; le cyberspace.

## Lista de ilustrações

Figura 1: Estrutura rizomática .....	12
Figura 2: Primeiro resultado de busca pelo adágio.....	18
Figura 3: Cone Invertido .....	49
Figura 4: Restaurante falso.....	58
Figura 5: Levantamento de quantitativo.....	67
Figura 6: Exemplo de perfil da rede social.....	88
Figura 7: Exemplo de denúncia para publicação.....	90
Figura 8: Exemplo de denúncia para página de conteúdo .....	91
Figura 9: Reaction buttons.....	92
Figura 10: Barra de busca e filtros de resultado .....	95
Figura 11: Interações com eventos na rede social .....	97
Figura 12: Recortes de campo .....	110
Figura 13: Resultados de busca na rede social com aplicação do filtro “páginas” .....	116
Figura 14: Classificação de compartilhamento .....	117
Figura 15: Página de conteúdo 1 .....	119
Figura 16: Publicação mais compartilhada da página de conteúdo 1.....	119
Figura 17: Página de conteúdo 2 .....	122
Figura 18: Publicação mais compartilhada da página de conteúdo 2.....	122
Figura 19: Página de conteúdo 3 .....	125
Figura 20: Publicação mais compartilhada da página de conteúdo 3.....	126
Figura 21: Página de conteúdo 4 .....	128
Figura 22: Publicação mais compartilhada da página de conteúdo 4.....	129
Figura 23: Ilustração da capa da página de conteúdo 2.....	135

## Lista de tabelas

Tabela 1 : Quantitativo de usuários ativos nas redes sociais em 2019.....	65
Tabela 2: Elementos e recursos da rede social .....	98
Tabela 3: Elementos da postagem da página de conteúdo 1 .....	120
Tabela 4: Elementos da postagem da página de conteúdo 2 .....	123
Tabela 5: Elementos da postagem da página de conteúdo 3 .....	126
Tabela 6: Elementos da postagem da página de conteúdo 4 .....	129
Tabela 7: Análise dos comentários da publicação da página de conteúdo 1 .....	133
Tabela 8: Análise dos comentários da publicação da página de conteúdo 2.....	136
Tabela 9: Análise dos comentários da publicação da página de conteúdo 3.....	139
Tabela 10: Análise dos comentários da publicação da página de conteúdo 4.....	141

## SUMÁRIO

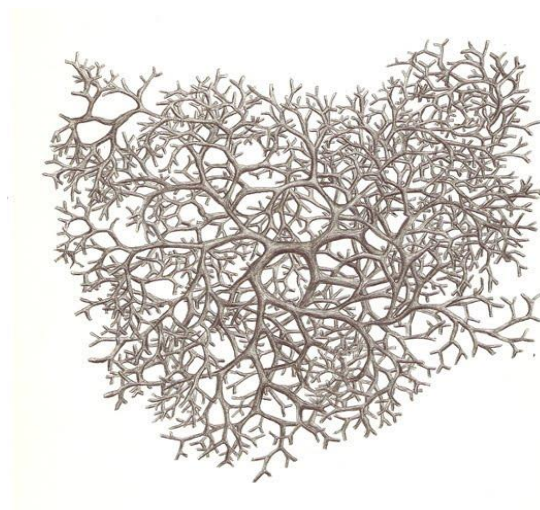
Introdução.....	12
Desenvolvimento.....	24
Capítulo 1 - Situando memória e subjetividade.....	24
Parte 1.1 – Memória individual e memória coletiva.....	29
Parte 1.2 – A memória subterrânea.....	37
Parte 1.3 – A memória, o esquecimento e os rastros de memória.....	39
Parte 1.4 – Os arquivos de memória.....	43
Capítulo 2 – Sobre a virtualidade e ciberespaço.....	46
Parte 2.1 – Virtualidade e memória.....	47
Parte 2.2 – Ciberespaço, tecnologia e seus desdobramentos.....	50
Parte 2.3 – O tempo, a virtualidade e a experiência.....	59
Parte 2.4 – Sobre a virtualidade da rede social.....	64
Capítulo 3 - Sobre a violência.....	68
Parte 3.1 – Os tipos de violência.....	69
Parte 3.2 – Enquadramentos da violência.....	71
Parte 3.3 – Lidando com a violência.....	78
Capítulo 4 – As redes sociais e a pesquisa.....	85
Parte 4.1 – Características e dinâmicas do <i>Facebook</i> .....	86
Parte 4.2 – O algoritmo da rede social.....	99
Capítulo 5 – Percursos metodológicos.....	104
Parte 5.1 – Explorando a (N)Etnografia.....	105
Parte 5.2 – As situações da pesquisa e aplicação do método.....	109
Capítulo 6 – Resultados e análises.....	115
Parte 6.1 – O processo de busca e os resultados.....	115
Parte 6.2 – Análise e interpretação dos dados.....	132
Conclusão.....	144
Referências.....	151

## Introdução<sup>1</sup>

O objetivo desta investigação é perscrutar o processo de construção de memória, relativa à violência, que ocorre na virtualidade do ciberespaço, acessível somente por intermédio do uso da tecnologia. Além disso, intenciona-se também verificar os possíveis efeitos dessa construção, seja no ser humano, seja na sociedade. Essa verificação será realizada por intermédio da análise das interações dos usuários da rede social *Facebook*. O eixo matricial da proposta de estudo concerne à convergência e ao entrecruzamento de três operadores conceituais: violência, memória e virtualidade. Pretende-se refletir sobre a interação desses operadores, considerando, a priori, que seu entrecruzamento ocorre no formato de uma rede que agrega em sua dinâmica ações simultâneas que remetem a ritmos, fluxos e propagações, envolvendo diversos atores sociais e produzir diversos efeitos.

Por intermédio de uma aproximação metafórica, recorre-se a um conceito que auxilia no entendimento dessa dinâmica da rede. Trata-se do conceito de rizoma, apropriação feita por Deleuze e Guattari (1995) de um termo da botânica. O rizoma refere-se a uma estrutura de raízes de plantas que crescem segundo orientações próprias, podendo gerar ramificações que, por sua vez, também podem gerar outras ramificações. Tais estruturas são comumente encontradas no subterrâneo dos solos, junto de algumas espécies de plantas e se estruturam conforme a ilustração (figura 1):

Figura 1: Estrutura rizomática



Fonte: TRINDADE (2013)

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

A estrutura da figura 1 foi utilizada por Deleuze e Guattari (1995) para representar a dinâmica da construção do pensamento humano, além de também ter sido vinculada à inteligência, considerando analogamente que quanto maior for o lastro de ramificações, mais inteligente o ser humano é. Além disso, os autores postulam que o rizoma seria uma boa representação da construção do conhecimento na mente humana, pois o crescimento das partes do rizoma ocorre de forma simultânea, imprevisível e desordenada, não obedecendo à uma hierarquia ou a uma pré-determinação, tal qual os diversos processos criativos que nos atravessam no decorrer da vida (DELEUZE; GUATTARI, 1995). O rizoma, após constituir uma estrutura básica para ramificações, aparenta não ter mais fim, pois se apresenta como um labirinto sem centro nem periferia, apresentando diversas ramificações imprevisíveis no seu decorrer.

Uma das características da configuração rizomática que deve ser destacada no contexto desta investigação é a de que mesmo após ser quebrado ou rompido em algum trecho ele “retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas. É impossível exterminar as formigas, porque elas formam um rizoma animal” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 17). Ou seja, retirar um trecho do rizoma não o impede de reconfigurar-se a fim de alcançar seu propósito original: ligar estruturas e compartilhar elementos. Sob esta aproximação os autores exploram uma série de configurações presentes na natureza que se estruturam em dinâmicas rizomáticas e nesse mesmo espírito pensou-se acerca do cerne do presente estudo.

Violência, memória e ciberespaço são, conforme mencionado, os conceitos que norteiam esta investigação. Sendo assim a questão da tese gira em torno da forma como estes três operadores se relacionam, intencionando especificamente perscrutar a forma pela qual a memória se constitui em relação à violência, no contexto do ciberespaço. Portanto, considerando a metáfora da estrutura rizomática, memória e violência estão sendo considerados elementos interligados pelo ciberespaço que atuará como rizoma do conjunto. Este rizoma conserva condições que favorecem o crescimento e a reprodução dos elementos que ele pode interligar, incluindo a memória e a violência.

É importante reforçar que, mesmo inicialmente sendo apontados como elementos contidos em uma dinâmica, não está se retirando da memória e da violência o caráter difuso e de difícil apreensão, enquanto conceitos. Sabe-se, por exemplo, que a memória é também dotada da capacidade de criar ramificações e estruturas de forma imprevisível (GONDAR, 2005), assim como a violência que detêm, da mesma forma, uma imprevisibilidade inerente à suas dinâmicas e consequências (MICHAUD, 1989). No

entanto, na medida em que esta investigação se preocupa em estudar os efeitos da interação entre esses dois operadores (memória e violência), em um meio específico (ciberespaço), recorreu-se num primeiro momento à lógica apresentada, intencionando abordar a forma pela qual se deu um dos pensamentos que orientou a construção da tese.

Nesse sentido, ainda no intuito de situar o leitor acerca dos pensamentos e da importância da tese, cumpre esclarecer uma questão: por que investigar o ciberespaço e suas dinâmicas? Para responder tal indagação, basta que tomemos um momento e imaginemos o cotidiano da atualidade estando desprovidos completamente de acesso a tecnologias que nos conectem a ambientes virtuais. De certo que esta tarefa não é impossível, contudo, deve haver certa dificuldade em fazê-la. Conseguindo tal fato, será inevitável que algum grau de desconforto se apresente em algum momento deste cenário imaginado, desconforto este, causado muito provavelmente pela ausência da tecnologia que integra o cotidiano na atualidade. Esse desconforto permite-nos em parte admitir que há uma forte relação entre nosso cotidiano e as tecnologias que nos permitem acessar os ambientes virtuais. Dessa forma, pensar o ciberespaço nos dias atuais não deve ser uma opção unicamente reflexiva, mas necessária, pois ao refletir sobre a forma como as tecnologias estão atravessadas na sociedade pode-se constatar a presença insistente de equipamentos eletrônicos intermediando nossa relação com o mundo em diversos âmbitos. Quer dizer, a proliferação e disponibilização de aparatos tecnológicos são responsáveis por uma nova interação e leitura do mundo que têm potencial para romper paradigmas e abrir novas perspectivas sobre a realidade momentânea (CASTELLS, 2013).

Para que possamos mensurar o grau desta inserção social da tecnologia basta consultar, por exemplo, os dados sobre a pesquisa do estado das crianças e jovens do mundo, publicada pela UNICEF em 2017, em que se constata que pelo menos 71% das crianças e jovens até dezoito anos acessam a *internet* diariamente (UNICEF, 2017), o que representa mais de dois terços da população mundial dessa faixa etária: cerca de 692 milhões de pessoas. Ainda a respeito do acesso à ambientes virtuais, constata-se que, entre 2012 e 2015, a presença on-line de pessoas (usuários de qualquer faixa etária) passou de uma hora e dezoito minutos para três horas e quarenta minutos, ou seja, um aumento de mais de 180% de utilização do tempo, todo ele sendo direcionado a ações que tem como intermediário um objeto e por objetivo a realização de uma ação no ciberespaço (YOUNG, 2015). Atualmente, estima-se que cada um que se conecta à *internet*, integrante do ciberespaço, utiliza cerca de seis horas e quarenta e nove minutos do dia em atividades virtuais, sendo esta uma quantia de horas referente a um dia. Desde 2015, essa estimativa

vem aumentando e levando em conta o aumento progressivo do uso do tempo para esse fim à tendência é de que ele continue a aumentar. No caso do Brasil, em 2015 éramos o terceiro país que ficava mais tempo *on-line* (SÃO PAULO, 2015). Atualmente, somos o segundo país que mais gasta tempo na *internet* atingindo a média de nove horas e vinte e nove minutos diários (WE ARE SOCIAL, 2019).

Portanto, ao levar em conta esses fatos, é necessário pensar as questões de estudo à luz do mais provável futuro da sociedade, que é o da intensa utilização de tecnologia no cotidiano. Soma-se ao que já foi apresentado, o fato de que nos encontramos em uma sociedade que tem por base de seu desenvolvimento o projeto capitalista, o que fez com que o investimento em tecnologia seja expressivo, ao ponto de alcançar em 2017, o montante de 3,5 trilhões de dólares (PETTEY, 2016). Nesse sentido, ao considerarem-se perspectivas, em que de um lado, temos pesquisas que descrevem os processos nos quais se encontram as gerações vindouras, e de outro, dados que falam de um progressivo aumento de investimentos, alcançamos um dos motores que impulsionam esta investigação: o de considerar a sociedade na qual nos encontramos para refletir acerca dela, pois a construção do conhecimento e da ciência é necessariamente histórica e atualiza-se de forma inevitável. Acerca disso, recorre-se à uma citação de Koyré (1991), que ilustra a importância da sensibilidade para os fatos do presente em relação aos históricos. Ele nos diz que:

A história não é inalterável. Modifica-se à medida que nos modificamos. Bacon era moderno quando a maneira de pensar era empirista. Não o é mais, numa época de ciência cada vez mais matemática como a nossa. Hoje, é Descartes que é considerado o primeiro filósofo moderno. Assim, em cada período histórico e a cada momento da evolução, a própria história está por ser reescrita e a pesquisa sobre nossos ancestrais está por ser empreendida de maneira diferente (KOYRÉ, 1991, p. 21).

Atualmente, encontramos-nos num momento sócio-histórico do desenvolvimento da humanidade no qual a velocidade das informações e as mudanças são múltiplas e constantes. As pesquisas voltadas para o desenvolvimento da inteligência artificial progredem rapidamente, gerando modificações nos pequenos aparelhos do uso diário, criando veículos autônomos, otimizando a interação com os ditos assistentes pessoais digitais como a *Siri*, o *Google now* e o *Cortana*; e a tendência é que estes avanços se tornem sombras diante do que os investimentos vindouros podem proporcionar (HAWKING, 2018). Portanto, faz-se necessário refletir acerca das possíveis consequências do aumento da utilização de tecnologia e do aumento do contato com a virtualidade à luz



de instâncias que nos são imanentes enquanto seres humanos, como é o caso da memória e da violência.

Antes de adentrarmos a apresentação da estrutura da tese, quero tomar a liberdade de mudar o tom da abordagem, a fim de apresentar os fatos que estão como pano de fundo da elaboração e realização do presente trabalho, bem como uma pequena cronologia dos fatos que contribuíram para esta empreitada, a começar pela aprovação no Doutorado. No início do ano de 2016, período no qual o projeto de doutorado encaminhado propunha trabalhar com pessoas privadas de liberdade do sistema penitenciário carioca, especificamente àqueles que realizavam atividades educacionais. Em meados deste mesmo ano, com a revelação dos esquemas de corrupção do então Governador, houve um movimento de suspensão das iniciativas de pesquisa universitária no complexo penitenciário do Rio de Janeiro e as perspectivas eram bem desencorajadoras no que tange à retomada dessas atividades. Tal fato em muito me desanimou, mas segui com os estudos normalmente, contudo mantendo uma insistente reflexão acerca do futuro no doutorado, especificamente em relação ao tema, questão e pesquisa.

No início do ano de 2017, uma onda de assaltos abateu a zona sul carioca e notícias a respeito desta temática estavam em ampla circulação na TV e nas redes sociais. Especificamente, considerando as veiculações na rede social *Facebook*, chamou minha atenção o retorno da circulação de uma notícia intitulada: “Adolescente é espancado e preso nu a poste no Flamengo, no Rio” (G1, 2014a). Segundo a notícia, durante uma tarde no bairro do Flamengo, um jovem negro foi capturado por um grupo de pessoas, supostamente moradores da região, e teve suas roupas arrancadas, ficando completamente nu. Logo após foi conduzido a uma esquina de boa visibilidade aos passantes e foi colocado sentado no chão, tendo seu pescoço preso a um poste por intermédio de um cadeado modelo *u-lock*, ou como é conhecido, cadeado “U”. O jovem permaneceu em postura semelhante à dos escravos quando aguardavam para serem punidos. Havia um clima de tensão evidenciado por vídeos que circularam na *internet* e estes apontavam para um inevitável linchamento do jovem. O fato somente não ocorreu, pois, um passante impediu o ato, justamente no momento em que parte da população presente vociferava ofensas e jogavam objetos naquele que agora era sua vítima. A pessoa interveio e evitou o pior para o jovem: mais agressão. Contudo, na *internet*, os usuários da rede social apresentavam-se indignados com a atitude da pessoa, afirmando que o jovem merecia, sim, receber aquele castigo e inclusive acusavam os algozes de terem sido lentos na aplicação do castigo, pois houve tempo de alguém resgatar o “bandido”.

O jovem foi encaminhado ao atendimento médico e durante esse processo foi procurado por autoridades policiais para falar sobre o episódio. Afirmou ter sido capturado por cerca de quinze homens, um deles armado inclusive, e que na ocasião não havia cometido nenhum crime ou algo do tipo (G1, 2014b). Novamente, os internautas indignados retomam o debate acerca da conduta dos moradores da zona sul do Rio de Janeiro que impediram o linchamento do suposto criminoso, que era frequentemente chamado de “bandido” por aqueles que interagiam nos comentários da rede social. Além disso, pareciam ignorar que a notícia que veiculava este salvamento continha informações que permitiam inferir a inocência do jovem (G1, 2014a).

Em meio aos comentários da *internet*, fiquei intrigado com a constante presença do bordão “bandido bom é bandido morto”. Após uma reflexão acerca do que foi constatado (as manifestações de ódio direcionadas a um ser humano em uma situação específica, somada a repetição sistemática do adágio acima mencionado) procurei realizar pesquisa na *internet* focalizando o olhar sobre o termo “bandido”, amplamente difundido na sociedade brasileira, e constatei que no ano de 2015, 50% da população brasileira era solidária ao adágio mencionado (G1, 2016), em 2016 esse número aumenta para 57% (EXTRA, 2016) e em 2018 há uma nova queda para 50% da população (JARDIM, 2018). Apesar dessa queda, considera-se que 50% é um valor extremamente representativo, visto sermos uma nação populosa, mas não surpreende se este quantitativo for na verdade maior, principalmente considerando que este adágio foi, durante muito tempo, um bordão de ordem disseminado pelo atual presidente da república. Tal bordão adquiriu popularidade no Brasil durante a década de 1980, ao compor o slogan eleitoral de um candidato à Deputado Estadual no Rio de Janeiro (PÊCEGO, 2016). Em entrevista, este Deputado, que era delegado da Polícia Militar do Rio de Janeiro à época, afirmou que “bandido bom é bandido morto e enterrado de pé, pra ocupar pouco espaço”. Além disso cumpre registrar que ele era grande apoiador do grupo “*Scuderie Le Cocq*”, grupo criado “para vingar o assassinato, em agosto de 1964, do detetive Milton Le Cocq pelo bandido Cara de Cavallo” (JUPIARA, 2015, p. 28) e este grupo tinha tinham carta branca para fazerem o que quisessem pela segurança da cidade. É comum que se encontre este discurso, da morte ao “bandido”, direcionado com mais energia aos pretos, pobres e de baixa escolaridade, fato este que se confirma ao observarmos que a composição do ambiente carcerário brasileiro possui 55% da população nesse recorte (DEPEN, 2016).

Tomar conhecimento dessas informações serviu de motivação para refletir acerca da possibilidade de tratar academicamente os temas que atravessam essa discussão. A

presença da violência como tema de interesse era marcante de maneira pessoal e trata-se de um tema que eu já pretendia trabalhar no projeto inicial. O atravessamento das redes sociais nisso também foi, inicialmente, bem recebido como ideia pois surgiria a oportunidade de estudar e trabalhar com um objeto que, a meu ver, ainda não é levado à sério por alguns estudiosos no que tange a potencialidade de transformação que possui.

Assim, para confirmar a existência da real possibilidade de lançar-me a esta empreitada, realizei uma busca, por intermédio de meu perfil pessoal no *Facebook*, que consistiu em digitar o adágio “bandido bom é bandido morto” na barra de busca da referida rede social. A busca resultou na exibição de diversos conteúdos relacionadas ao adágio, dentre eles, as páginas de conteúdo. Após essa pesquisa deparei-me com 99 páginas de conteúdo que permitem a livre circulação de um aparente discurso que prega a morte de outro ser humano, de maneira indiscriminada. Das páginas encontradas, fui surpreendido pelo quantitativo das três primeiras exibidas na pesquisa, que possuíam 4,7 mil, 22 mil e, 8,3 mil usuários, conforme imagem abaixo:

Figura 2: Primeiro resultado de busca pelo adágio



Fonte: *print screen* de resultados de pesquisa no *website Facebook*.

Minha surpresa veio em função de acreditar que este quantitativo era significativo, principalmente ao considerar que está presente em uma rede que é, até certo ponto, pública. Diante de tais informações indaguei-me objetivamente: qual é a relação da sociedade frente a violência que é difundida em meios virtuais? Posta tal pergunta, parti na busca de informações necessárias para elaboração de um novo projeto de pesquisa para ser

apresentado ao orientador. Tal fato foi consumado em janeiro de 2018. A trajetória das reflexões também integra o escopo deste trabalho, por esse motivo, foi imprescindível apresentar parte desta trajetória, incluindo os fatos de grande motivação para o lançamento da proposta.

Postos esses fatos, passemos ao ponto de introduzir não apenas a estrutura da tese, mas o entendimento conceitual de cada um dos balizadores que formam o tripé da investigação: memória, violência e ciberespaço. Contudo, é importante ressaltar que os conteúdos apresentados no decorrer da introdução pretendem ilustrar o espírito que move a investigação bem como a abordagem inicial de cada conceito, sendo estes aprofundados e/ou ampliados no decorrer de cada capítulo.

No primeiro capítulo, abordaremos o âmbito da memória, focalizando em uma de suas nuances conhecida como subjetividade. É necessário destacar que a memória tem sido, desde as mais priscas eras, objeto de reflexão entre as culturas e campos de saber das mais diversas origens. Tal fato permite-nos inicialmente inferir que a memória é uma instância reconhecidamente humana e que não se reduz aos fenômenos da consciência tampouco as reações químico-físicas do sistema nervoso (BERGSON, 1990). Por se tratar de instância humana, tem sido recorrentemente tema de indagações e elaborações acerca de sua dinâmica no ser humano e na sociedade. Perguntas como “quais são as forças que movem as cadeias de memória?” seguem até a atualidade como detentoras de uma gama de respostas, principalmente ao se levar em consideração o lugar de fala daquele(s) que indaga(m). No decorrer do capítulo, serão apresentados estudos sobre a memória que de alguma forma auxiliaram na reflexão da tese. Estes estudos tiveram de ser considerados para que fosse verificada a pertinência do pensamento sobre a memória, e consequentemente a subjetividade, no âmbito da tese.

Estaríamos reproduzindo alguma forma de pensar memória em um contexto específico, ou estamos trilhando outro caminho? Para responder essa pergunta, pensar a memória é apenas o primeiro passo. Para isso, é também necessário pensar o “espaço” no qual as memórias estão sendo construídas. Assim, no capítulo dois da tese, dá-se a abordagem da temática da virtualidade, por intermédio da discussão do ciberespaço. Nele, serão apresentadas as concepções de virtualidade que foram consideradas no decorrer da reflexão, que se dividem em duas: uma virtualidade diretamente vinculada ao ser humano, pois faz referência aos processos mnêmicos (de memória), e outra relacionada diretamente ao uso da tecnologia, à qual é acessada por intermédio de aparatos tecnológicos. A segunda concepção é justamente o campo no qual as interações entre memória e violência serão

consideradas. Estamos partindo da premissa de que a interação entre homem e virtualidade se configura como uma experiência, tal qual tantas outras experiências no decorrer da vida, e que, como tal, ela possui efeitos sobre a vida, conseqüentemente sobre a memória, as lembranças, e logo, sobre a subjetividade. Em função do acesso à virtualidade se efetivar por intermédio de um objeto externo ao corpo humano, esse intermediador do acesso também conserva um potencial para construir memória, na medida em que são justamente as interações e experiências que a constroem. Com isso, o acesso a conteúdos externos ao corpo, disponíveis também no ciberespaço, são passíveis de acionar dinâmicas de acesso às lembranças bem como de atualizar as mesmas.

Assim sendo, levando em consideração que a experiência produz subjetividade (DUBET, 1994), traz-se à tona o outro aspecto acerca do qual estamos nos lançando a refletir, também dentro da inserção no ciberespaço, e que será trabalhado no terceiro capítulo da tese: trata-se do conceito de violência. Entendemos que a violência, além de ser uma parte integrante do ser humano, é também uma experiência que pode ser vivida das mais diversas formas, logo, levando-se em consideração que o presente estudo tem como principal objetivo perscrutar a relação entre a memória (subjetividade) e a violência, que ocorre no âmbito do ciberespaço, observou-se a dinâmica da violência como um todo, no que tange às suas tipificações e dinâmicas de sociabilidade presentes na história do ser humano, para efetuar aproximações sistemáticas e procurar entender de que forma ela se insere nesses lugares virtuais cada vez mais presentes no cotidiano.

Tem-se posto, então, o encaminhamento inicial de reflexão de cada conceito chave nesta investigação. Memória, violência e ciberespaço formam o escopo principal deste trabalho, especificamente a interação entre memória e violência no ciberespaço. Com isso, tem-se que o ciberespaço e seus ambientes serão o campo da presente investigação e estamos, com isso, considerando que o ser humano, ao acessar a virtualidade por intermédio da tecnologia se coloca sujeito aos possíveis efeitos desta interação, e essa sujeição, inevitavelmente, terá como “produtos” restos, rastros ou vestígios de acontecimentos virtuais, que por sua vez nos impulsionam a pensar, escrever e falar sobre eles (DEBARY, 2017). Uma das provas disso, é a necessidade de escrita deste trabalho.

A título de campo de pesquisa, não se espera conseguir dar conta de todo o ciberespaço, pois este, trata-se de um “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 1999, p. 92), logo, em função disso, foram realizados recortes para que se alcançasse o campo específico de estudo: a rede social conhecida por *Facebook*. Esses recortes de campo não foram

realizados a priori, pois a necessidade de efetiva-los foi sendo revelada conforme as reflexões e as ações aconteciam no processo de construção da tese. O capítulo quatro da tese vai se dedicar a apresentar as particularidades dessa rede social e as dinâmicas encontradas no ato da pesquisa, bem como a abordagem do algoritmo do *Facebook*, ou seja, a sequência de códigos digitais que rege o funcionamento de parte da rede social.

O capítulo cinco da tese será responsável por apresentar os pressupostos metodológicos utilizados nesta empreitada. A principal metodologia utilizada será a netnografia, metodologia de pesquisa e intervenção que advém da etnografia e que foi pensada especificamente para ambientes *on-line*. Esse método nos diz que o ambiente virtual deve ser encarado como um campo, pois seu princípio de pensamento leva em consideração que existe uma relação entre a netnografia e a etnografia. Está última pode ser definida como um conjunto de “metodologias que compartilham da suposição de que o engajamento pessoal com o ser humano é fundamental para compreender uma determinada cultura ou ambiente social.” (KOZINETZ, 2014, p. 61) e é partindo desse princípio que nos engajamos a realizar uma imersão dentro do universo do *Facebook*, considerando a sua lógica e a forma como ele se apresenta às pessoas que o utilizam. Esse mesmo espírito guiou a imersão nas páginas de conteúdo que giram em torno do adágio “bandido bom é bandido morto”. Além disso, para dar conta dos conteúdos de intervenção dos usuários da rede social, principalmente dos comentários, lançamos mão da análise de conteúdo que em linhas gerais procura realizar uma interpretação do dito pelo dito, ressaltando a sua relação com os demais elementos de diálogo presentes na comunicação realizada (BARDIN, 2009). Por esse motivo, os discursos extraídos das páginas selecionadas estarão preservados em todas as suas singularidades, pois eles podem vir a evidenciar fatos sobre as pessoas que os utilizaram.

Considerando as referidas metodologias, é necessário reforçar que se partiu da premissa de que as interações entre memória e violência estão sendo pensadas no ciberespaço, isso quer dizer que as ações que emergem desses dois operadores conceituais (memória e violência) manifestar-se-ão por intermédio de tecnologias, em um meio sustentado, produzido e acessado somente por intermédio dessas mesmas tecnologias. O ciberespaço é o campo da pesquisa e a grande diferença em relação a este campo é que ele não será um local definido em uma unidade espaço-temporal fixa, pois acaba por ter um número infinito de ramificações, fato este que demandou da pesquisa uma circunscrição específica, que serão as páginas de conteúdo do *Facebook* que tem como palavras-chave o adágio “bandido bom é bandido morto”. Com isso, estamos querendo dizer que, ao se

realizar a pesquisa no *Facebook*, a busca por páginas utilizará o adágio como norteador, dessa forma, qualquer página que, segundo o sistema de busca, tiver relação com este adágio, será, a priori, considerada.

Em função de o *Facebook* ser uma estrutura em rede, ele também está sujeito a ser alterado subitamente, tal qual suas páginas de conteúdo, logo, a escolha necessitou de um processo de imersão que começou pela reflexão da possibilidade da abordagem do ciberespaço em uma tese de doutorado. Depois de um longo percurso que será detalhado no capítulo cinco, quatro páginas foram selecionadas para realização da pesquisa e coleta de dados e delas foram extraídos comentários de usuários contidos em conteúdos veiculados por cada página.

Com isso, temos os balizadores da abordagem da rede que deverão ser considerados para que haja uma pertinência no estudo e este possa fazer jus às metodologias utilizadas. Contudo, é necessário também ressaltar que ao delimitar os espaços no *Facebook* é importante considerar que essa delimitação se trata de um movimento tanto do pesquisador quanto do campo, pois “o campo de pesquisa coloca a questão em causa no interior da própria indagação” (FARIAS, 1996, p. 23). O campo demandou algumas movimentações e ele mesmo pode vir a movimentar-se subitamente, daí a aproximação com o rizoma apresentada no início da introdução. Essa aproximação também deve ser considerada quando da abordagem dos conceitos-chave, pois mesmo existindo capítulos específicos para tratar de forma aprofundada cada conceito (memória, violência, virtualidade), estes capítulos poderão ser atravessados por considerações que não falam objetivamente do assunto, mas que são necessários para sustentar a ligação com o objetivo principal e questão desta tese: como estão se configurando mnemonicamente as relações virtuais que são atravessadas pela violência.

Após as abordagens realizadas no capítulo cinco, tem-se a introdução do capítulo seis, que objetiva apresentar os resultados das buscas nas redes sociais e este divide-se em duas partes: a primeira voltada para a apresentação dos resultados, considerando suas sistematizações e pormenorizações, e a segunda voltada para a análise dos resultados obtidos nas buscas e sistematizações.

Como resultado desta investigação, espera-se que se aumente a possibilidade de constituir trabalhos interdisciplinares, pois ao apresentar possíveis interseções entre as ciências humanas, biológicas, exatas e da informação, objetiva-se que este estudo seja, no futuro, um estímulo para linhas de pesquisa e demais atividades que também vislumbrem, nesse tipo de ação metodológica, uma alternativa para lidar com as questões postas a eles

bem como à sociedade. Isso também evidencia o caráter de ineditismo desta produção, que se configura como aspecto de importância para a elaboração de uma tese.

Considerando os aspectos introdutórios mencionados, passemos a abordagem sistemática e aprofundada dos conceitos utilizados na reflexão e seus desdobramentos de interação, na intenção de tentar descortinar estes operadores que, ainda na atualidade, apresentam-se como enigmas a serem desvendados pelas reflexões e experiências humanas.



## Desenvolvimento

### Capítulo 1 - Situando memória e subjetividade

Conforme apontado na introdução, este capítulo tem como principal objetivo apresentar e refletir sobre um apanhado dos estudos da memória problematizando estes estudos frente ao objeto e o objetivo principal, logo, serão encontrados percursos históricos e pontos de vista diferentes sobre a memória. Foram abordados conceitos que de alguma forma contribuirão com a reflexão acerca da memória e da violência no ciberespaço tendo como motivador inicial para cada um deles a seguinte pergunta: estariam estes conceitos circunscritos aos contextos nos quais foram pensados, limitando suas aplicações enquanto método científico ou perspectiva teórica, ou eles são igualmente capazes de nos auxiliar a pensar a atualidade?

Para isso, a abordagem principal de cada parte do capítulo permanece em destaque, mas no decorrer do trabalho diversos entrecruzamentos e indagações são feitas em paralelo. Essa forma de escrita se fez necessária para conservar o eixo de abordagem do trabalho, que é justamente debruçar-se reflexivamente sobre o ciberespaço e as instâncias humanas que estão atravessando este meio. Esse entrecruzamento das sentenças reforça a aproximação metafórica com o rizoma, que justamente apresenta ramificações repentinas em pontos aleatórios, mas ao contrário do que o emaranhado de raízes faz com o observador, a intenção não é confundir, mas conservar a aproximação constante com o tema e as questões que estão sendo colocadas.

Acerca da abordagem histórica dos conceitos, é importante enfatizar que ela é uma abordagem encarada como necessária. Ao considerar os conceitos que atravessam nossa reflexão, principalmente a memória e a violência, contata-se seu aspecto ontológico humano e nesse sentido parte-se do princípio que a abordagem histórica é a mais condizente com este trabalho, pois por intermédio dela pode-se reconhecer e conhecer a história das modificações sociais e do homem, bem como lançar um olhar amplo sobre os acontecimentos sociais, viabilizando, por exemplo, a equiparação de um acontecimento antigo à um mais recente (LUCKÁS, 1979). Sendo assim, a abordagem dos estudos e da história da memória auxiliará na reflexão da construção da memória sobre a violência no ciberespaço.

Na esteira dos estudos acerca da memória, inicialmente é necessário destacar seu aspecto mítico, partindo da Mitologia Grega a qual, no decorrer de suas tramas, nos

apresenta a figura de Mnemósine, uma titânide considerada a deusa da memória, nascida da união entre Urano (o céu) e Gaia (a terra). No mito da criação grega, Zeus encontra-se com Mnemósine e com ela vem a conceber nove filhas, conhecidas como musas. Cada uma das filhas de Mnemósine era responsável por inspirar os homens a realizar atos específicos. Seus nomes são Calíope, Clio, Erato Euterpe, Melpômene, Polímnia, Tersícore, Tália e Urânia, e cada uma era responsável por inspirar os homens a construções relativas respectivamente à: poesia épica, história, poesia romântica, música, tragédia, cântico de hinos, danças, comédias e estudos astronômicos (VERNANT, 1990).

É importante ressaltar que as musas foram incumbidas de serem, no decorrer de sua existência, a fonte de inspiração de atos humanos identificados como ações que estão sempre de alguma forma relacionadas a algo transcendental em relação ao corpo, ou seja, aquilo que se sabe que existe, mas que ultrapassa as barreiras da carne e que integra a alma humana. É na alma que se encontra a verdade do homem, e as manifestações da alma encontram-se nos eventos que não são tangíveis pela matéria, e em função disto existia uma grande atenção voltada para as ações do homem inspiradas pelas musas (KOYRÉ, 2006). Tais ações que as musas inspiram não possuem uma linearidade de resposta para perguntas como: de onde vem, ou quais são as origens, da poesia épica? Ou da música? E das danças e das comédias? São frutos unicamente da criatividade humana? Ou demandam em sua construção algo além da criatividade? Algo que existe, mas que é de nomeação imprecisa e que no decorrer do tempo foi chamada de inspiração, vocação, *insight*, talento etc. O que merece destaque dentre estas indagações e comentários é justamente o fato de os frutos da memória, os atos que são criados pela ação inspiradora das musas, sempre transcenderem de alguma forma a existência e representarem algo que não é do plano concreto, mas é da esfera sensível, ou seja, passíveis de serem sentidos e até certo ponto observados. Muito provavelmente, em função dessa ligação com a imprecisão de definição unívoca é que a memória não pode, até a atualidade, ser definida de maneira disciplinar e unívoca, permitindo que diversos campos do saber, cada qual com o seu olhar próprio, aborde a temática da memória circunscrevendo-a a um contexto específico (GONDAR, 2016). É intrigante constatar que, apesar dos avanços científicos e tecnológicos nas mais diversas áreas, a memória é, até os dias atuais, objeto de inúmeras reflexões e pensamentos científicos e apesar de o mito grego ter sido construído apenas como uma história a ser contada, a memória representada por Mnemósine é vivida, carregada e pensada por cada ser humano com pleno exercício de suas faculdades mentais. Justamente, por isso, são

capazes de responder à pergunta: “o que é memória?”; independentemente dos conhecimentos que utilizaram para responderem a ela.

Distanciando-se do pensamento que envolve o mito grego e embarcando em um pensar sobre a memória, caracterizado como científico, é necessário ressaltar duas características dessa instância humana: a simultaneidade e o aspecto dialógico. A memória é simultaneidade, por ser, ao mesmo tempo, lembrança e esquecimento; acúmulo e perda; é tudo e nada; é objeto e resto; pois é constituída de processos que ocorrem constantemente e sem cessar (GONDAR, 2000). Determinar o preciso instante no qual ocorre cada processo mencionado é tarefa árdua, quando não impossível de se realizar. Além disso, a memória é também dialógica pois pressupõe um movimento de múltiplas possibilidades distintamente diversas, que realiza considerações e ponderações as quais, efetivamente, estabelecem processos de trocas e associações com elementos disponíveis nos mais variados cenários, todos eles marcados essencialmente pela simultaneidade (ABBAGNANO, 2000).

Falar de memória também significa falar de subjetividade pois ambas se relacionam de forma dialógica. A subjetividade tem relação com a memória e existe por intermédio dela, sendo constitutiva do intelecto humano e é, assim como os atos inspirados pelas filhas de Mnemósine, intangível no plano concreto, partindo do pressuposto de que esta “não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo” (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 31), construindo-se e reconstruindo-se na experiência humana, por intermédio da “maneira de sentir, de ser invadido por um estado emocional suficientemente forte para que o ator deixe de ser livre” (DUBET, 1994, p. 94). O sujeito deixa de ser livre justamente porque é no contato com o mundo que constrói seu universo subjetivo, nesse sentido a experiência com o seu entorno é fundamental para constituição do ser humano, pois a subjetividade é o fundamento do real, sendo uma instância que se apresenta primeiro, e se relaciona com o mundo interno do sujeito, da pessoa, que por sua vez relaciona-se, lançando-se sobre, com o mundo externo à ele, o mundo objetivo, fornecendo-lhe sentido (MIRIAM, 2011). Com isso, tem-se que a subjetividade se produz e tal produção surge a partir dos encontros, momentos, ocasiões, acontecimentos, enfim, qualquer instante que venha a produzir consequências e efeitos nas formas de viver e nos corpos, trata-se em suma do contato do ser humano com o outro, em que esse outro pode ser entendido como um ser social ou da natureza.

O processo da construção da subjetividade é atravessado por pensamentos e reflexões e estes não são atos que encontram um fim em si mesmos, pois tratam-se de atos de criação e transformação que se utilizam da memória (GONDAR, 2005). Em suma,

[...] o entendimento da subjetividade como sendo, simultaneamente, produzida por e (re)produtora de relações históricas e sociais, ou seja, de processos educativos (formativos) datados e situados, cujas especificidades, no seio da sociedade capitalista contemporânea, configuram processos sociais contraditórios que, assim, determinam processos objetivos e subjetivos de assujeitamento-resistência ou, em outras palavras, de alienação-emancipação (MIRIAM, 2011, p. 11).

Esses atos ocorrem simultaneamente no ser humano e todos são de uma rapidez difícil de mensurar. No mesmo átimo que um pensamento se faz, a certeza acerca da existência enquanto sujeito se presentifica em cada ser humano. Tudo isso sempre acompanhado pelos processos da memória, que nos auxilia nos pensamentos cotidianos, e na medida em que pensamos, existimos (DESCARTES, 1991). A relação entre o ato de pensar e a memória é indissociável de maneira que um necessita do outro para existir, e em função de ambos os fenômenos serem invenções, cada qual tem suas formas de, em conjunto, integrar a construção da subjetividade (GONDAR, 2003). A produção de subjetividades está vinculada a memória que por sua vez relaciona-se com a construção de identidades e todos estes últimos relacionam-se de forma dialógica, cada qual com o seu papel diante da constituição do sujeito enquanto ser social. A memória forma identidades, pois ela está estritamente vinculada com o poder e a produção de subjetividades. Nessa dinâmica, as relações de poder se utilizam do subjetivo para se constituir e essa constituição, que em geral é identitária, se utiliza da memória, apresentando-nos a nuance de que “a memória pode ser um instrumento de poder.” (GONDAR, 2003, p. 32). A manifestação do uso da memória como instrumento se revelará a depender das dinâmicas sociais nas quais os sujeitos estão inseridos. Lembranças, esquecimentos, silêncios e enunciações se presentificarão de acordo com as necessidades e desejos que decorrerem das relações sociais cotidianas.

Posto isto, parte-se da premissa de que memória e subjetividade são compreendidas como complementares, um não é capaz de existir sem o outro, contudo não se pretende enfatizar “qualquer dimensão psicologizante da memória, nem qualquer tendência idealista da subjetividade”, mas, sim, partir do princípio de que “não podemos separar a produção da memória de determinados dispositivos de poder em diferentes momentos históricos” (GONDAR, 2003, p. 34), e no cenário desta investigação, considerando o momento histórico no qual vive-se, o ciberespaço surge como dispositivo de poder que permite a circulação de discursos que constituem os esquemas mnêmicos e as subjetividades de seus usuários, na medida em que são copartícipes da construção e manutenção destes ambientes.

Conforme mencionado, abordar a temática da memória se constitui tarefa que demanda uma multiplicidade de conhecimentos, pois em função da memória ser objeto de reflexão de diversas áreas, há uma produção numerosa de conhecimentos acerca desta instância humana, dando-lhe múltiplos modos de representação e apresentação. Tanto a representação quanto a apresentação dos conceitos ou entendimentos acerca de memória são entendidos como modos de apreensão de uma palavra/objeto e a forma pela qual apresenta-se este a sociedade (FREUD, 1990). No que tange a memória e sua multiplicidade de apresentações, basta constatar a existência de explicações do âmbito neuro-cognitivo, do âmbito do aparelho psíquico e do âmbito da subjetividade, sem contar as explicações que vinculam a memória e o seu processo de construção aos grupos, sendo este último explorado mais adiante.

É importante ressaltar que não se propõe aqui uma releitura acerca da memória, tão pouco a criação de um conceito novo, mas se deve ter em mente que todo conceito é uma construção coletiva e que está necessariamente em aberto, bem como “são centros de vibrações, cada um em si mesmo e uns em relação aos outros. É por isso que tudo ressoa, em lugar de se seguir ou de se corresponder” (DELEUZE, 1993, p. 31), e é justamente esse fato que permite-nos refletir criticamente sobre eles.

Cumprе lembrar que as contribuições de Bergson (1990) no que tange à memória, que estão sendo consideradas, são aqueles referentes à memória enquanto uma instância humana capaz de ser acessada e atualizada. Esse princípio impacta de maneira singular a reflexão da tese, uma vez que se considera o lugar ciberespaço como um meio que oferece condições para a construção de memória. Este lugar trabalha com uma memória que é oriunda das relações tecnológicas, a dos dados informacionais, mas também trabalha com memórias que são produzidas na subjetividade humana, na medida em que os usuários humanos das tecnologias inserem, sob forma de dados, as suas memórias nos ambientes virtuais.

Acerca do funcionamento da memória na subjetividade humana, é importante destacar o seu processo de construção. Em primeiro lugar, é importante reforçar que a memória é parte integrante do homem que constitui a si mesmo e suas dinâmicas por processos estratificados de maneira que a memória, conforme já mencionado, não é uma instância unívoca e sólida, mas uma instância humana múltipla, registrada de diversas maneiras (FREUD, 1990). É interessante apresentar a metáfora da qual Freud (1990) se utiliza na intenção de descrever os processos mnêmicos: trata-se do bloco mágico. Este objeto, que se assemelha na atualidade a uma “lousa mágica”, é composto por uma

superfície de apoio, que conta com uma folha encerada e uma folha de celuloide, de maneira que ao aproximar um objeto e exercer pressão sobre as folhas as marcas serão registradas, contudo, se a folha encerada for afastada da folha de celulose as marcas deixarão de existir possibilitando o registro de novas marcas. É interessante observar que mesmo não existindo mais de forma visível na folha de celulose, as marcas dos antigos registros ainda podem ser encontradas no papel encerado.

Tomando tais premissas em consideração, pode-se conceber que a subjetividade possui uma grande capacidade de recepção, possibilitando ao registro mnêmico ser permanente e efêmero ao mesmo tempo, sendo assim passíveis de serem alterados (FREUD, 1990). É como se a memória pudesse ser compreendida como o produto direto de uma escrita singular, que existe enquanto remanescente e é passível de ser entendida e decifrada, conservando em si a capacidade de ser também atualizada (FARIAS, 2008).

Nesse sentido, tal concepção do funcionamento e da dinâmica da memória foi considerada nesta reflexão. Isso porque o foco de análise pretende recair sobre os produtos da interação da memória com o ciberespaço e esta interação é inevitavelmente sensível, na medida em que é o corpo que funciona como ponte entre o ciberespaço e a subjetividade. As interações do corpo com os momentos produzidos pelo acesso ao ciberespaço sem dúvida operam como os registros feitos sobre o bloco mágico, gerando registros que são, ao mesmo tempo, permanentes e efêmeros. Com isso, parte-se do princípio que a identificação de signos ocorre também em ambiente virtual e estes signos podem ou não ter o mesmo significado que no ambiente real, aspecto que será aprofundado no capítulo acerca do ciberespaço e da virtualidade em específico.

Assim sendo, considerando o encaminhamento da reflexão proposta serão apresentadas diversas concepções de memória que auxiliaram no processo de reflexão acerca das dinâmicas mnêmicas do ciberespaço, possibilitando uma aproximação maior com o objetivo da tese.

### Parte 1.1 – Memória individual e memória coletiva

Pode-se constatar que as reflexões e estudos sobre a memória são antigos, contudo houve uma maior frequência destes estudos no período que antecede a Segunda Guerra, época na qual as produções de Maurice Halbwachs ganham destaque pois houve uma inovação nos estudos da memória, que, até então, era tratada principalmente pela psicologia e pela filosofia, áreas que conduziam a reflexão considerando o ser humano

como um enigma no que tange às dinâmicas acerca da memória. A grande contribuição de Halbwachs foi migrar essa temática de estudo para a sociologia, dando a entender que a memória também é um fenômeno que escapa ao espectro individual e tem relação com os grupos da sociedade, concretizando esta migração por intermédio da apresentação da noção de memória coletiva, postulando que “a memória coletiva (...) envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas” (HALBWACHS, 2003, p. 53), justamente porque a memória coletiva necessita do coletivo para existir e este é justamente o ponto de destaque dos estudos de Halbwachs: o caráter social que passa a ser atribuído a memória.

Sem dúvida, por sermos humanos e por consequência, seres sociais, somos constantemente atravessados pelas forças da memória e igualmente da memória coletiva. Isso, justamente, porque jamais estamos a sós. Tal noção de ausência de solidão é um dos principais pontos de Halbwachs em seu pensamento, pois mesmo naqueles momentos nos quais se supõe a solidão física, esta se trata apenas de uma primeira impressão, que é real no momento mas falsa em memória, pois o outro (ou os outros) estão próximos a nós em pensamento mesmo que não os percebamos em consciência (HALBWACHS, 2003, p. 31).

Tal memória, para ser considerada e pensada, obviamente surgiu em algum momento, por intermédio de uma menção ou representação. Esse lugar, onde a memória se manifesta, foi nomeado quadro social da memória; ou seja, na medida em que a memória coletiva se apresenta na sociedade ela é enquadrada em relação a sua dinâmica na sociedade. Tais enquadramentos são em certo sentido utilizados para a manutenção da coesão social e da força estruturante dos grupos em relação à sociedade como um todo. Nesse sentido, a memória pode começar a ser entendida como uma construção processual que se ancora nos elementos presentes no grupo, sempre por uma premissa que de alguma maneira une, relaciona simultaneamente o grupo, cada um entre si e com o todo. Não importa qual lembrança se tenha do passado, mesmo que pareça exclusivamente resultado de pensamentos, reflexões e experiências, elas somente existirão enquanto memória quando em um quadro social, pois não sendo assim, não existirão (HALBWACHS, 1925). Assim, os quadros sociais não são constituídos pela combinação de memórias individuais, mas são instrumentos de que a memória coletiva se apropria para recombinar imagens de um passado, a cada época, com os pensamentos dominantes<sup>2</sup> da sociedade, reforçando a noção de que “é na sociedade que as pessoas adquirem normalmente as suas memórias. É

---

<sup>2</sup> Por dominante entende-se aquele grupo socialmente hegemônico dentro da estrutura social observada, que, por sua vez, detém os meios de organizar grande parte da conjuntura social no intuito de conservar seu modo e estilo de vida.

também na sociedade que recordam, reconhecem e localizam as suas memórias” (HALBWACHS, 1925, p. 38, tradução nossa).

A título de ilustração de como o passado nos invade, pode-se, por exemplo, constatar que “para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (HALBWACHS, 2003, p. 31). Posto em outras palavras, nós não recordamos de um evento unicamente na presença do contexto que o gerou, somos justamente capazes de recordar fora do contexto. Contudo, para que se possa recordar de um evento passado, não basta que ele seja evocado por outros para que possamos lembrá-lo. É preciso que o ser humano traga consigo uma espécie de semente de rememoração para que todos esses conjuntos de testemunhos e fatos exteriores se transformem numa forma identificável de lembrança. Esta peculiaridade nos leva a admitir que estamos e somos profundamente impregnados pela presença do outro em nossa existência. Um primeiro elo entre os seres humanos é justamente o da dependência completa que possuímos até certo ponto do nosso desenvolvimento. Somos um dos seres mais dependentes de nosso semelhante<sup>3</sup>, contudo, mesmo após alcançar um certo grau de autonomia de vida, pode-se constatar que é agradável conviver em grupo, mesmo que esta convivência apresente momentos de tensão e desprazer. As consequências da convivência em grupo são apenas outro elo presente nas relações de memória (individual e coletiva).

Ainda acerca do impacto do outro em nossa memória, traz-se à tona um fato curioso: quando ocorre de não nos recordarmos do evento narrado por aqueles que, assim como nós, estiveram presentes na ocorrência do evento, pode-se dizer que o elo se rompe e o pertencimento àquele grupo, por parte do ser humano que não lembra é abalado (HALBWACHS, 2003). Este rompimento incorre na possibilidade de o grupo passar por rearranjos e acabar por, na ausência da memória, transformar-se; disto, confirma-se que a memória é um “processo de fundamental importância no contexto das transformações sociais” (FARIAS, 2011, p.7), tanto quanto é no contexto das relações sociais. Nesse sentido, indaga-se: seriam estes postulados aplicáveis ao do ciberespaço? Nas relações que são estabelecidas por intermédio da virtualidade, é pertinente que se pense desta forma? Inicialmente, estes são alguns provocadores específicos que pensam à relação entre memória e ciberespaço, contudo é necessário caminhar mais.

---

<sup>3</sup> Somos uma das poucas espécies de mamíferos, junto dos primatas em geral, que nasce totalmente dependentes de um outro ser. Não possuímos nenhum grau de autonomia para garantir nossa sobrevivência após a saída do útero.



Das leituras que se encontram disponíveis acerca da memória, outra vertente que antecede a abordagem de Halbwachs (2003) é a de Bergson (2001) que explorou o aspecto cosmológico da memória, objetivando estudar a origem, composição e estrutura desta instância humana, eminentemente por intermédio de reflexões que consideravam o tempo e sua relação com a memória. O autor se lança numa empreitada filosófica e epistemológica acerca da memória, que busca também legitimar outras formas de construir e constituir a ciência e o saber filosófico, formas alternativas à ciência positivista clássica<sup>4</sup>. Sabe-se por exemplo, que em seus dias de amplo reconhecimento e aceitação social, esta modalidade de construção do saber científico era a única entendida e aceita em meio aos mais variados grupos de estudiosos, apresentando-se como um método científico, que, teoricamente seria capaz de desvendar qualquer questão relativa a qualquer objeto, após adaptá-lo e inseri-lo num ininterrupto encadeamento lógico que objetivava legitimá-lo como conhecimento válido<sup>5</sup>.

Diante desse cenário rijo, saberes como a filosofia, a psicologia, a antropologia, dentre outros, acabavam por ser desconsiderados enquanto legítimos nos cenários de difusão do conhecimento científico, pois seus métodos não seguiam a premissa positivista. Bergson (1974) faz coro aos que não se encaixam nesse alinhamento e adota uma sistemática metafísica para considerar seus estudos e reflexões, e legitima a viabilidade de seus questionamentos por intermédio de muitas passagens presentes em diversas de suas obras, das quais destaca-se a seguinte: “Seja, por exemplo, o movimento de um objeto no espaço. Eu o percebo de maneira diferente conforme o ponto de vista, móvel ou imóvel, donde o observo” (p. 19). Esta passagem merece destaque por se referir a um evento frequentemente utilizado no campo da matemática e suas tecnologias, o movimento de um corpo, às quais utilizam sistematicamente o método positivista para comprovar suas teorias, no entanto é lançado um questionamento sobre os limites desse método. Obviamente foi dito – e talvez ainda seja - que a variável apresentada por Bergson – o lugar de observação – já é considerada em muitos estudos da física, contudo é por intermédio dela que ele permite que um outro questionamento se instale: se afinal existe uma variação, representada pelo lugar de observação, porque não haveria de existir outras

---

<sup>4</sup> Essa ciência segue alguns preceitos metodológicos marcados pela padronização de condições, experimentação, ordenação dos resultados advindos da experiência e conclusões que levam em conta apenas os fatos e as relações entre os mesmos, sem buscar explicações para a ocorrência dos fenômenos (CUPANI, 1997).

<sup>5</sup> Pode-se elencar como características essenciais dos positivistas: a) Pró-observação; b) Ênfase na verificação; c) Anticausa; d) negação à metafísica; e) recusa a explicações profundas, que não sistematizam o fenômeno, mas tentam explicá-lo; e, f) recusa à entidades teóricas abstratas (HACKING, 1994).

variações que podem estar sendo desconsideradas? Bergson incentiva a dúvida e o questionamento, por intermédio do lançamento de novos olhares sobre algo que é, até certo ponto, já conhecido. Nesse sentido, a sistemática de seus estudos acerca da memória vai operar por esse viés metodológico, considerando o uso da criatividade e da subjetividade para postular os encaminhamentos reflexivos e teóricos.

Assim, em seu modo de entender, a memória opera com um tipo de virtualidade, ou seja, uma instância que é individual, que lida com as imagens e que é constitutiva da subjetividade. Além disso, a memória pode, até certo ponto, ser acessada e atualizada, decorrendo disto a utilização de um processo criativo (BERGSON, 1990). As considerações do autor contribuem, por exemplo, para pensar a relação entre memória e *elã vital*, reforçando a dimensão ontológica da primeira além de reforçar seu âmbito imanente à existência humana pois é inegável que somos seres de memória. Temos muito mais passado em nós mesmos do que presente. O que nos constitui é sempre algo que está vinculado à memória, incluindo a forma como vive-se o presente e a maneira pela qual se incorpora a experiência, pois é a memória que se articula subjetivamente e nos ajuda a entender o presente da melhor forma. Caso assim não fosse, não estaríamos aptos a entender as coisas do mundo, pois sem a memória e conseqüentemente sem o passado, tudo seria instantâneo e desta instantaneidade constante não daríamos conta enquanto sujeitos (BERGSON, 1990).

Essas ideias revelam a aceção de tempo que o autor apresenta, introduzindo noções, até então, pouco estudadas na história da filosofia. O tempo sempre foi um problema para a filosofia no sentido de comprometer a estabilidade do mundo, desde a antiguidade grega o tempo foi sempre um calcanhar de Aquiles e o ser humano, de forma geral, esforça-se sistematicamente para bolar estratégias de que fizessem com fosse possível escapar o caráter transitório do tempo (BERGSON, 1990). Nesse sentido, desde os antigos, tem-se a eternidade como sendo a verdadeira realidade do tempo e o tempo em que se vive no presente, no qual coisas surgem e desaparecem, seria apenas uma aparência do tempo em nossa alma sobreviverá. O destino do homem seria a eternidade e a consolidação da filosofia Cristã reforça ainda mais essa noção, por intermédio da figura de deus, que é, por excelência, o ser da eternidade, e esta eternidade para a qual o ser humano está destinado a retornar sempre foi uma ideia muito forte e consoladora (BERGSON, 1990). O fato de o ser humano ter consciência de que o tempo é finito e conseqüentemente de que ele inevitavelmente morrerá foi, e ainda é, motivo de angústia em sua existência, e face a isto as metafísicas das religiões trabalharam no sentido de minimizar os efeitos dessa

consciência-fato. Ao perceber essa constituição filosófica em torno do tempo Bergson (1990) aparece na segunda metade do século 19 com a ideia de desmistificar tudo isso e fazer com que o ser humano viesse enfrentar de maneira muito positiva a efemeridade da existência, reafirmando que o tempo é a instância na qual as coisas existem depois não existem mais, elas mudam, deixam de ser como eram e passam a ser de outra forma, ou até mesmo desaparecem. A duras penas, a noção de tempo foi apresentada como sendo própria do ser humano e que a dignidade deste ser não seria pensar de forma ilusória que ele estaria destinado a eternidade, mas justamente aceitar seu caráter transitório e efêmero vivendo esse fato com autenticidade (BERGSON, 1990).

Nesse momento, a memória adquire uma importância extraordinária no pensamento bergsoniano, em função de o ser humano constituir-se como um ser de memória, com muito mais passado do que presente, aquilo que se pode lembrar, aquilo que nos constitui é sempre alguma coisa que está ao encargo da memória, incluindo a maneira pela qual percebe-se e entende-se as coisas. É a memória que articula os fatos ocorridos e evidenciando que o presente depende muito das nossas vivências passadas (BERGSON, 1990).

Esta concepção acerca do funcionamento da memória permite-nos inferir que há um certo grau de sujeição por parte das memórias individuais em relação aos parâmetros coletivos construídos, visto que em última e primeira instância nossas lembranças estão relacionadas aos grupos que integramos, ou seja, aos grupos sobre os quais tem-se uma sensação de pertencimento, e aos hábitos que estes demandam de seus integrantes. Contudo, ao submeter a memória a este tipo de posição determinista não está se levando em consideração a dialógica e a tensão presentes na relação entre a construção social do passado e a memória individual. Disso, decorreu um excesso de ênfase ao caráter coletivo da memória e por consequência surge um relativo desprezo a relação da consciência e da memória individual com a consciência e as memórias da coletividade que os seres humanos efetivamente constituem. Por esse prisma, o ser humano é colocado como uma espécie de autômato, sujeito integralmente à uma vontade antropológica, coletiva interiorizada (FENTRES; WICKHAM, 1992), e nesse sentido Halbwachs (2003) dá um passo além, ao apresentar a noção de memória social que estaria sempre a considerar os aspectos individuais e coletivos bem como a dialógica entre estas duas instâncias.

Um tipo de memória específica e individual, que é entendida como uma memória que replica o passado, repete-o, sem ser reconhecida como passado no ato de sua repetição é a memória-hábito. Este tipo de memória utiliza o acervo da ação passada para a ação

presente, replicando-se de forma automática (BERGSON, 1990). É importante mencionar que toda memória, mesmo a memória-hábito, surge por ter sido antes uma criação, impulsionada por uma necessidade. Em sendo a memória uma instância que se constrói em contextos sociais, pois toda memória é coletiva (HALBWACHS, 2003), há por detrás dela um contexto que provocou o seu surgimento. Ao se pensar, por exemplo a prática da memorização, ou do “saber-de-cor” pode-se arriscar afirmar que aquilo que ocasionou a criação desta memória-hábito foi a necessidade de ter aquela informação facilmente “acessível”, para ser utilizada quando necessário, ou seja, houve uma relativa perturbação no ser humano, um incômodo externo a ele, independentemente de sua vontade, uma alteração de seu estado anterior, a ponto de movê-lo (quicá obrigá-lo) a criar algo que viesse a resolver a sua necessidade momentânea. Este algo acabou por revelar-se ou tornar-se uma memória-hábito.

Apesar de as definições e pesquisas de Halbwachs e seus predecessores terem sido profundas, jamais deram conta de definir e conceituar a memória pois o “conceito de memória, produzido no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja” (GONDAR, 2005, p. 17), ou seja, trata-se de uma criação processual, que não restaura um passado, mas sim, o constrói diante do ângulo do presente. A memória é algo que surge a partir das relações sociais, sendo o tempo o seu componente inseparável, este não sendo visto como algo neutro que remeta à deterioração ou à evolução, mas sim devendo ser compreendido como uma eterna transformação do real. O tempo é devir. Não se volve necessariamente a algum ponto ou desfecho, ele é um puro processo de tornar-se algo além da coisa tornada (GONDAR, 2005). Justamente por isso, a memória não pode ser reduzida à representação, pois trata-se de um fenômeno vivo, complexo e pulsante, em que as representações são apenas os referentes capturados, ou percebidos, daquilo que se encontra numa incessante mobilidade. A memória é muito mais do que um aglomerado de representações, ela exprime também um conjunto de fatores irrepresentáveis, como as formas de querer, sentir, as práticas de si e ações inovadoras, que sempre giram em torno de signos e imagens, numa eterna luta entre lembrança e esquecimento, principalmente porque são estes eventos que constroem a memória (GONDAR, 2000).

Em função de, na contemporaneidade, existir um alto grau de imersão tecnológica, é necessário refletir acerca de tudo relacionado à ela, principalmente os aspectos imanentes ao homem, como é o caso da memória. Este grau de imersão modificou sem dúvida a experiência humana pois os avanços tecnológicos fizeram com que o homem superasse suas impotências. A comunicação se efetiva de forma rápida e singular, as distâncias são

percorridas com muitíssima agilidade quando comparadas às velocidades utilizadas anteriormente, dentre outras das inúmeras modificações que puderam se concretizar por intermédio da utilização das inovações tecnológicas. Tal utilização, inevitavelmente, modificou a forma como as pessoas interagem, seja com a sociedade, seja com seu semelhante, seja consigo mesmas. Outro aspecto marcante relativo à intensidade na utilização da tecnologia no cotidiano é a constatação da frequência de utilização dos celulares, tablets e semelhantes, mesmo em situações de extremo cansaço e apatia, como é o caso de pessoas que levam os celulares para suas camas ou aquelas que necessitam verificar seus e-mails antes de dormir e ao acordar (BURGOS, 2014; GONÇALVES, 2018)

No contexto do presente estudo, a memória vem à tona como um aspecto humano que sem dúvida deve ter sido afetado por este aumento progressivo e constante da utilização da tecnologia. Um cenário que nos permite formular esta constatação é o advento das tecnologias de registro diário, que podem ser preenchidas com informações sobre o cotidiano, tarefas a serem feitas ou até dados específicos a serem arquivados, não demandando do usuário humano a utilização de sua memória orgânica para o armazenamento dessas informações, pois agora elas podem ser alocadas em uma “memória-objeto” localizada no ciberespaço. Nesse sentido, indagamos também que o momento reflexivo, de contato do ser humano com sua própria memória e por consequência com sentimentos e sensações, pode tender a serem menos frequentes, quiçá inexistente, trazendo à tona uma época na qual o esquecer pode ser tomado como ação comumente encontrada, uma vez que já não há necessidade de eu gastar energia para lembrar, pois algo já se encarrega de lembrar por mim.

É curioso, por exemplo, constatar que atualmente, ao receber um novo bem de consumo em sua embalagem original o consumidor, não sabendo operá-lo bem, procura um *tutorial* na *internet* acerca da forma correta de utilização, quando poderia simplesmente ler o manual. A dinâmica em torno do “pensar” sobre algo ou sobre alguma coisa tem se modificado sendo atropelada pela dinâmica do consumo e do capital, apresentando como justificativa o fato de que é possível acessar algo que fornecerá a informação desejada de forma mais ágil e rápida. Nesse sentido, reforçam-se os impactos que as modificações das dinâmicas sociais decorrentes da apreensão das tecnologias no cotidiano têm causado, observando que estas:

[...] têm suas consequências, inclusive, no campo das afecções psíquicas mórbidas. Sendo assim, nos fundamentamos na ideia de que o tempo é uma

construção subjetiva produzida por saltos qualitativos, ou seja, saltos indicativos de passagens lógicas e não cronológicas em que operam: “dois mecanismos de memória: a memória de um passado, que não passa, como o mecanismo de reprodução do já produzido, cuja falha é o esquecimento dos fatos, de dados e de conteúdos; e a memória do futuro, como o mecanismo de criação, em cuja falta reina a compulsão à repetição” (CARNEIRO LEÃO, 2003, p. 11). Essa construção do tempo pensado como um instante efêmero compõe uma engrenagem descontínua forjada pelos arranjos, produzidos pelos registros das vivências acondicionadas em sistemas mnésicos. Somente a partir dessa dimensão dos registros dos sistemas mnésicos é que se pode mencionar a instauração de passado e futuro como vetores de sentido para a massa disforme das vivências do presente. (FARIAS, 2008, p. 105).

E dito isto, indaga-se: essas dinâmicas mnésicas estendem-se necessariamente ao ciberespaço?

Se a Memória pode ser entendida como um processo que “não nos conduz a reconstituir o passado, mas sim a reconstruí-lo com base nas questões que nós fazemos, que fazemos a ele, questões que dizem mais de nós mesmos, de nossa perspectiva presente, que do frescor dos acontecimentos passados” (GONDAR, 2005, p. 18), estaria o ciberespaço sendo objeto de construção de memória e conseqüentemente de subjetividade? É importante ressaltar que os conteúdos virtuais que não são reais, mas são representação do real, tratam-se de algo que é controlado e passageiro por excelência pois é passível de ser editado, deletado e destruído. Há quem possa argumentar que a memória humana também pode ser editada, deletada ou destruída. De fato, ela pode, mas não com a facilidade e a precisão que as informações tecnológicas podem ser, e nesse sentido, tentar comparar esses tipos diferentes de edição é uma impossibilidade.

Postas estas considerações sobre a memória, passemos à abordagem de outra tipificação que igualmente nos auxiliou na presente reflexão.

## Parte 1.2 – A memória subterrânea

Neste momento, cumpre lembrar que o presente capítulo está explorando diferentes nuances e tipificações dos estudos da memória e realizando as aproximações devidas com o objeto de reflexão da tese. Logo, para prosseguir na reflexão, recorre-se ao que Halbwachs traz sobre a memória e sua função de unir os grupos. Se o ciberespaço é um “espaço” diferenciado para a relação de pessoas; seja entre si, de forma homogeneizante, seja de uns com os outros (LÉVY, 1999); ela por consequência abre espaço para a produção e manifestação de memória.

Dentre as possibilidades acerca do funcionamento da memória nos espaços virtuais de interação, aventa-se que elas se apresentem nestes espaços como uma memória subterrânea, ou seja, uma memória que teve de ser mantida em segredo. Especificamente, acerca destas memórias, é necessário ressaltar que, se por um lado, elas se veem relegadas ao silêncio e rondadas pelo esquecimento por períodos extensos, por outro, elas podem revelar-se com muita intensidade em função de alterações sociais e pessoais, rompendo com a dinâmica mnêmica até então vigente à pessoa e provocando consequências (POLLAK, 1989).

Em função de este tipo de memória comumente encontrarem-se à margem, elas não podem propagar-se por intermédio dos meios oficiais de expressão do cotidiano. Mesmo assim, persistem como uma forma de resistência política e cultural vinculada ao grupo no qual circulam (POLLAK, 1989). Nesse caso, a memória, enquanto construção idealizada do passado que se faz no presente, pode ser entendida como uma forma de contestação da ordem vigente e como a formulação de um projeto pessoal e social, para o futuro.

As memórias subterrâneas tendem a sobreviver e a transmitir-se por vias informais, como redes de sociabilidade que abrangem o âmbito da família ou de pequenos grupos, sempre com uma tonalidade afetiva mais acentuada e foi nesse sentido que parte da reflexão se aproximou desse conceito para pensar a memória veiculada em rede social acerca dos “bandidos”. Essa alusão se faz pois, na medida em que a modernização das tecnologias da informação, mais particularmente a *internet*, aumentou vertiginosamente, houve acesso a possibilidade de anonimato dentro destes espaços virtuais. Obviamente, esse anonimato tem limites, mesmo assim, qualquer um agora é capaz de, por intermédio da tecnologia adequada, acessar um espaço que oportuniza ao usuário compartilhar suas memórias subterrâneas. Estas memórias são comumente lembranças não-ditas, e tratam-se de lembranças “transmitidas no quadro familiar, em associações, em redes de sociabilidade afetiva e/ou política. Essas lembranças proibidas [...] são zelosamente guardadas em estruturas de comunicação informal” (POLLAK, 1989, p. 6). Nesse sentido, considera-se que o ciberespaço está sendo um meio no qual tais memórias subterrâneas virão a se manifestar.

Contudo, alude-se à dois desdobramentos possíveis do conceito de memória subterrânea no contexto do ciberespaço; o primeiro permite-nos inferir que, ao sustentar por algum período a memória em circulação, as pessoas fazem com que esta deixe de ser memória subterrânea pois saem do âmbito do secreto, passando a ser algo a mais; a segunda permite-nos refletir sobre a possibilidade de essa memória permanecer nessa

condição, na medida em que o anonimato pode ser evocado neste contexto, o do ciberespaço, bem como o contexto específico – *Facebook* – pode ser retirado do cotidiano com facilidade, num clicar de dedos. Tais possibilidades foram motores na reflexão acerca da relação da memória com o ciberespaço.

Essa memória silenciada que marca o ciberespaço pelo olhar desta empreitada é justamente aquela referente ao ódio direcionado a determinadas pessoas sobre determinados contextos – neste caso, as pessoas que cometeram crimes. Ao levar-se em consideração, por exemplo, que a propagação do ódio a pessoas presas, ou pessoas que cometeram crime, pode ser interpretada como uma infração que terá consequências no âmbito jurídico e social, diversas pessoas silenciam-se, limitando a circulação dessas memórias de ódio ao ambiente pessoal e familiar. O advento do ciberespaço criou então, conforme mencionado, um lugar que anteriormente não existia e que possibilitou a essas pessoas colocarem em circulação uma memória que era mantida, até certo ponto, em segredo, não por força de uma figura tirana, mas sim por força de aspectos da estrutura social na qual a pessoa está inserida, sendo esse um dos aspectos que inclusive é objeto de estudos em outras nações<sup>6</sup>. Portanto, essa e outras formas de tratar a memória necessitam ser consideradas no contexto em questão.

Posto isto, avancemos para reflexão de abordagens acerca da memória que consideram o silenciamento e esquecimento de forma mais específica, sempre lembrando que o ponto nevrálgico da reflexão é o entrecruzamento da memória, violência e ciberespaço.

### Parte 1.3 – A memória, o esquecimento e os rastros de memória

Uma outra vertente dos estudos da memória que deve ser levada em consideração na investigação é aquela apresentada por Rossi (2007), em seu livro “O passado, a memória, o esquecimento” no qual o autor lança mão de uma filosofia do sujeito histórico

---

<sup>6</sup> Pesquisa de Doutorado Sanduíche realizada na França entre setembro de 2018 e agosto de 2019 que teve como uma das questões norteadoras a relação da população francesa com a virtualidade, no âmbito da violência. Seria essa relação a mesma que é em âmbito brasileiro? Como resultado pôde-se constatar que os franceses não costumam falar abertamente sobre crime e violência, a não ser que se tenha repercussão midiática, seja em jornais, revistas ou (e principalmente) televisão. Não há um bordão como “bandido bom é bandido morto”, no entanto, países na Europa se preocupam com a disseminação do ódio na *internet*, e muitos deles já se preocupam em legislar sobre essa questão, sendo a França e a Alemanha pioneiras desse movimento (BRAZ; FARIAS, 2019, não publicado). Enquanto, na França, preocupam-se mais com o enfrentamento ao preconceito e agressão em torno da questão racial e religiosa, na Alemanha é contra o movimento neonazista e também o racismo. O foco alemão é combater o *Volksverhetzung* que equivale ao nosso “discurso de ódio”. Dados apontam que existem grupos sendo criados online para discutir exclusivamente essas pautas (LA LUTTE, 2019; AGENCE, 2019; CHRISAFIS, 2019; UNTERSINGER, 2019; DELCKER, 2019; PRAGER, 2019).



ligada ao “destino do ocidente”, entendendo que há objetos flutuantes no tempo passíveis de serem problematizados nas suas particularidades. O destaque desta obra recai, em primeiro lugar, sobre o papel do esquecimento e da reminiscência na história. Isso fica evidenciado por intermédio do trecho no qual Rossi (2007) afirma que “é o esquecimento que suscita a memória e permite voltar-se para o esquecido.” (p. 20). Disto, tem-se que, no cotidiano somos com frequência lembrados que não devemos esquecer e por intermédio desta abordagem desvelam-se as forças que nos fazem lembrar, quer dizer, os cenários carregados de significados são construídos com o intuito de justamente nos fazerem lembrar. Não é necessário muito esforço para conseguir visualizar tal feito, basta que nos concentremos em nossa rotina e perceberemos quantas lembranças atravessam nossas atividades diárias e caso tenhamos fôlego para analisar o porquê de estarmos lembrando de algo, certamente encontraremos a resposta em algum elemento que atravessou nosso dia em um dado momento. Apesar de constantemente nos referimos ao caráter de evocação do passado que a memória carrega consigo não se deve fixar sua relação unicamente com esta instância do tempo, isso, porque a memória também é vinculada à identidade, o que nos permite pensar e ter expectativas sobre o futuro levando em consideração o nosso eu atual, ou seja, nosso presente (ROSSI, 2007).

O esquecimento é um dos focos da obra de Rossi (2007), e o esquecimento é também uma dinâmica que ocorre no ciberespaço, mas com uma dinâmica de transferência, na qual, de alguma forma, a mente adapta-se para não se preocupar em lembrar de algo pois este algo se encontra em outro meio, armazenado, daí o esquecimento ocorrido, por intermédio de transferências e apagamentos (BAUDRILLARD, 1990). Interessa, nesse momento, aprofundar a questão dos apagamentos que não estão relacionados somente com as substituições das antigas verdades por novas, mas um apagamento que tem por finalidade ocultar e destruir a verdade. Rossi retorna ao movimento da “contrarreforma” mencionando vários tratados de ciência e filosofia que foram condenados ao índice (*Index Librorum Proibitorium*) contudo, o autor nos afirma que os apagamentos que se sucederam no século XX nada devem ao período mais remoto da história. Nossa contemporaneidade é marcada por censuras, apagamentos, ocultações e sumiços, escreve Rossi (2007), obras inteiras teriam sido reescritas, subtraindo da história a verdade, na tentativa de construir um passado conveniente. E é justamente nesse fluxo que se infere que o ciberespaço opera, reconfigurando-se mnemonicamente a cada tentativa de alterar seus inúmeros passados, pois o ciberespaço apresenta uma simultaneidade de

quadros que podem multiplicar-se indefinidamente em função da alteração do mais remoto detalhe.

Levando-se em consideração que no ciberespaço múltiplas versões de passado podem coexistir, principalmente ao lançar olhar para o recorte deste trabalho – o *Facebook* – cumpre trazer à tona o pensamento de Ricoeur (2007) que apresenta a noção de o esquecimento ser a chave para que se estabeleçam compreensões acerca das relações entre memória e história. O autor se lança a explorar a fenomenologia da memória ao mesmo tempo em que apresenta uma epistemologia da história. A partir de análises acerca das relações dialógicas entre história, memória e esquecimento, o autor nos oferece reflexões sobre como esses elementos constituem-se indispensáveis na dinâmica de vida dos indivíduos e dos grupos sociais.

As análises de Ricoeur culminam na possibilidade de se relacionar as noções de esquecimento e perdão naquilo que resultaria no que ele denomina uma memória apaziguada. Mesmo assim, faz-se necessário compreender os mecanismos e elementos constituintes das noções de esquecimento e memória. Primeiramente, faz-se pertinente compreendermos que, pelo senso comum, o esquecimento costuma ser tomado, majoritariamente, por seus efeitos negativos. O esquecimento seria como um dano, uma fraqueza, ou uma ausência que representa uma falha humana, a falha da memória (RICOEUR, 2007). Sob este prisma, a memória acaba por confundir-se com a própria capacidade de rememoração e, nesse caso, se definiria como uma resistência ao esquecimento. Paradoxalmente, o mesmo senso comum tende a afastar a ideia de uma “memória total”, que não se esqueceria de nada, análoga àquela representada pela figura de Funes, o memorioso (BORGES, 1970) e, nesse caso, tida como monstruosa, perturbadora e anormal. A memória seria, então, constituída por negociações cabíveis com o esquecimento, aspecto intrínseco a ela que já foi parcialmente apresentado e explorado, contudo cabe indagar: haveria medida entre o que deve ser esquecido e o que pode ser lembrado? Estariam os meios e objetos de alguma forma relacionados às forças que conduzem as ondas de memória e esquecimento?

Os estudos realizados por Ricoeur (2007) partiram da noção de rastros de memória, propondo trabalhar com três tipos de rastros: o escrito, do campo da historiografia, do rastro documental; o psíquico, impresso na memória sob a forma de imagens de memórias, representações acerca do evento marcante como rastro mnemônico; o cortical, cerebral, tratado pelas neurociências, um rastro mnésico. Os rastros de memória podem ser entendidos como restos que foram produzidos em algum momento, por uma dada

circunstância e que mesmo na condição de resto, ou seja, daquilo que se pensa ser, a priori, dispensável, culminam por obrigar-nos a produzir narrativas sobre eles (DEBARY, 2017). Estes rastros são produzidos em função das diversas formas de esquecimentos, sendo tratadas como uma problemática central por Weinrich (2001, p. 23) que nos esclarece o seguinte:

[...] a problemática do esquecimento de Ricoeur se dá pela justaposição entre as formas psíquica e cortical dos rastros e, para tanto, o autor trabalha com a polaridade existente entre três formas de esquecimento: o apagamento de rastros, o esquecimento de reserva e, derivado deste último, o esquecimento manifesto.

Apagar, passar a borracha, passar a esponja, deletar, essas seriam, ainda segundo Weinrich (2001), metáforas modernas para o tipo de esquecimento que se daria de forma irremediável, irreversível, irrecuperável e que estão, conforme veremos, sistematicamente presentes no ciberespaço, representadas tanto no âmbito da escrita quanto no âmbito das imagens representativas. Porém, em que medida os rastros de memória podem ser apagados sob essa forma tão radical? Acerca desta indagação Ricoeur (2007) argumenta que, pelas ciências neuronais, o esquecimento e os rastros mnésicos são evocados nas proximidades das disfunções que levam a pensar os tipos de apagamento que se localizam na fronteira incerta entre o normal e o patológico. Ainda assim, o autor nos adverte que o ato de “lembrar” pode ser analisado por duas formas distintas: a primeira cognitiva<sup>7</sup>, que buscaria representar fielmente o passado; e a outra, pragmática, ligada às operações, exercícios e usos da memória. Para a presente reflexão, nos interessa a segunda perspectiva.

Uma primeira noção de esquecimento sugere que, o que foi esquecido, não lembrado, pode ocorrer, não necessariamente, pelo apagamento total da representação, mas pelo distanciamento que possibilita, no momento certo, sua reativação, ou, “o relebrar”, aquilo que Ricoeur (2007) chama de “milagre da memória feliz”. Tal leitura confronta a neurologia com a fenomenologia da memória, balizada pela dialética da presença, da ausência e do distanciamento, ou ainda, da representação presente do passado ausente. Nesse sentido, as metáforas da borracha que “apaga”, da esponja que “limpa”, da lousa ou da caixa mágica, que armazenam informações de formas efêmeras, não resolvem a questão da função mnemônica do esquecer e do lembrar. Esta só se resolve pela relação da representação com o tempo, pela dialógica da presença, ausência, distância. Ou seja, as

---

<sup>7</sup> A menção da origem médica se fez necessária para poder abordar adequadamente as reflexões do autor acerca de sua temática.

neurociências só explicam aquilo que faz com que as pessoas pensem, seus mecanismos e funcionamentos, o que não é tudo, e justamente por não ser tudo é que não a consideramos essencial para a reflexão proposta. Não que, ao final, desta venhamos a ter um "tudo" para explicar e delinear a memória, mas, sem dúvida, se terá um novo horizonte acerca das dinâmicas da memória considerando suas interações junto ao ciberespaço.

Embora disfunções e distorções da memória existam e não devam ser desprezadas, o esquecimento não ocorre a partir desse campo. O esquecimento estaria tão estreitamente confundido com a memória que poderia ser considerado uma de suas condições (WEINRICH, 2001), que por sua vez difere-se do apagamento, justamente porque este designa um tipo específico de esquecimento que promove a perda definitiva do rastro, enquanto o primeiro, refere-se ao esquecimento pelo rastro distante, latente, mas passível de retornar como lembrança. Nesse sentido, indaga-se: como esquecer algo que na verdade está acessível a qualquer momento? O ciberespaço estaria nos distanciando da possibilidade do apagamento? Ou estaria nos apresentando possibilidade de controle sobre essa instância mnêmica, na medida em que eu posso, na condição de usuário, escolher o que apago? Estes questionamentos acabam por funcionar mais como provocações do que como questionamentos conclusivos, visto que a resposta para cada um deles não é conclusiva de imediato, mas sim essencialmente reflexiva. Ainda assim, continuemos a caminhar em outra abordagem mnêmica que auxiliou pensar a memória no ciberespaço.

#### Parte 1.4 – Os arquivos de memória

Se o ciberespaço propicia a seus usuários um relativo controle sobre o que é lembrado, por intermédio da disponibilização do acesso sistemático, estaria ele se tornando um espaço de recordação? Movidos por essa indagação, trazem-se à tona os estudos de Assman (2011) acerca da memória. A autora, que também considera a memória como uma instância humana, apresenta inicialmente desdobramentos de ação da memória, ou seja, a memória como *ars* (arte, técnica) e a memória como *vis* (potência). Para pontuar adequadamente essas instâncias, faz-se necessário destacar os trechos nos quais a autora define perspectivas mnêmicas com as quais trabalha. Primeiramente, no âmbito da memória como *ars*, que:

[...] faz referência sobretudo à mnemotécnica, de caráter instrumental. Cícero registrou para a posteridade a lenda fundadora da mnemotécnica: o poeta Simônides de Keos. A mnemotécnica romana objetivava o armazenamento

confiável e a recuperação idêntica das informações inseridas na memória. “A mnemotécnica eliminava a dimensão do tempo, ou seja, o tempo em si não era um agente estruturador no processo, que por isso mesmo se apresentava como um procedimento puramente espacial” (ASSMAN, 2011, p. 32).

Ao se referir a armazenamento, a autora faz menção justamente ao processo mecânico que objetiva o depósito e a recuperação de informações. Este armazenamento trata de uma função da memória humana, principalmente quando se observar as atividades que demandam o decorar, comumente exercidas em relação a textos, fórmulas matemáticas, ações específicas do cotidiano etc. Quanto à memória *vis*, que é a memória enquanto potência, trata-se de uma premissa que indica que a memória não deve “ser compreendida como um recipiente protetor, mas como uma força imanente, como uma energia com leis próprias” (ASSMAN, 2011, p. 34).

Enquanto o armazenamento acontece contra o tempo e o esquecimento, transgredindo sua ordem aparentemente natural de fazer deixar as coisas ficarem para trás, a recordação se dá no tempo, que participa ativamente do processo. O esquecimento é justamente “oponente do armazenamento, mas cúmplice da recordação” (ASSMAN, 2011, p. 34), e daí a aparente necessidade de se ter espaços para recordação, nos quais o tempo e o esquecimento podem, de certa forma, permanecer em suspenso. Essa necessidade pode ser constatada ao se observar a dinâmica do surgimento de novas formas de encenação dos espaços de recordação no século XIX, das quais destacam-se os museus históricos. Nelas, a disposição espacial das coisas visava proporcionar ao espectador a contemplação da história, de modo a vislumbrar num panorama a multiplicidade de épocas enquanto uma unidade. Nesse período, houve também a emergência dos memoriais que buscavam eternizar uma história local, produto da tensão entre a vontade dos senhores de serem representados em memorial e a autor-representação burguesa (ASSMAN, 2011). Contudo, esse passado recordado não deve ser confundido com o conhecimento geral desinteressado do passado que é denominado de história. Pois este passado, que nos é apresentado após ser pensado e organizado, relaciona-se com as ideologias e interpretações do presente, de forma que, levando em conta seu inteiro teor, a história contada e recordada nos espaços de recordação pode se aproximar de uma fabricação e invenção, sem necessariamente relacionar-se com ficção e falseamento (ASSMAN, 2011).

Mas, afinal, por que falamos de espaços de recordação nesta reflexão? Levando em conta que o ciberespaço está se apresentando como uma realidade cada vez mais presente no dia a dia da sociedade – aspecto este que será pormenorizado no capítulo seguinte – é consequência natural que ela venha a alterar os percursos da memória, não somente, mas

também em relação aos espaços que nos fazem recordar e rememorar. A título de exemplo introdutório tomemos a capacidade de armazenamento dos computadores modernos que nos permitem estocar uma infinidade de informações para serem consultadas a posteriori. O fato de sabermos da existência desses tipos de mecanismos, por si só, já altera nossa relação com o lembrar e o esquecer. Especificamente, em relação aos espaços deve-se mencionar os ditos museus virtuais, que se tratam de espaços virtuais criados para que os seus visitantes possam interagir com o patrimônio cultural, contudo fazem isso à distância, sem estarem presentes fisicamente no museu (SCHWEIBENZ, 2004). Esse aumento das ações realizadas à distância, colocam em jogo a experiência da alteridade no próprio eu e, por consequência, a relação do eu com o tempo e com a memória. Parte-se do pressuposto que a experiência de perda, ou de esquecimento, que ocorre através do ciberespaço, apresenta-se como um fato que a mnemotécnica não consegue reaver. A recordação passa a estar ligada à tecnologia, que não necessariamente remete ao passado, mas ao invés disso, a uma possibilidade de construção deste.

Deve-se aqui lembrar que o ciberespaço está sendo entendido como um lugar que possibilita acesso e apagamento dos arquivos de memória em definitivo, seja por intermédio do depósito das memórias nesse lugar, ou por intermédio da reorganização e reescrita deste passado acessado sistematicamente.

Postas estas noções de memória, passemos a abordagem das reflexões que conduziram parte do encaminhamento da tese, intencionando dar conta do principal objetivo: perscrutar o processo de construção de memória, relativa à violência, que ocorre na virtualidade do ciberespaço.

## Capítulo 2 – Sobre a virtualidade e ciberespaço

Neste capítulo, objetiva-se abordar conceitualmente o lugar no qual a investigação aconteceu: a virtualidade do ciberespaço. Cumpre lembrar que interessam nesta investigação as relações da memória com a violência na virtualidade, e nesse sentido este capítulo propõe-se inicialmente a apresentar e refletir sobre o conceito de virtualidade e ciberespaço, intencionando conservar a coesão da reflexão para a adequada construção de um pensamento científico, levando em conta principalmente a força do embasamento das ideias que é um aspecto importante quando se pensa a construção do conhecimento (KOYRÉ, 1991).

Em função desta investigação, situar-se no campo dos estudos da memória, é imprescindível que a abordagem da virtualidade que concerne a este campo seja mencionada. Com isso, a apresentação do conceito de virtualidade se dividirá em dois momentos. É muito comum que ao referirmo-nos ao virtual, tenha-se uma relação direta deste com a tecnologia, mas no campo dos estudos da memória cumpre um adendo, pois há a utilização do termo virtualidade vinculada diretamente ao pensamento e à memória (BERGSON, 1990). Essa abordagem acerca da virtualidade é considerada na reflexão da tese, na medida em que é ela que compõe a dinâmica da construção da memória e da subjetividade, portanto podemos dizer que esse primeiro momento diz respeito à uma virtualidade que está “situada” no ser humano. Reforça-se que este tipo de abordagem é necessária para conservar a clareza do estudo. Poder-se-ia falar somente em virtualidade vinculando-a diretamente à tecnologia, mas considera-se tal encaminhamento inapropriado pois poderia incorrer em confusão teórica em função do campo de estudo da tese ser o de estudos da memória. Da mesma maneira, poder-se-ia apenas diferenciar cada um e seguir a explanação com ênfase à virtualidade tecnológica, mas aqui os dois virtuais serão considerados, um que ocupa o âmbito do pensamento e da memória humana e outro que se manifesta por intermédio da tecnologia. Cumpre destacar que as ocorrências deste último podem até não ser medidas em alguns momentos, e quando possível essas mensurações são difíceis, quiçá impossíveis de serem verificadas, mas pode-se inegavelmente observar os seus efeitos, e como isso queremos dizer que as interações com equipamentos na atualidade produzem efeitos na sociedade e nos seres humanos que com elas interagem (HAWKING, 2018). Postas estas considerações, passemos a abordagem da virtualidade

que concerne aos estudos da memória, para que depois possa-se imergir no âmbito da virtualidade do ciberespaço.

Após esse momento, focalizaremos o ciberespaço, que também é constituído por uma virtualidade, sendo ela a que interessa objetivamente ao estudo. Esta virtualidade, e por consequência o ciberespaço, estão sendo considerados como um lugar que é não só constituído por memória, mas que também trabalham com ela. É sabido, por exemplo, que o ciberespaço contém uma imprecisão geográfica e espaço-temporal no que tange a interconexão mundial de computadores. Ele está presente em um “lugar-objeto” comumente relacionado a um aparato tecnológico, seja celular, notebook ou outro dispositivo.

### Parte 2.1 – Virtualidade e memória

Não existe virtualidade, tampouco memória, sem imagem. O universo se compõe de imagens, e essas imagens agem e reagem umas sobre as outras, bem como sobre nós mesmos. Não há limites para essa interação; qualquer imagem sofre a ação de todas as demais imagens e age sobre todas elas. Uma dessas imagens, todavia, se destaca de todas as demais na medida em que o ser humano não a conhece de fora, mas, sim, de dentro de seu próprio corpo. Ao enxergar a si e compreender que está em si, o ser humano se diferencia das demais imagens do universo. Os corpos humanos são afetados por todas as imagens, e por sua vez cada corpo humano afeta as outras imagens, sejam imagens relacionadas a presenças humanas ou não humanas. Ao contemplar uma folha, o ser humano torna-se o observador da folha e esta, torna-se a folha observada, quando antes eram somente o ser humano e a folha. A dinâmica das imagens no ser humano igualmente recebe e transmite as imagens, mas este parece escolher, até certo ponto, a maneira de devolver o que recebe (BERGSON, 1990).

Movido por esse espírito, o pensamento bergsoniano lança mão de duas premissas importantes: a matéria e a percepção da matéria. Na esteira de seus estudos o autor chama de matéria “o conjunto das imagens”, e de percepção da matéria “essas mesmas imagens referidas à ação possível de uma certa imagem determinada, o meu corpo” (BERGSON, 1990, p. 173). Assim, o universo material está sempre oscilando entre dois esquemas de referência: no primeiro, todas as imagens interagem, sem que se possa assinalar um centro qualquer; esquema caracterizado por uma dinâmica de imprevisibilidade; no segundo, todas as imagens são referidas a uma única, que desempenha o papel de centro, de



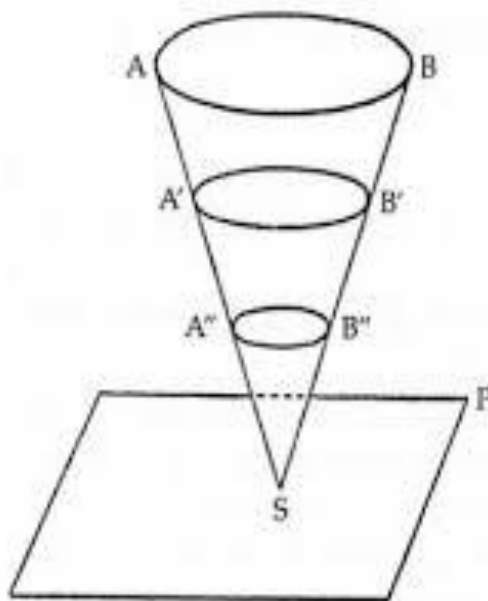
orientador em relação às demais imagens, e que, ao invés de afetá-las e de ser por elas afetada sem qualquer tipo de discriminação, parece fazer uma seleção, nas imagens, daquilo que lhe interessa, e age sobre elas conforme seus interesses. No primeiro esquema de referência, as imagens variam umas em função das outras, variação essa descrita pelas ciências; no segundo esquema, todas as imagens variam a partir de modificações, ainda que mínimas, de uma única dentre elas: a da consciência e do corpo do humano.

Tais relações e variações de imagens ocorrem em um momento e, por consequência, em um lugar. Este lugar, no primeiro esquema de referência, é acessível pois está presente na natureza; está fora; já o segundo esquema de referência, apesar de também estar inscrito na natureza, apresenta limitações no que tange ao acesso à essas imagens modificadas, pois elas se interiorizam sob a forma de lembranças e, conseqüentemente, de memórias. Essa interiorização sugere uma localização no espaço, principalmente levando em conta que é acessível pois para conservar-se, a lembrança teria necessidade de um lugar onde alojar-se, de uma matéria onde pudesse se instalar, já a memória parece transcender a matéria e trabalhar com os elementos fornecidos por ela (BERGSON, 1990). Contudo, essa relação de pertencer e estar eminentemente acessível só ocorre no âmbito do concreto; apenas na linha da realidade concreta as coisas podem estar contidas umas nas outras de maneira determinada, podendo ser constatadas e descritas. Uma mistura entre realidades de naturezas diferentes está no fundo da dinâmica que abarca as lembranças, a memória, a virtualidade e a subjetividade, de maneira que, independente desta aparente confusão, a matéria altamente desenvolvida conhecida por cérebro, de alguma forma dá conta de organizar tudo isso.

Todos estes processos, junto a gama de informações da qual o cérebro dá conta, demandam tempo; e para Bergson, a noção de tempo existente (passado, presente e futuro) é simultânea, ou seja, na medida em que os presentes se sucedem, o futuro não existe por isso é constantemente reinventado, e o passado se conserva no espírito, conforme veremos a seguir. A consequência lógica dessa tese (o passado se conservar enquanto passam os presentes) é a de que todo o passado, o passado, na sua integralidade, se conserva virtual (BERGSON, 1990). A sucessão caracteriza os presentes e sua passagem, mas o passado se caracteriza antes pela coexistência, consigo mesmo e com cada presente. Deve-se, contudo, considerar que o passado se conserve de forma ampla, mas passível de ser modificado, no âmbito das lembranças. Essas, por sua vez, não sendo fotografias coladas num álbum, estão sujeitas a se atualizarem. Assim, chega-se a uma das proposições mais difíceis entre aquelas que dizem respeito ao virtual bergsoniano, que pode ser representado por

intermédio da ilustração abaixo (figura 5), conhecida como cone invertido. Nela, tem-se que o passado coexiste consigo mesmo e com cada presente que passa, mas ele o faz à diversos níveis de distensão e contração.

Figura 3: Cone Invertido



Fonte: BERGSON (1990, p. 190)

O cone, em si, representa a memória. Já o plano tocado pelo vértice do cone representa a percepção, advinda da experiência. No ponto “S”, local de interseção entre plano e cone, está situado o corpo e seus mecanismos sensório-motores. A totalidade do passado está representada não somente pelo cone, mas também por cada uma das seções transversais nas quais o cone poderia dividir-se, exemplificadas em AB; A'B'; e, A''B''. Em cada uma das seções do cone jaz a totalidade da memória, mas num grau distinto de contração (BERGSON, 1990).

Quando nos lembramos, atualizamos em imagens-lembrança as lembranças puras que se oferecem a nós do fundo de um passado virtual, mas sempre num nível qualquer de contração desse mesmo passado lembrado. De acordo com a nossa disposição mental, isto é, com o grau de tensão de nosso dia a dia e vida cotidiana, conforme estejamos mais próximos da ação imediata ou mais próximos do sonho, atualizaremos as lembranças num nível mais contraído ou mais distendido. Na base do cone (AB) as lembranças acham-se num estado de dispersão máxima, e se revestem de um caráter mais pessoal, mas menos

preciso. Contudo, à medida que nos aproximamos do vértice do cone, as lembranças vão se revestindo de um grau de especificidade cada vez maior, mais apropriado às necessidades que se apresentam frente às ações que intencionamos desenvolver.

O todo (virtual) esquemático e o todo (atual<sup>8</sup>) composto pelas imagens são diferentes entre si, e exprimem que a atualização do virtual é uma autêntica criação, imprevisível para o próprio criador, ao contrário do real, que, idêntico a si mesmo, só pode diferir deste último meramente pela existência. Essa existência não é dotada de uma precisão geográfica. O virtual não existe em um lugar, conforme pôde-se inferir anteriormente, no entanto, mesmo com uma imprecisão espacial, ele existe em termos de temporalidade e de acesso. A título de exemplo podemos pensar em uma lembrança recente relacionada a uma festividade da qual participou-se. Cada pessoa envolvida neste episódio obterá um registro único dos acontecimentos que tange ao seu ponto de vista. Esse registro será mnêmico e será mantido na virtualidade da memória, contudo, é passível de ser acessado e atualizado de maneira que os componentes de um grupo podem em uma conversa evocar detalhes dos seus pontos de vista para compartilhá-los entre si, viabilizando que cada um acesse sua memória e atualize sua forma em relação à memória original. São estes aspectos que serão aproveitados da teoria bergsoniana acerca da virtualidade e pensados no contexto do ciberespaço.

## Parte 2.2 – Ciberespaço, tecnologia e seus desdobramentos

O ciberespaço foi construído por intermédio da utilização de outras máquinas e tecnologias, logo, esse espaço é produto da criatividade humana, responsável por antes de tudo idealizar algo novo para se criar, dentro de contextos específicos. O vínculo entre este espaço e a tecnologia é sempre existente, sempre será considerado e não é passível de ser rompido, ou seja, o acesso ao ciberespaço somente se dá por intermédio da manipulação de um aparelho tecnológico, qualquer que seja. Tal acesso leva a pessoa a visualizar o meio virtual – ou seja, não atual - construído pelo ser humano e acessado por mecanismos que lhes são exteriores, diferente da virtualidade da memória, que é por nós vivida, acessada e atualizada por vias orgânicas e simbólicas.

Importante ressaltar que ao nos referirmos à tecnologia, estamos pensando algo construído por intermédio da técnica. Etimologicamente, a palavra tecnologia tem relação

---

<sup>8</sup> Atual: que vigora, existe no presente momento; por não atual entende-se aquilo que não deixa de existir em lugar, mas ao contrário do atual permanece (DICIO, 2018).

com o termo “técnica”, e ambos são oriundos do termo *techné*, o qual fazia menção a capacidade humana de alterar o mundo, de transformar (KNELLER, 1978). Suas variantes *teuchô*, *tictéin* (encontrados nas obras de Homero) e *teuchos* designam ferramenta, instrumento (TOLMASQUIM, 1989; LION, 1997). O termo tecnologia especificamente advém da junção de *techné* + *logus*, que faz menção ao uso da técnica somado à razão (RODRIGUES, 2001). A técnica é, sem dúvida, “um meio para um fim, ou seja, é uma atividade humana” (HEIDEGGER, 2001, p. 11) e por ser a tecnologia algo que o homem produz, também por intermédio da técnica, ela carrega em si o espírito da primeira; a tecnologia é igualmente um meio que intenciona atingir um fim e que é oriundo de uma transformação da natureza, movido pela razão.

Obviamente, esta definição é muito ampla e irrestrita. Ao se falar em tecnologia, ao contrário do que intuitivamente propõe-se nesta escrita, não devemos circunscrever somente os adventos modernos como aparelhos eletrônicos diversos. Nossa relação com a tecnologia remete às mais priscas eras incluindo o tempo da pedra lascada, que é, em si uma tecnologia advinda da utilização de uma técnica (VERASZTO, 2004). Contudo, no presente contexto é importante ressaltar que estaremos construindo um enquadramento que relaciona diretamente a tecnologia aos objetos que nos permitem ter acesso a imagens, sons e experiências diversas, ou seja, o “conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas clássicas<sup>9</sup>), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais” (LÉVY, 1999, p. 92) que nos interessa. Posto em outras palavras, sejam eles smartphones, televisões, computadores, rádios etc.; tudo que, potencialmente, pode permitir à pessoa distanciar-se de sua realidade momentânea para acessar, mesmo que imaginativamente, um outro lugar e que tem nesse percurso o auxílio de uma tecnologia, compõe o cenário do ciberespaço, mas o interesse recai de forma central sobre os aparelhos que permitem acessar a rede mundial de computadores (*internet*).

O ciberespaço demanda uma série de hardwares correlacionados em formato de rede, além dos programas-sofwares, que permitem que o fluxo das informações aconteça. Apesar da *internet* ser comumente referenciada como principal ambiente do ciberespaço, devido a sua popularidade, o ciberespaço também congrega os aspectos da relação do ser humano com outras tecnologias, como celular, pagers, comunicação entre radioamadores etc. (JUNGBLUT, 2004; GUIMARÃES JR., 1999). Assim, tem-se que o ciberespaço

---

<sup>9</sup> Rádios e equipamentos mais antigos, não digitais.

congrega espaços e objetos virtuais e reais em seu escopo; o espaço virtual do ciberespaço é um de seus lugares e é justamente essa virtualidade que nos interessa nesta tese.

Posto isso, e tendo em vista também que na atualidade o acesso ao ciberespaço existe e atravessa-nos com frequência, no que tange a sua presença no cotidiano, é de fundamental importância compreender como este acesso ao virtual tecnológico afeta a sociedade e o âmbito humano e, conforme já mencionado, este é um dos motores da presente investigação. Uma das certezas acerca do desdobramento da presença do ciberespaço em nosso dia a dia é o fato de ela representar a possibilidade de ampliação de horizontes e que remete a um estado de carência, solucionando assim uma impotência constatada pelo ser humano acerca de seus limites (BAUDRILLARD, 1996). Na tentativa de superar estes limites, desde as mais priscas eras, o ser humano valeu-se do que se encontrava a sua disposição para romper uma impotência constatada sempre por meio da técnica. O fim da impotência concretiza-se tanto pela utilização de objetos, como um galho de árvore, para alcançar uma fruta ou uma lança construída para matar eficazmente um alvo, até a construção de máquinas, por intermédio das quais são arados grandes terrenos para a plantação de gêneros alimentícios, e/ou, máquinas que permitem acessar sistemas de rede de informação e que venham a disponibilizar uma interação social que demoraria semanas para ocorrer de outra forma. Esse processo de interação entre o ser humano e o seu entorno, por intermédio de diferentes vias, contribuí para a o aumento da possibilidade de ele reconfigurar as suas relações sociais e dinâmicas pessoais. Existem grupos que dirão que o excesso de possibilidades indica um retrocesso da atividade humana, contribuindo, por exemplo, para a diminuição da atenção, por intermédio da tendência à multitarefa (HAN, 2017b), mas nesta investigação opta-se por entender essas ocorrências como novos fatos frente a uma nova realidade, não objetivando qualificá-los, mas entendê-los à luz dos conhecimentos até então disponíveis.

Nesse sentido, o atravessamento dessas dinâmicas na vida cotidiana configura-se como experiências e estas têm relação com a construção de subjetividade e memória (DUBET, 1994). Assim, pelo fato de a subjetividade ser um dos objetos de nossa reflexão, é pertinente que reflitamos acerca da maneira pela qual as experiências atravessam as pessoas, bem como os seus efeitos sobre ela. Tais efeitos difundem-se de múltiplas maneiras pela subjetividade, culminando, cedo ou tarde, em um desdobramento em âmbito social. Com isso, a subjetividade e a experiência estão simultaneamente atravessando as trocas e negociações que permitem a formação dos grupos e instituições, bem como suas consequências, em termos de uma representação do vivido, estando este com frequência

repleto de ambivalências, contradições, afirmações e outras tantas formas de expressão da dinâmica afetiva e social.

O acesso ao ciberespaço divide-se em dois âmbitos, um referente ao contato direto com o lugar virtual: sem possibilidade de intervenção nas ações deste lugar, elas são somente assistidas por quem às observa. Um exemplo pode ser a utilização de TVs, rádios e similares. Neles, o acesso ao ciberespaço existe, mas não existe a possibilidade de intervenção direta nos conteúdos. O máximo que se pode fazer é selecionar aquilo que está sendo visto ou ouvido, mas não se pode interagir com o emissor da informação de forma imediata. O outro âmbito concerne à possibilidade de intervenção no ciberespaço que se manifesta por intermédio da utilização de computadores e demais tecnologias que permitam edição de seu conteúdo durante o uso. Depois que a pessoa que utiliza tais meios consegue decifrar a forma de utilização e comandos necessários, é possível apagar, copiar, colar, deletar, construir, destruir, editar, remontar, e uma infinidade de palavras e sinônimos pode ser pensada para aplicar-se à essas situações de usuário com possibilidade de intervenção. Tudo isso acontece sem que nenhum objeto de grande impacto seja movido, apaga-se sem borracha, constrói-se sem tijolo ou argamassa, destrói-se sem martelo ou máquinas; o apertar de um botão ou o toque de um dedo pode transformar o trabalho de dias, anos, ou de até uma vida. A consciência do potencial destrutivo e criativo da utilização das tecnologias e da utilização do ciberespaço alterou a forma como gerenciamos o tempo de nossas ações e a importância das nossas relações com os objetos. Inevitavelmente, houve uma alteração não só na forma como nos relacionamos com o meio à nossa volta, mas também com a própria linguagem (CASTELLS, 2013). Ao levar esses aspectos em consideração reforça-se a necessidade de pensar o virtual e seus elementos na atualidade.

Pôde-se mencionar na introdução o quanto o tempo das pessoas está sendo consumido pela interação virtual, bem como o acesso às tecnologias tem se feito presente no cotidiano com maior intensidade no decorrer dos anos criando uma dinâmica “cronofágica”<sup>10</sup> em torno da utilização dos aparelhos e máquinas modernas (BIJKER, *et al*, 1993), bem como em torno do uso da virtualidade na atualidade, de maneira que as pessoas podem ver seu tempo sendo consumido diante de um aparelho eletrônico e, por vezes, esse tempo pode não estar sendo utilizado da forma que ela mesma espera utilizá-lo.

---

<sup>10</sup> Expressão relacionada ao consumo de tempo – cronos (tempo) + phagein (comer).

Levando isso em consideração, urge a necessidade de sabermos, em âmbito crítico e reflexivo, avaliar seus efeitos e transformações pela vida e a subjetividade humana não preocupando-nos em enquadrá-los como positivos ou negativos. Essa atenção já circula o âmbito dos estudos e pesquisas há algum tempo, contudo, com um enquadramento específico que sempre gira em torno da utilização e do tempo de consumo bem como em torno dos hábitos. Estes estudos consideram, por exemplo, a dependência de jogos eletrônicos (ABREU, *et al*, 2008), da *internet* como um todo (GREENFIELD, 2011), das redes sociais (KING, *et al*, 2014), os impactos cognitivos-comportamentais (KING, *et al*, 2014; SETZER, 2011; SPITZER, 2012), e, estudos relativos à relação entre a utilização em excesso dessas tecnologias como explicação para o aumento da depressão e ansiedade (VALENÇA, 2014).

A presente investigação se movimenta de maneira semelhante às supracitadas. Ela enquadra um aspecto humano no escopo da observação das dinâmicas do contato com a virtualidade do ciberespaço, contudo, um aspecto inédito até então: a relação com a violência. Verificar qual é a relação que o ciberespaço guarda com a ação entre memória e a violência demanda que se realize um estudo quase ecológico da forma pela qual as tecnologias relacionadas ao ciberespaço estão atravessando nosso dia a dia e atividades em geral. Apesar de ecologia ser um campo da ciência que é comumente associado aos estudos da natureza não humana, Guattari (1990) reforça que se trata na verdade de um campo de estudo que inclui o ser humano. O fato de sua presença ser colocada de lado nas considerações da área é em função de uma opção daqueles que se propõe a estudar tal âmbito. Se o ser humano integra um estudo das ecologias, aspectos relacionados ao homem também estão inevitavelmente presentes nas considerações, ou seja, tanto a virtualidade quanto a tecnologia necessitam ser pensadas junto ao ser humano bem como junto ao seu entorno.

São, justamente, os elementos do entorno do ser humano que nos interessam em meio a virtualidade: as ideias, memórias e pensamentos que transparecem o ódio em relação ao outro, ou seja, a violência que é manifestada na virtualidade do ciberespaço. Essa virtualidade relaciona-se com as ditas tecnologias inteligentes (LÉVY, 2010), que são justamente algumas que contribuíram para alterar a relação do ser humano com o mundo. São aquelas que auxiliam na execução de atividades trazendo conveniência, eficiência e conforto aos usuários delas caracterizadas, essencialmente, pela capacidade de prever a atividade do usuário em relação aos parâmetros que este determina. A título de ilustração, pode-se mencionar o recurso de preenchimento automático de escrita, presente nos

navegadores de *internet* e smartphones<sup>11</sup>, o controle de temperatura de aparelhos ar-condicionado modernos, que se autorregula de acordo com as preferências definidas, e aplicativos que vinculam eletrodomésticos ao celular, informando, por exemplo, se a máquina de lavar roupa apresentou algum problema ou até mesmo se parou de executar seu ciclo de lavagem, não demandado do usuário da máquina a checagem da mesma de tempo em tempo para ver se está tudo correndo bem no processo e disto tem-se que há uma sensação de que não se está “perdendo tempo” fazendo uma outra coisa, dando às pessoas a possibilidade de darem conta de tarefas de seu cotidiano de forma simultânea, qualificando este uso do tempo como bom ou ruim.

Uma qualificação boa de uso do tempo pode ser constatada, por exemplo, no fato de uma pessoa poder trabalhar despreocupadamente em seu escritório de casa pois sabe que, caso ocorra algum imprevisto com a máquina de lavar, o celular o notificará; já um exemplo qualificado como ruim pode ser o fato de, em função dessa modernização e inteligência, as grandes empresas estão maximizando sua produção sem aumentar o investimento em pessoal, ocasionando um elevado número de desempregados (GUATTARI, 1990). Tudo isso, inevitavelmente, afeta nossa forma de interagir com o outro, com o nosso entorno, e - talvez - conosco mesmo.

Essa modernização da relação com o tempo pode ser constatada também nos ambientes virtuais de interação em rede, especificamente, nas redes sociais que são objeto de nossa pesquisa, o *Facebook*. Nele, a interação entre grande número de pessoas utilizando os seus lugares virtuais para se comunicar e trocar ideias, mensagens e imagens pode ser um aspecto classificado como bom a priori, na medida em que facilitou a forma de interação entre pessoas. Contudo deve-se mencionar seus efeitos negativos, dos quais Virilio (2002, p. 24) destaca a seguinte particularidade: “há muito tempo, as gerações recentes têm dificuldade de compreender o que leem porque são incapazes de representar”. De certo modo, as pessoas interagem, contudo não conseguem apropriar-se do conteúdo das interações, uma vez que há uma dificuldade de desenvolvimento da reflexão crítica que possivelmente tem relação com a velocidade na qual as operações virtuais são realizadas. Ou seja, na medida em que o pensamento necessita ser acelerado para lidar com o fluxo de informações presente no âmbito da virtualidade e das redes de interação, as pessoas acabam aparentando ter certo grau de dificuldade em desacelerar seu pensamento para considerar criticamente determinados pressupostos necessários a manutenção da vida.

---

<sup>11</sup>O termo *smart* em inglês significa esperto e/ou inteligente e *phone* telefone. O nome do aparelho já indica a função para qual ele foi criado: a de ser, sob alguma premissa, dado como inteligente.



O impacto da tecnologia e da *internet* é tão intenso que, hoje, a *internet* torna-se mais influente e difundida que o carro, culminando na modificação profunda da forma como nos relacionamos. Essa modificação foi tão profunda que alcançou um nível patológico, de maneira que, atualmente, China, Coreia do Norte, Coreia do Sul e Japão, apresentam programas de monitoramento de usuários *on-line*, objetivando literalmente intervir na forma como as pessoas estão utilizando o seu tempo *on-line*. Outros países como os Estados Unidos e, até recentemente, o Brasil, apresentam clínicas de tratamento e espaços específicos para aqueles que consideram que suas interações com os ambientes virtuais podem estar atrapalhando o desenvolvimento de outros âmbitos na vida pessoal e/ou profissional (BURGOS, 2014). Circula também a utilização de um termo que indica o pavor, ou seja, o medo irracional, de permanecer longe de aparelhos eletrônicos que permitam a comunicação: a nomofobia. Quem sofre deste mal não pode sequer considerar a estadia em, por exemplo, uma casa de campo longe da presença constante de equipamentos eletrônicos que logo dará sinais de ansiedade e pavor, dando a entender que não seria capaz de conseguir viver sob a condição descrita, qual seja, a de afastamento das tecnologias (KING; *et al*, 2014).

Na atualidade, torna-se tarefa inexecutável imaginar o cenário do mundo atual sem o atravessamento das redes de interação e dos equipamentos que dão acesso a elas e as constroem. Nesse sentido, evoca-se a reflexão acerca das fronteiras entre as coisas do mundo, pois estas praticamente desapareceram, quer dizer, os organismos vivos e as coisas da natureza não mais se separam, em função da ausência de balizadores que, até então, serviam de referência ao homem, pois a interação por intermédio da tecnologia se misturou à vida de tal forma que para ouvir um rio, não preciso ir à floresta, basta procurar por um vídeo sobre sons de rio no Youtube que lá ele estará. Outra ocasião que pode ser mencionada são os fundos de tela que fazem referência à natureza utilizados nos computadores etc sob a premissa de estes transmitirem paz e um frequente olhar para a “natureza”, quando, na verdade, o que se olha é um registro da natureza. Nesse sentido, contata-se uma clara e evidente modificação de nossa relação com a realidade, indaga-se, justamente, até onde há uma efetiva diferenciação entre a realidade atual e as ocorrências apresentadas na virtualidade tecnológica.

A percepção humana da realidade ocorre por intermédio de símbolos cujo sentido escapa à sua rigorosa definição semântica e, portanto, a vivência da realidade traz sempre

consigo algo de virtual, ou seja, algo que habita no âmbito do intangível<sup>12</sup>. Nesse sentido, a realidade é apreendida pelo sujeito por meio de elementos que o integram ao seu entorno, como linguagem e sentidos. Levando-se em conta que estes são elementos polissêmicos, por natureza, os sentidos apreendidos não estão determinados a priori, mas independente disto, é importante ressaltar que:

[...] o novo ambiente simbólico não representa a “realidade”, eles implicitamente referem-se a uma absurda ideia primitiva de experiência real “não codificada” que nunca existiu. Todas as realidades são comunicadas por intermédios de símbolos. E na comunicação interativa humana, independentemente do meio, todos os símbolos são, de certa forma, deslocados em relação ao sentido semântico que lhes são atribuídos. De certo modo, toda realidade é percebida de maneira virtual (CASTELLS, 1999, p. 459).

Uma ilustração apresentada pelo mesmo autor, intencionando nos aproximar do sentido de sua fala é a campanha estadunidense à presidência de 1992. Nela, o vice-presidente com o intuito de posicionar-se em defesa dos valores familiares tradicionais, inicia um debate incomum com um personagem de uma série popular de TV; a personagem, que representava os valores e problemas da mulher na atualidade, teve seu comportamento condenado como impróprio por parte do vice-presidente, o que provocou revolta nacional, principalmente entre as mulheres que estavam inseridas no mercado de trabalho; no episódio seguinte da série, a personagem aparece assistindo à entrevista de televisão em que o vice-presidente a criticava e reage criticando a interferência dos políticos na vida das mulheres. O resultado foi que a série aumentou sua audiência e o conservadorismo do vice-presidente contribuiu para a derrota eleitoral do candidato à presidência. Assim, pode-se inferir que a criação de um diálogo na virtualidade pode aproximar-se suficientemente do mundo real, gerando consequências das mais diversas, e nesse caso o fato teve seus efeitos tangíveis, na medida em que houve impacto no processo eleitoral, ou seja “as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na experiência” (CASTELLS, 1999, p. 459).

Reforça-se, assim, a ideia de que as fronteiras entre as coisas, ou entre as realidades (virtual tecnológica e real) desaparecem, tornando-se, no mínimo, esgarçadas e entrecruzadas. Isso nos permite que, além de obviamente constatar que ambas as realidades existem em simultaneidade, elas vivem também em constante entrecruzamento, na medida em que aquilo que acontece no real, num clicar de dedos é inserido no virtual e vice-versa.

---

<sup>12</sup> Importante lembrar que há uma diferença entre o virtual humano e o virtual tecnológico do ciberespaço, ambos já mencionados.

Um outro exemplo que é pertinente de ser mencionado, mas que nesse caso tem um desdobramento no mínimo inesperado, é um acontecimento do ano de 2017 no qual um restaurante falso em Londres atinge o topo do ranking de pontuação em site de viagens conforme figura abaixo (ELI ROSEMBERG, 2017).

Figura 4: Restaurante falso

The screenshot shows a web browser displaying a TripAdvisor listing for 'The Shed At Dulwich'. The browser's address bar shows the URL: <https://www1.folha.uol.com.br/turismo/2017/12/1943141-restaurante-que-nao-existe-c>. The page title is 'Restaurante falso em Londres chega ao topo de ranking em site de viagens'. The listing itself shows a 5.0 rating from 100 reviews, a location in London, and various photos of food and the restaurant's exterior. The listing includes a 'Overview' section with a 5.0 rating, a bar chart showing the distribution of reviews (55% Excellent, 21% Very good, 0% Average, 0% Poor, 0% Terrible), and a map of the location in Dulwich, London.

Fonte: ELI ROSEMBERG (2017)

Ocorre que, no referido ano, o autor do experimento, que se trata de uma pessoa que publicava diversas resenhas críticas de restaurantes em um famoso site de viagens, resolveu pôr à prova os efeitos, bem como a credibilidade, das informações difundidas pela plataforma. Assim, lançou um falso restaurante, com endereço de sua casa e telefone disponível. No telefone, deixou uma gravação dizendo que estavam lotados e com o tempo comentários acerca da qualidade do restaurante começaram a surgir no site da plataforma. Com o tempo, os usuários do site (que também tem uma versão em aplicativo para celulares) começaram a pontuar e dar bons comentários e notas há um lugar que não existe. As realidades tem se atravessado proporcionando a criação de diálogos e ideias que

influenciam nossas crenças e ações estando inseridas nos mesmos âmbitos de tempo e espaço.

### Parte 2.3 – O tempo, a virtualidade e a experiência

O esgarçamento das fronteiras em um lugar que não desliga, que não deixa de existir nunca, pode ser pensado conforme se pensa o tempo, particularmente considerando o olhar que Prigogine (1996, p. 13) lança, ao dizer que “o tempo não tem início e provavelmente não tem fim”. O autor reflete intensamente sobre o impacto da percepção do tempo por parte do ser humano, mas encaminhando sua reflexão para as ciências físico-químicas, mais especificamente sobre a termodinâmica, na qual dá destaque à noção de irreversibilidade presente nas relações estudadas. Com isso, reafirma-se a noção de que o tempo corre em uma única direção e que por mais que existam esforços para recuperar condições anteriormente vistas (como é o caso de experimentos laboratoriais), um evento recriado jamais será idêntico ao seu antecessor (PRIGOGINE, 1996). Talvez, a priori, haja um estranhamento em considerar que a *internet* e a rede na virtualidade não tem início nem fim, contudo, evoquemos uma situação a qual já ocorreu com todo aqueles que se utilizam da *internet* para seus afazeres diários: ao perder a conexão com ela, as coisas que nela acontecem não se interrompem, na verdade simplesmente teve-se o acesso a ela suspenso. Como um autômato, a *internet* não precisa da presença humana para existir e, inclusive até certo ponto, para funcionar<sup>13</sup>.

Esse encaminhamento relacionado ao tempo permite-nos evocar uma ideia de Bergson (1990) acerca da hipótese de ser o espírito uma coisa que se caracteriza pela vivência da duração. De maneira objetiva, o entendimento da duração atravessa a exploração da noção de tempo comumente difundida na qual este é constituído pelos segmentos que nos habituamos a verificar quando entendemos que o tempo é o tempo do relógio, aonde há uma clara marcação entre passado, presente e futuro, contudo, não é exatamente assim que esta instância da existência funciona para nós, principalmente para a memória. O tempo constitui-se como algo marcadamente contínuo na subjetividade que é segmentado pela consciência que funciona como um tipo de biombo. O biombo como sabemos é maleável, nesse sentido nossa maneira de pensar, de sentir, de viver, ou seja, o

---

<sup>13</sup> O grau de automação da *internet* na atualidade já não permite mais que exista uma maneira de desabilitá-la em definitivo. Em termos de “desconexão” no máximo o que seria possível fazer é criar uma rede independente da que já existe anteriormente, ou seja, uma rede *off-line*, ou uma *on-line* limitada em abrangência (COCKERTON, 2012; SUTTER, 2011).

fluxo da nossa consciência é que evoca os instantes ou momentos de forma ordenada para cada pessoa.

Contudo, apesar de existir uma demarcação, a consciência não obedece a padrões. Nunca paramos de pensar e advém disso que os estados de consciência vão se sucedendo uns aos outros ininterrupta e simultaneamente. Na realidade, é como se tudo fosse um fluxo de transformação em que as coisas que vão aparecendo são mais importantes do que as transformações que elas sofrem, do que os processos que as engendram e que as fazem desaparecer. É difícil saber até onde pensamos uma coisa e em que momento se começa a pensar noutra. A tentativa de demarcar os instantes de tempo são muito úteis à existência do ser humano, pois auxilia a ordenar e controlar a existência da vida. Mesmo a produção científica é muito apegada a mensuração das coisas dentro de uma noção de recorte temporal (BERGSON, 1990).

A duração apresentada por Bergson (1990) é justamente essa sequência ininterrupta de momentos da vida, essa sequência da continuidade absoluta de momentos diferenciados que nunca se interrompem e, portanto, são vividos sempre numa continuidade de emoções, sentimentos e experiências, inseridos em um mundo que não é regido por esta lógica da continuidade, mas sim pela lógica da compartimentalização dos instantes, dos momentos e em suma do próprio tempo (BERGSON, 1990). Isso não exclui a efetividade do tempo, a concepção de que, justamente, o tempo é aquele no qual as coisas existem e, depois, não existem mais. Elas mudam, deixam de ser como eram e passam a ser de outra forma podendo, até mesmo, desaparecer; pelo contrário, a duração reforça a finitude da existência humana individual.

Nesse cenário de recortes entre passado e presente, a memória adquire uma importância extraordinária, já que o ser humano é muito mais um ser de passado do que de presente, justamente porque já vimos que os passados são muitos e simultâneos; da mesma forma o presente assim o é, mas a captação destes múltiplos presentes é limitada, tendo de ser realizada, minimamente, uma por vez. A consciência, de alguma forma, orquestra os presentes que são mais importantes de serem captados levando em consideração os passados já vividos, tudo isso no espírito da duração que ocorre subjetivamente (BERGSON, 1990). A memória é que articula e nos auxilia a entender o presente mostrando que ele, afinal de contas, depende muito das nossas vivências passadas, agindo como uma espécie de guardião do presente, não o esclarecendo, mas trazendo alguma coisa que nos auxilia a entendê-lo como ele é, funcionando numa duração que possibilita

mudança para a existência em outros níveis, alternativos àquele que é pelo corpo, a priori, experienciado (MACIEL JUNIOR, 2008).

Posto isto, tem-se que a noção de simultaneidade que atravessa a *internet* é semelhante à que ocorre no tempo enquanto duração. A *internet* e os seus sistemas de transmissão de dados, insistentemente coexistem entre passados, presentes e possíveis futuros, possibilitando, inclusive, a tentativa de eternizar determinados conteúdos. A exemplo disto, podemos evocar um fenômeno em torno da morte que circunda a rede social que é objeto da reflexão. O *Facebook* apresenta a opção de transformar o perfil de uma pessoa falecida em um memorial. Por intermédio de uma “solicitação de memorial”. Basta que qualquer usuário acesse o local apropriado, diga o nome do falecido, informe a data do falecimento e anexe a documentação comprobatória do falecimento.

Nesse sentido, podemos entender que a duração na *internet* reforça a instância do espírito que está fadada a viver o imprevisível, sempre de forma atemporal, pois deve-se considerar que o virtual recorta a realidade física e esta realidade se insere no tempo levando o seu usuário a um momentâneo estado de suspensão em relação à atenção para a realidade não virtual. A grande diferença é que o virtual opera como algo que intermedia, de alguma forma, a experiência humana com o fato de existir, funcionando como um tipo de prótese em relação ao mundo e seus lugares. Acerca disto, Virilio (2002, p. 21-22), contribui muito, ao mencionar que:

Com a multiplicação industrial das próteses visuais e audiovisuais, a utilização não-moderada destes materiais de transmissão instantânea desde a mais tenra idade, assiste-se a partir de então a uma codificação das imagens mentais cada vez mais elaborada, com a redução do tempo de retenção e sem grande recuperação ulterior, uma rápida derrocada da consolidação mnésica. Isso poderia parecer natural se não lembrarmos, em contrapartida, que o olhar e sua organização espaço-temporal precedem o gesto, a fala e sua coordenação no conhecer, reconhecer, fazer conhecer, assim como nas imagens de nossos pensamentos, nos nossos pensamentos, nossas funções cognitivas que ignoram a passividade.

Salientamos que o padrão de interatividade, no âmbito da virtualidade, conta com o auxílio da mencionada velocidade, uma vez que os computadores e similares colocam praticamente em suspensão a subjetividade de seu usuário. Neste ponto, cumpre evidenciar o paralelo construído entre suspensão e a utilização da virtualidade para interagir.

A suspensão é o ato ou efeito de suspender-se, ou de interromper (temporária ou definitivamente) uma atividade (DICIO, 2018). Tal termo é amplamente utilizado no âmbito das ciências químicas, ao indicar uma mistura heterogênea de componentes na qual

o mais externo é sempre líquido (ou semissólido) e o mais interno é sempre sólido, não existindo dissolução, assim identifica-se a “mistura em suspensão” (YOUNG, FREEDMAN, 2008). Essa separação entre os líquidos é justamente o que ocorre de certa forma ao ser humano que permanece em constante contato com a virtualidade tecnológica. Aventa-se que a suspensão temporária, aliada à velocidade na transmissão e o acesso à informação, por vezes, interfere na forma de pensar, pois ocorre uma homogeneização momentânea da alteridade. Assim, as redes interconectam-se formando um grande complexo que apresenta uma aparência homeostática pela subtração da alteridade. No entanto, há ainda a forte presença de vivências e de experiências que, apesar de manifestarem-se em um lugar materialmente não concreto, possuem efeitos sobre os seres humanos concretos que interagem com a virtualidade do ciberespaço. Retomemos, por exemplo, a referência de sua imprecisão geográfica. Ao pensarmos, por exemplo, a interação em rede, ou até mesmo o simples entretenimento em rede, deve-se ter em mente que o programa bem como o diálogo, existem sem materialidade concreta. Existem, pois nos afetam (e é justamente essa a importância do virtual para nós no presente estudo: ele produz efeitos), mas, simultaneamente, não existem pois não aludem a um espaço geográfico-temporal. Como ilustração, reflitamos sobre um diálogo entre pessoas via *internet*. Nenhum destes pode dizer “estou aqui conversando com o outro”, pois o outro não está presente fisicamente no mesmo local, sendo tão somente uma ausência. Contudo, parte de cada um dos interlocutores tem sua presença evidenciada na rede. Uma sincronização substitui a unidade de lugar, de tempo e de espaço. Contudo não é imaginação, abstração pura; é realidade empírica vivida e produz efeitos dos quais tem-se desde a troca de informação à troca de emoções, afetos e até de dinâmicas relacionadas ao prazer sexual (LÉVY, 2011).

Todas essas experiências que passam agora a ser consideradas como experiências vividas em ambientes virtuais atravessam inegavelmente o âmbito da memória e da subjetividade. Estes ambientes são, a priori, entendidos como ilusórios ou irrealis, contudo, ainda ocupam o âmbito da linguagem e, por sermos seres constituídos pela linguagem, o âmbito virtual tecnológico inevitavelmente nos afeta, justamente por que:

É somente na linguagem que a distinção entre ilusão e percepção pode ser estabelecida. O conceito mesmo de experiência significa que os choques ou as pressões ambientais, ou as casuais perturbações psíquicas podem ser significativas para um organismo, já que, pela linguagem, podem passar a fazer parte do seu mundo de significados, dando-lhe mais consistência interna. Passam

a fazer parte de um mundo que não existia antes e que não tem como existir independentemente do organismo. (WILLIGES, 2002, p. 67).

Em função de sermos seres sociais constituídos por intermédio da linguagem e da cultura cada experiência vivida, por mais desconsiderada ou menosprezada que seja, entrará, inevitavelmente, em contato com o universo simbólico e com a dimensão subjetiva, passando por critérios sistemáticos de aceitação e validação da experiência na intenção de que esta componha adequadamente o escopo da trajetória de vida de cada um. Nesse sentido, conforme mencionado na introdução, somos aptos a capturar as imagens e atribuir sentido a elas, validando-as como experiências, distinguindo-as, por exemplo, de um delírio, uma criação imaginativa ou qualquer coisa do tipo. Com isso, tem-se que, assim como na vida real, fora do contato com a virtualidade tecnológica, as constatações feitas ocorrem após a observação dos fatos existentes no espaço-tempo virtual e estas só poderão ganhar sentido e significado de acordo com a vida de quem vive a nova experiência (WILLIGES, 2002). Tudo isso em um espaço que vive e existe em meio a constantes paradoxos e contradições que podem ser reais ou virtuais.

Em um primeiro momento, chamar o espaço virtual de contraditório pode parecer estranho, mas uma indagação a esse respeito se impõe: de que forma nomear um espaço presente e ausente em simultaneidade? Por mais que cause certa estranheza ao pensar, o fato é que o virtual é um espaço presente, estando paradoxalmente ausente, ou seja, existe em certos sentidos, mas não em concretude, pois fora do meio virtual, mesmo a imagem capturada e reproduzida, não existe mais, se considerarmos que a irreversibilidade do tempo já agiu sobre aquele cenário (FEYNMAN, 2012). Como ilustração, podemos afirmar que a paisagem de uma imagem capturada e exibida está tão presente quanto a ausência que ela representa. A foto que retrata um passado que já não existe mais, contudo está ali, nos afetando. Uma imagem na tela do computador é virtual, considerando o meio no qual se encontra, é real, pois existe, na medida em que nos afeta, mas não é concreta mesmo fazendo referência a algo que pode ser encontrado concretamente. Ocorre que aquele algo retratado já mudou, pois o tempo correu, sendo a imagem a captura de um passado sendo exibida em um presente (LÉVY, 2011).

Nesse sentido, é pertinente evocar novamente as reflexões de Rossi (2007), que nos ajudam a pensar sobre o tempo em si. O autor discute a relação entre duas formas de



perceber o tempo: uma linear e outra cíclica. Para ele, a modernidade<sup>14</sup> é marcada pela coexistência dessas das formas de perceber o tempo e a existência e tal pressuposto é, justamente, o que a virtualidade tecnológica na atualidade representa: uma possibilidade de ver e fazer o tempo passar linearmente, possibilitando também o acesso a sua repetição e resgate no que tange a diversos aspectos da existência humana. Na virtualidade tecnológica tem-se a existência e o acesso a um passado que retorna podendo ter sentidos diferentes. Mas para nós, que refletimos, dentre outras coisas acerca da passagem do tempo neste lugar, as dinâmicas temporais da virtualidade atestam e renovam a complexidade paradigmática da relação do homem com o tempo.

#### Parte 2.4 – Sobre a virtualidade da rede social

Apesar de estarmos sendo invadidos, mais recentemente, pelo fenômeno das redes sociais, esta nomenclatura existe há bastante tempo, antes mesmo do advento da *internet*. As redes sociais são entendidas como redes que ilustram os padrões de conexão de determinado grupo social, por intermédio da conexão de diversos atores à esta rede (RECUERO, 2013). Ocorre que, por intermédio da *internet*, as conexões entre os grupos alcançaram outro patamar, no que tange à dinâmica dessas ocorrências. Nesse sentido, o ciberespaço redesenhou as possibilidades de comunicação entre pessoas, desde seu surgimento como tal e aventou a possibilidade da construção de redes de comunicação que culminam na construção de um tipo de sociedade em rede, um espaço de interação social que escapa à sociedade fora desse meio, mas que caminha em paralelo a ela (CASTELLS, 2003). A rede, assim como o rizoma:

[...] são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho) [...] A inclusão/exclusão em redes e a arquitetura das relações entre redes, possibilitadas por tecnologias de informação que operam à velocidade da luz, configuram os processos e as funções predominantes em nossas sociedades (CASTELLS, 1999, p. 566)

É importante enfatizar que as redes, assim como os rizomas, vão se reestruturar conforme a sua necessidade. Enquanto um rizoma presente na natureza vai se configurar de forma a alcançar mais facilmente a água, por exemplo, as redes de informação vão

---

<sup>14</sup> Entende-se por Modernidade a difusão de uma racionalidade Ocidental inaugurada com o Iluminismo e com as formas institucionais associadas à vida moderna e à emergência do Estado-Nação (HABERMAS, 1989).

reconfigurar suas dinâmicas em torno de justificativas culturais, políticas, econômicas e sociais, dentro de “espaços” que possuem contratos formais praticamente inexistentes (DUARTE; QUANDT; SOUZA, 2008). Nesse espaço, o surgimento sistemático de serviços culminou na criação das atualmente conhecidas redes sociais, que podem assumir “formatos e níveis de formalidade no decorrer do tempo; [...] podem surgir em torno de objetivos diversos: políticos, econômicos, culturais, informacionais, entre outros” (SOUZA; QUANDT, 2008, p. 35)

Atualmente existem mais de cem redes sociais registradas na *internet*, das quais 130 apresentam quantitativo de usuários registrados disponíveis para consulta pública. Surpreendentemente, a fonte primária desta informação é a Wikipédia (2019), o que evidência a escassez de produção relativa ao conteúdo das redes sociais na forma de artigos científicos com uma abordagem crítica e não somente de apresentação. Outra fonte que contribuiu grandemente com informações acerca das dinâmicas nas redes sociais foram os relatórios do grupo *We are social*, que veem fazendo, desde 2008, levantamentos sistemáticos acerca da utilização das redes sociais ao redor do mundo, com diversos tipos de recortes para análise, desde faixa etária dos usuários cadastrados ao número de usuário em cada rede. Na tabela abaixo, encontram-se o número de usuários ativos registrados no levantamento de 2019, expressos em milhões:

Tabela 1 : Quantitativo de usuários ativos nas redes sociais em 2019

Rede social	Número de usuários ativos (em milhões)
Facebook	2,271
Youtube	1,900
WhatsApp	1,500
Facebook Messenger	1,300
Wbxin/WeChat	1,083
Instagram	1,000
QQ	803
Ozone	531
Douyin/Tik tok	500
Sina Weibo	446
Reddit	330
Twitter	326

Douban	320
LinkedIn	303
Baidu Tieba	300
Skype	300
Snapchat	287
Viber	260
Pinterest	250
Line	194

Fonte: WE ARE SOCIAL (2019)

Nem todas as redes sociais foram incluídas nesta tabela em função de não apresentarem uma quantidade de usuários que atinge os propósitos do levantamento. Mesmo assim, a tabela permite-nos dimensionar o grau de imersão da população mundial nas redes sociais. O *Facebook* por exemplo, rede social que é objeto da investigação, conta com mais de 2 bilhões de usuários ativos conforme tabela acima. Não se pode falar em um montante de usuários total, pois quem está em uma rede social, naturalmente, pode estar em outra.

Especificamente, no que tange ao *Facebook*, este foi criado em 2004 e originalmente foi programado para ser um espaço para paqueras, no qual após inserir as informações o site encontraria pessoas que seriam atraentes ao usuário (TEIXEIRA, 2012). Com o tempo, ele configurou-se no que é atualmente, uma rede de interação que tem o potencial de intermediar a troca de informações, produtos e serviços. A rede social se expandiu ao ponto de influenciar no mercado financeiro, por intermédio de movimentações na bolsa (ARRUDA; GIRÃO; LUCENA, 2015), abrir um campo de atuação para o mercado informal de trabalho (LIMA; CONSERVA, 2006) e conservar um lugar para a troca de conteúdos entre os mais diferentes tipos de grupos, movidos pelos mais distintos interesses.

Nesse lugar de larga circulação de informações, pode-se constatar a ocorrência de discursos em relação às pessoas enquadradas em um perfil específico: o de pessoa criminosa. A pesquisa, conforme mencionado, foi realizada em páginas da rede social e, de forma preliminar, esta pesquisa trouxe à tona uma rede de usuários conectados em torno de um espaço virtual que veicula uma mensagem específica. Uma amostra deste quantitativo pode ser observada na figura 5:

Figura 5: Levantamento de quantitativo



Fonte: *print screen* de página do *website Facebook*.

A página que foi fundada em 16 de julho de 2012 segue divulgando conteúdos relacionados ao adágio que está presente em seu nome. Atualmente, ela é curtida por 12.566 usuários e seguida por outros 14.084. Tal adágio veicula a ideia de que a morte é um destino adequado àqueles que praticam algum crime, logo trata-se de uma clara veiculação de mensagem de violência.

Dessa forma, alcançamos mais um patamar da proposta desta reflexão e aqui enveredaremos para abordagem deste outro aspecto que se situa nos recônditos do homem enquanto sujeito, uma nuance que, ontologicamente falando, tem relação com a sua existência tanto quanto a memória. Um aspecto que se trata de uma experiência e que portanto, nos afeta, da mesma forma que o virtual. Trata-se do fenômeno da violência. Fenômeno este que se vincula à virtualidade na medida em que esta vincula-se com a realidade retratando-a, registrando-a e, por vezes, reproduzindo-a.

### Capítulo 3 - Sobre a violência

Este capítulo tem dois objetivos: primeiramente situar as nuances da violência, em termos de seus significados e sentidos para, a posteriori, apresentarmos a perspectivas da violência que foram levadas em consideração nesta reflexão. Assim como os capítulos anteriores, construiu-se uma escrita que começa num apanhado mais geral e global, partindo posteriormente para uma aproximação mais direta, sempre se referindo ao objeto de estudo e às suas dinâmicas.

A violência é sem dúvida uma experiência, mas não somente isso. O conceito e entendimento acerca de violência variaram com o tempo, conforme a cultura e a língua na qual circulava. Contudo, etimologicamente, a noção de violência sempre girou em torno da ideia de algo feito à força ou por intermédio da força. Diversos autores como Pinheiro & Almeida (2003), Zaluar (1991), Michaud (1989) e Han (2017a), postulam que a palavra é oriunda do latim, no termo *violentia*, que pode ser traduzido por veemência, que por sua vez tem origem na expressão em latim *vis*, que significa força. Dessa forma, considera-se que toda a ideia de violência sempre tem a noção de “força” ou de “forçar” atravessada em seu entendimento. Justamente, em função dessa noção de ação por intermédio da força é que a violência tem como principal consequência a produção de marcas, rastros, restos e vestígios, sejam elas visíveis ou não (MICHAUD, 1989; BECKER; DEBARY, 2012). As marcas de uma agressão corporal são vestígios da violência pela qual o corpo foi acometido, da mesma forma, pode ser dito que o medo de andar em becos escuros será outra marca, na medida em que a agressão ocorreu em local semelhante e a pessoa, no intuito de não se arriscar a passar por aquele episódio novamente, evita locais como esse a todo custo, ou seja, a recordação de um trauma, sofrido ou infligido, é também traumática, porque “evoca-la dói ou pelo menos perturba: quem foi ferido tende a cancelar a recordação para não renovar a dor; quem feriu expulsa a recordação até as camadas profundas para dela se livrar, para atenuar seu sentimento de culpa e sofrimento” (LEVI, 2004, p. 20).

Além da relação com a força, a violência apresenta também uma relação com o tempo, pois quem a exerce é *violentus* (*vis* + *lentus*), visto utilizar a força em um ritmo específico e constante intencionando atingir um objetivo (FARIAS, et al., 2014). Nesse sentido, destacamos que a violência existe como ato de forma temporal, ao menos no que tange ao seu início, pois assim como existem fenômenos violentos que iniciam e acabam,

podem vir a existir aqueles que se renovam constantemente, não demarcando um fim para sua ação, mas uma movimentação constante.

### Parte 3.1 – Os tipos de violência

Na esteira das reflexões pertinentes à tese tem-se a reflexão histórica dos conceitos abordados, assim o estudo do tempo e dos séculos permite-nos constatar que a violência atravessa os discursos da humanidade desempenhando funções variadas nas diferentes formas de organização social (HAN, 2017a). Qualquer ser humano inserido em uma sociedade e conseqüentemente em uma cultura saberá mencionar, de alguma forma, o que é a violência. Ao indagar alguém sobre o que é violência, uma das possíveis respostas será a menção a um tipo de violência visível, exercida por um agente identificável que intimida e amedronta, perpetrada de forma direta, que é explorada sistematicamente pelos meios de comunicação em massa, que é exercida no cotidiano, por agentes sociais, sujeitos e aparelhos institucionais, trata-se da violência subjetiva (ZIZEK, 2014). É chamada de violência subjetiva não em função de seus meios, mas sim pelos seus fins, pois sua ação e reconhecimento intensos permitem que as pessoas falem mais de tais fatos e com isso distanciem-se da reflexão crítica acerca da violência. O distanciamento da reflexão crítica incorre na construção de subjetividades acerca destas situações, aumentando a possibilidade de ocorrência de manipulação das massas, realização de crimes públicos sem condenação (como, por exemplo, os crimes de corrupção), promoção da indiferença e ênfase da desigualdade social.

Haverá, ainda, possibilidade de apontarem outro tipo de violência, uma violência invisível, que não é percebida como violência, sustentada por um discurso que aponta determinadas ocorrências como normais diante do cenário social, uma violência sustentada em uma “[...] normalidade do nível zero contra a qual percebemos algo como subjetivamente violento” (ZIZEK, 2014, p. 18), trata-se da violência objetiva. Este tipo de violência busca modificar um curso histórico ou uma forma de vida sem ser compreendida como uma violência em si, e para tanto, é necessário que ela aconteça sem ser percebida, da forma menos visível possível. Está intrinsecamente implícita, mas completamente objetiva. É a violência que se dá por processos específicos, conservando uma relação forte com o campo econômico. Ela é comumente desconsiderada pelas pessoas e gerada pelas instituições governamentais pois auxiliam na manutenção de um *status quo* que auxilia no controle social através de uma política do medo. Exemplos cotidianos podem ser

observados nas narrativas de periculosidade que cerca as favelas e a população menos favorecida economicamente, o que faz com que estas populações sejam sistematicamente colocadas à parte em relação à um todo, facilitando seu controle e observação.

Dando continuidade à reflexão acerca das violências existentes na sociedade, deparamo-nos com uma violência que configura um modo de operação, que não se manifesta de forma explícita, mas revela, com o tempo, relações e modos de compreensão que expressam e definem as hierarquias, as pautas e os lugares sociais legítimos de fala e de poder, conhecida como violência sutil (CARVALHO, 2016). Em sua essência, ela:

[...] se pretende sistêmica, subterrânea, capilarizada e aplicada muitas vezes de forma subliminar, mas com consequências não menos nocivas tanto para quem sofre quanto para quem aplica. Para melhor exemplificar poderíamos compreendê-la não como cena principal das relações, mas como um pano de fundo que apesar de pouco aparente, tem uma existência que mina a energia necessária para os grandes embates existenciais e pode desviar as pessoas de sua trajetória” (CARVALHO, 2016, p. 59).

Sua predominância se assenta nos processos de afiliação, agindo em torno da noção de pertencimento e integrando grupos e pessoas, sempre sem ser evidente, logo, de forma sutil. Uma mistura de violência objetiva e subjetiva, pois carrega um “quê” de cada uma, mas difere-se delas em função do ambiente no qual atua e na forma como pode ser reconhecida.

Além da violência sutil, tem-se também um outro tipo de violência, que opera como forma “coerção que se baseiam em acordos não conscientes entre as estruturas objetivas e as estruturas mentais” (BOURDIEU, 2012, p. 239, tradução nossa), conhecida como violência simbólica. É simbólica pois representa-se e dissemina-se coletivamente por intermédio de símbolos<sup>15</sup>. Esse tipo de violência se apresenta por intermédio da dominação cultural. É por intermédio dessa dominação que os ideais de uma classe hegemônica se impõem sobre os ideais de uma classe não hegemônica. Tendo como uma das principais características a não oposição entre dominado e dominador, justamente pois o dominado não percebe que está inserido em um ciclo que reproduz os ideais dominantes (BOURDIEU, 2012). Na dinâmica da violência simbólica há um tipo de anulação da individualidade do outro em detrimento de individualidades pré-existentes. São casos clássicos de “mulher não faz esse tipo de coisa”, ou “isso não é coisa de menino”, e tais sentenças são perpetuadas sem que se tenha noção de suas justificativas.

---

<sup>15</sup> Símbolos podem ser compreendidos como o modo de representação da realidade e do mundo. Uma maneira pela qual os valores de uma cultura se expressam e também se reafirmam (BOURDIEU, 2012).

Estes são alguns tipos de violência tipificadas, lembrando que tais noções sempre tem como ponto nevrálgico de suas dinâmicas o tensionamento entre as partes envolvidas, de forma que há sempre uma linha tênue de concordância ou não concordância entre a parte que aplica e a parte que sofre a ação da violência, no sentido da aceitação do ato.

Obviamente, a violência integra a cultura e esta é a grande experiência que nos destaca do restante dos seres vivos é justamente o atravessamento pela cultura que nos humaniza (FARIAS, 1987). Outro fator que marca nossa humanidade são as instâncias que nos constituem e que não dependem de criação, educação, tipos de sociedade e experiências vividas. Tem-se, por exemplo, nossa instância relacionada ao que se chama de *Homo habilis*, o que tem habilidades, ou o *Homo laborans*, o ser que se completa pelo e para o trabalho, o *Homo politicus*, a instância humana que se encarrega de nossas relações políticas diárias, e, dentre outros, o *Homo violens*, que pode ser entendido como a instância do homem que se estrutura pela violência (DADOUN, 1998). Logo, assume-se que a violência faz parte da constituição humana, e a questão em torno deste fato é aquela que as pessoas costumam negar: o fato de que “o ser humano não é uma criatura branda, ávida de amor, que no máximo pode se defender, quando atacado, mas sim que ele deve incluir, entre seus dotes instintuais, também um forte quinhão de agressividade” (FREUD, 2011, p. 57).

Especificamente, em relação aos contextos de negação da agressividade é interessante observar a realidade brasileira, que é a realidade acerca da qual estamos refletindo. Já sabemos que mais da metade da população concorda com o extermínio de criminosos, conforme destacou-se na introdução. Dentro desse contexto (o brasileiro e o da negação da violência), cumpre mencionar uma leitura realizada por Chauí (2003), que apresenta o mito da “não-violência”. Ele se presentifica na população brasileira, uma população que ao se entender solidária, alegre, livre de preconceitos em função de sua natural miscigenação histórica, ignora e naturaliza a violência das desigualdades diárias, produzidas das mais diversas formas. A grande amorosidade e receptividade do “povo brasileiro” funciona como um mito e reforça a noção de que não somos uma população violenta, quando na verdade, assim como qualquer população no mundo, nós somos.

### Parte 3.2 – Enquadramentos da violência

É certo que a violência existe como uma instância ontológica humana, contudo, antes de ser um fenômeno humano a violência é um fenômeno da natureza, o que explica o



fato de também sermos constituídos pela violência, na medida em que também somos seres da natureza. Pode-se constatar o frequente uso da força agindo para conservar um grau mínimo de coesão interna dos sistemas, a fim de conservar a vida nos locais preservando seu equilíbrio. Um exemplo que pode ser mencionado são os benefícios dos maremotos nos oceanos, que despressurizam a superfície da crosta terrestre a ponto de conservar a sua estrutura por mais tempo (BRANCO, 2014). Paradoxalmente, é esta mesma violência que retira sistemas de equilíbrio, pois, tomando o exemplo anterior, o maremoto vai alterar de forma singular e irreversível a geografia marinha, destruindo lares de algumas espécies e provocando alterações de correntes que eventualmente podem ser vistas na superfície da água. Talvez, o destino do ser humano, enquanto ser da natureza, seja ser inevitavelmente atravessado pela violência independentemente do tipo, seja ela com ou sem intencionalidade não há como escapar da violência, pois esta existe em nós e fora de nós, apresentando-se, inclusive, necessária à manutenção da vida.

Uma questão latente acerca das abordagens sobre a violência é o fato de só se fazer menção a este fenômeno pelo prisma negativo das consequências de sua ação. Isso supõe considerar que a violência é um fenômeno absoluto e singular e tal postulado é equivocado (FARIAS, 2014). Entretanto, deve-se compreender que tal associação é oriunda de uma impressão construída por motivações sócio-históricas muito específicas, pois uma simples busca bibliográfica na *internet* acerca do conceito de violência terá a esmagadora maioria dos resultados girando em torno da ação da violência pelos seus efeitos negativos e depreciativos, esquecendo-se de mencionar o caráter estruturante de suas consequências. Talvez, o filósofo pré-socrático Heráclito de Éfeso tenha sido um dos primeiros pensadores que explorou a dinâmica da violência por uma abordagem positiva, pois, ao introduzir o fogo como elemento central para a criação do mundo e da vida, explorou os efeitos positivos de uma ação que comumente é inscrita negativamente tais como incêndios, queimadas, etc (MARTINS, 2007). Especificamente a respeito do fogo, pode-se mencionar, por exemplo, as benesses das queimadas em cerrados e savanas africanas, que além de contribuírem para a ciclagem de nutrientes no solo, auxiliam na germinação de sementes de determinadas espécies de planta em função da rápida mudança de temperatura (FRIZZO, *et al*, 2011). Nesse sentido, tem-se que a violência provém da necessidade de gerar alterações em um cenário em que, inevitavelmente, hão de gerar consequências e estas, sim, podem ser enquadradas como positivas ou negativas dependendo do referencial que as observa (HAN, 2017a).

Há uma tendência no discurso do senso comum da população em enquadrar a violência como um fenômeno unicamente negativo. A ressignificação desse âmbito atravessa um processo da observação de seus efeitos antes de qualquer outra coisa. Etimologicamente, já vimos que a violência tem necessariamente relação com a noção de “força” ou de “forçar”. Nesse sentido, pode ser desafiante refletir acerca do uso positivado da violência, contudo, deve-se considerar a esfera das consequências, assim como deve-se considerar a quem aquela consequência beneficiará ou prejudicará. Um exemplo de violência positivada pode ser encontrada ao se observar o respeito à normas institucionais e sociais. Por vezes, pode-se encontrar as pessoas realizando atos que, não necessariamente, são de sua vontade, mas em função de um contexto no qual estão inseridas são obrigadas a realizar tais ações na intenção de, por exemplo, garantir a ordem em determinado espaço, ou para garantir sua segurança (financeira, física, emocional), ou ainda garantir o andamento dos processos de um local ou instituição. As pessoas são diariamente marcadas por ações que são forçadas a fazer em função dos seus contextos e essas ações inevitavelmente deixam marcas. O “bom dia” mecanicamente dito pelo funcionário, que o faz por política da empresa, marca tanto quanto o tapa no rosto durante uma briga; as marcas somente têm origens e consequências diferentes.

Outras evidências positivas do uso da violência, e que nesse caso demandam uma circunscrição específica no que tange à justificativa para os atos, podem ser encontradas nos grandes livros religiosos que colocam a violência como necessária construção ou aquisição de algo, ao narrar as grandes vitórias pelas guerras, ou até mesmo os aprendizados diante de perdas únicas e irreparáveis, mas que são colocadas como importantes dentro do contexto que está sendo apresentado pelo livro. Levando em conta que a constituição da sociedade brasileira se deu desde a colonização, majoritariamente ancorada pela ética e pela moral judaico-cristã, podemos exemplificar o dito por intermédio da menção à história de Jó. Ele teve sua fidelidade a Deus colocada à prova pelo diabo, e este último, com a autorização do primeiro, fez com que os camelos e o gado de Jó fossem roubados, seus dez filhos e rebanho de ovelhas fossem mortos, foi abandonado pela sua esposa e acometido por uma terrível doença de pele. Apesar de todas as desgraças ocorridas, Jó não amaldiçoou Deus e em função disto o todo-poderoso o abençoou, permitindo que se casasse novamente, tivesse outros dez filhos e rebanhos três vezes maiores que os anteriores (BÍBLIA, 2000). Disso, entende-se que se suportar a dor e a violência, sem perder seus propósitos, que no caso de Jó era o de adorar a deus, coisas boas hão de acontecer. Ainda existem outras narrativas que mencionam grandes conflitos

sejam eles entre nações ou entre céu e inferno. A própria criação da humanidade não teria sido possível sem um tipo de violência, por intermédio da qual Deus expulsou Adão e Eva do paraíso por terem descumprido uma de suas ordenanças. Tomando por violência o sentido da imposição que apresentamos anteriormente, se alguém disser que o que Deus fez não foi violento, estaremos em um impasse.

Tais experiências podem ser entendidas como legitimadoras da ação de fé, que colocam o ato à prova, sempre levando em conta o fato de estarmos no contexto ocidental, no qual a Bíblia (2000) é o livro da religião mais popular nas Américas e no Brasil. Outros exemplos bíblicos que caminham nesse sentido são a exigência de Deus pela vida do filho de Abraão, a praga que afligiu os primogênitos do Egito na intenção de fazer o Faraó acreditar no poder de Deus, dentre outras. Contudo, essa positivação em torno das consequências de fenômenos violentos pode também ser encontrada como fundante em outras religiões. Podemos mencionar o budismo que afirma o encontro de Buda com o ciclo da vida ser marcado pela morte, a doença e a velhice, considerando que “a única realidade é a dor universal, sendo o resto pura ilusão” (SANTIDRIÁN, 1996, p. 81); O judaísmo que basicamente segue as premissas do cristianismo levando em conta dividirem o velho testamento como texto base de orientação e aprendizado; e o islamismo que tem a origem do próprio nome marcada pelo poder de Deus, pois o termo em si significa submetimento a Deus (SANTIDRIÁN, 1996, p. 251). No islamismo, em particular, pode-se observar um forte arraigamento do discurso religioso em torno da experiência militar e política, muito mais, inclusive, que no cristianismo que aparenta oscilar entre os conflitos e os rituais de legitimação da fé (BINGEMER, 2004).

Não apenas a narrativa bíblica nos apresenta a orientação da construção de suas histórias e conquistas atravessadas pela violência, mas também as narrativas gregas que estão repletas de sangue e batalhas homéricas, por intermédio das quais, deuses e homens vociferavam suas conquistas e vitórias (HAN, 2017a) e tal fenômeno de retratação da violência atravessa as mais diferentes religiões por intermédio de narrativas relacionadas sempre à origem e às experiências tidas como fundantes da fé.

Num olhar diferente acerca do contexto da violência relacionado às religiões, levando em conta outras modalidades de violência, pode-se considerar o hinduísmo que, por exemplo, conserva em si uma “ética estamental dos prebendários, dos homens com educação literária que se caracterizavam pelo racionalismo secular. Quem não pertencia a essa camada culta não tinha importância” (WEBER, 1982, p. 190). Ou seja, havia uma hereditariedade relacionada ao pertencimento religioso que atravessava também as classes

sociais o que culminava pelo afastamento de determinadas pessoas a ocupação de determinados cargos; da mesma forma, o budismo tem um atravessamento excludente no que tange a sua difusão na sociedade na medida em que foi pensado por monges que possuíam uma rotina diferenciada em relação às outras pessoas, na qual eram rigorosamente contemplativos, mendicantes e rejeitavam o mundo e seus “prazeres” vivendo uma religião da qual somente uns eram membros integrantes e os demais continuavam sendo leigos de valor inferior, ocupando lugar não de sujeitos mas de objetos de uma religiosidade (WEBER, 1982).

Essas reflexões acerca do atravessamento da violência em religiões e mitos clássicos nos auxiliam a entender como o âmbito da violência está difundido nos meios onde supostamente não haveria de estar. Sempre conservando uma sutileza na forma pela qual são apresentados a leitores, espectadores e ouvintes. Tais situações permitem-nos constatar o potencial estrutural da violência levando em conta que ela atravessa um discurso que tem alto grau de ordenamento social: o discurso religioso. Ora, se um discurso, que pode intervir na ordem social, apresenta a violência como uma instância natural de ser vivida no cotidiano, fato é que os momentos de violência constatada terão um grau de banalização. Deve-se chamar atenção para o fato de estarmos apresentando uma abordagem literal dos textos, que não considera sua dimensão metafórica, antropológica e sociológica, pois a intenção é nos aproximarmos dos discursos que estão imediatamente disponíveis há qualquer pessoa que queira se lançar a uma leitura. Toda e qualquer interpretação que exceda os significados literais e metafóricos depende do grau de aspectos subjetivos inerentes ao leitor ou ao grupo ao qual ele pertence.

Apesar das experiências de conquistas por intermédio da utilização da força, e logo, da violência, residirem no passado da história destas religiões é justamente na tentativa de atualização constante dos discursos que se tem hoje a manifestação de novos processos de legitimidade para a violência na intenção de conquistar algo para si enquanto sujeito ou para o grupo religioso enquanto instituição. Ressaltando-se ainda o fato de que o fim pior de todos estará sempre à espreita: morte, condenação eterna e castigo divino. O mais forte no esquema religioso é o fato dele sempre ter a solução para os males bem a postos e ela é sempre violenta.

No entanto, não devemos nos esquecer da dimensão polissêmica, exemplificada anteriormente, em relação à sua positividade e negatividade. Mesmo assim, em sendo a violência um fenômeno enquadrado necessariamente em situações negativas, chama-se atenção aqui para um fato que é comumente ignorado por parte tanto daqueles que

observam, quanto daqueles que participam de uma dinâmica violenta: as conjunturas e consequências (ZIZEK, 2014). O fenômeno da violência é, sem dúvida, uma construção histórica e social que influencia as relações sociais e simbólicas e que, em alguns momentos, se renova ou abranda, se evidencia ou se escamoteia, sempre delineando elementos importantes para que se pense os diferentes significados da violência, ou os diferentes significados que ela pode ter em determinados contextos. Nesse sentido, tem-se por exemplo:

[...] a violência originária, violência necessária, violência justificada, violência reativa: essas são algumas formas com as quais nos defrontamos quando nos debruçamos na reflexão acerca da violência e, mais precisamente, quando buscamos entender o motivo da presença da violência no homem (FARIAS, 2012, p.110).

Evidencia-se, aqui, outro ponto importante quando refletimos sobre a violência independentemente da forma pela qual se faz ou do objetivo que se almeja: sua relação com o homem. Uma nuance já apresentada é a de que a violência é uma instância humana, ou seja, “é imanente à condição humana e está inscrita em uma memória que remonta à ancestralidade” (FARIAS, 2012, p. 107), ou seja, a violência integra e por consequência auxilia o homem na construção de si enquanto ser social e enquanto um ser de memória.

Que a violência nos atravessa diariamente não restam dúvidas, e tal fato ocorre sem sequer nos darmos conta. Basta evidenciarmos uma das formas pela qual a violência nos impele, e que tem uma relação com a memória. Trata-se da violência do esquecimento pelo qual passamos diariamente (BARRENECHEA, 2005). Desde os tempos em que não era possível realizar registros de escrita, no período ágrafo, necessitava-se de algo para trazer à memória os processos que poderiam auxiliar a sanar as dores básicas da existência: fome, sede e abrigo. Esquecer-se de aspectos que integravam a construção de soluções para estas necessidades implicava na morte do homem (NIETZSCHE, 1998). Tem-se também o fato de que o esquecimento é necessário à vida e ao bom andamento da existência, pois sem esquecer o homem perecerá (BORGES, 1970). Com isso, tem-se que o esquecer se faz necessário para a vida e o esquecer é violento, na medida em que nos é imposto, sem que dele tenhamos controle, consciência ou aviso, nos pegando de súbito como um banco de areia no leito de um rio onde não se é possível ver o fundo.

Pode-se constatar que a forma pela qual a violência é apresentada em âmbito religioso é uma, que até certo ponto permanece imutável em suas intenções considerando os contextos nos quais são utilizadas. Contudo, a violência, ou melhor, as ações

circunscritas como violentas em função de seus efeitos vêm se modificando quando tomam conta do cenário dessa reflexão. Quando pensamos, por exemplo, o cenário da Idade Média, as imagens associadas à violência comumente consideram as grandes guerras e a desordem parcialmente agressiva que assolava vilarejos e cidades. Ao avançarmos na história, na Idade Moderna, pode-se situar as circunscrições violentas aos processos de expansões mercantis e colonização. Já na Idade Contemporânea, tem-se um maior contato com a modernização da violência, por intermédio da utilização das tecnologias, principalmente após a revolução industrial. A forma como a violência opera na sociedade se modifica de forma que se naturalizam pequenas violências e demonizam-se grandes violências, das quais merece destaque o holocausto e seus ritos de extermínio, tidos até hoje como uma das maiores barbáries da humanidade (HAN, 2017a). Na atualidade, há uma alta disseminação de tendências acerca da imunologização da vida (HAN, 2017b), postura que faz menção ao excesso de preocupação com a imunidade, intencionando a prevenção do mal-estar de forma generalizada. Inicialmente, a expressão guarda relação com o âmbito da saúde, contudo, o que se pode observar é que a violência acabou por também ser enquadrada de um aspecto viral, alcançado o status de mal a ser combatido, demandando inclusive uma definição da Organização Mundial de Saúde (2002), dizendo que a violência pode ser definida pelo:

[...] uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (p. 5).

Ou seja, a violência passou a também adquirir um status de epidemia a ser controlada, vinculando-se também ao setor da saúde. Segue-se assim a herança do comportamento imunológico-social, no qual a premissa é afastar tudo aquilo que é estranho, que foge do “normal”, assim como nosso sistema imunológico faz. A prevenção à violência é a palavra de ordem na atualidade, de maneira que as configurações de poder do atual Estado funcionam também nesse sentido. Fala-se em prevenção a doenças, em combate a doenças e igualmente se menciona prevenção e combate à violência. Notadamente, dada a configuração da sociedade nos dias atuais, a responsabilidade por imunologizar a sociedade no âmbito da violência é do Estado, que deve “prevenir os excessos mais grosseiros da violência, conferindo a si mesmo o direito de praticar a violência contra os infratores” (FREUD, 2011, p. 58).

O que o tempo tem revelado ao considerar-se os esquemas de combate e prevenção é que em geral, as pessoas estão sabendo lidar menos com os aspectos naturais da vida. O desespero se instala em uma casa de família quando o jovem se acidenta com uma faca; a família movimenta-se em torno do jovem para buscar o auxílio da autoridade em saúde: o médico (HAN, 2017a). Isso acaba por incorrer em unidades de saúde com filas para atendimentos de cortes que poderiam ser resolvidos com um *band-aid* e um pouco de *mertiolate*. Esse excesso de prevenção direcionada àquilo que provoca algum mal-estar pode ser observado inclusive na relação das pessoas com a morte na atualidade. Nunca se falou tanto em vida, em viver bem, em expectativa de vida. Fala-se tanto em viver que o morrer tem sido esquecido e deixado de ser encarado como algo que também faz parte da vida, sendo evidenciada apenas a dimensão trágica da ausência do outro (KLÜBER-ROSS, 2008). Não que exista uma dimensão romântica na morte. A ausência permanente de uma pessoa próxima é, sem dúvida, algo impactante na vida de qualquer um. Mas o entendimento acerca da presença da morte na trajetória de vida de cada um, sem dúvida, auxiliaria na passagem pelo momento de luto. Uma ilustração do impacto da imunologização, ou seja, da prevenção do mal-estar é a mudança cultural apresentada por Klüber-Ross (2008) ao dizer que na década de 1930, as crianças eram levadas às casas das pessoas consideradas moribundas para despedirem-se das mesmas, por vezes sem entender o que estava acontecendo. Atualmente, recomenda-se que as crianças nem mesmo vão a enterros. Por quê? Talvez essa seja uma das maiores contradições em termos do tratamento dado à violência na atualidade: a afirmação recorrente de que não somos violentos fazendo com que lidemos com a violência como se fosse algo completamente exterior à constituição humana quando, na verdade, não é.

### Parte 3.3 – Lidando com a violência

Se continuarmos a lançar o olhar para as práticas humanas no decorrer da história vamos inevitavelmente nos deparar com a história das normas, leis, regras, sanções e punições. Estes mecanismos são produtos da cultura, criados para, de alguma forma, auxiliar na regulação das relações na sociedade. Talvez o maior paradoxo da cultura sejam esses mecanismos pois eles auxiliam a “cultivar e manter as forças que se esforça para conter” (SOFSKY, 2006, p. 198, tradução nossa), com as quais estamos fadados a conviver. Normas, leis e regras são prerrogativas para a existência de grupos sociais, bem como sanções e punições direcionadas ao seu descumprimento, ao mantermos os primeiros

garantimos a existência dos últimos e delimita-se a autoridade para a realização de tais atos ao poder vigente de cada época. Durante a Idade Média, as sanções eram cruéis e como sempre direcionadas aos infratores de determinada norma social. Tais práticas foram parcialmente superadas com o fim dos processos de esquartejamento, castigo em praça pública, decapitação, etc (FOUCAULT, 2010). Da mesma forma, houve a construção de um compêndio legislativo que tem por intenção reprimir a vontade do ser humano de fazer a justiça com as próprias mãos (BECCARIA, 2001), pois por intermédio delas o homem trocou um pouco de felicidade e liberdade por um tanto de segurança, supondo que cada cidadão será capaz de respeitar aquela norma, mesmo contra sua vontade (FREUD, 2011).

Com o direito de fazer justiça transferido ao Estado, as pessoas deveriam viver em harmonia e responder por seus atos, cedendo parte de sua liberdade, para que pudessem desfrutar desta com maior segurança, pois o Estado os proveria isto. É importante ter sempre em mente que o positivo e o negativo relativo às consequências da violência sempre carregarão um “pra quem”. Nesse exemplo, tem-se que o estado e a macroestrutura deste ficam conservadas em função das leis e normas, sejam elas institucionalizadas ou oriundas de convenção social, mas também temos aqueles cidadãos que não concordam com as leis e normas vigentes, mas se veem inseridos nestes esquemas. A importância de ressaltar essas possibilidades de positividade da violência é justamente sair do circuito de circunscrição unicamente negativa deste fenômeno humano e marcar uma posição de olhar teórico para o conceito, olhar este que foi lançado ao objeto de pesquisa, também orientado pelo questionamento “pra quem?”. Não se deve ignorar as múltiplas relações de poder que atravessam as relações, lembrando sempre que o poder não é uma coisa nem uma propriedade; ele não está localizado somente no governo ou no Estado. O poder não pode ser definido somente em um lugar, indivíduo ou instituição, muito pelo contrário, o poder é apresentado como sendo uma trama, uma rede que está difusa transversalmente em toda a sociedade e, além disso, é exercido, é ação que se produz na correlação de forças (FOUCAULT, 2012).

Essa suposição de que por intermédio da estipulação de normas, leis e sanções, seria possível viver sem fazer justiça no esquema “cada um por si” representa uma das necessidades para a superação quando do que se conhece por “barbárie”, alcançando assim a dita “sociedade civilizada”. Entretanto, somente mais tarde pôde-se compreender que “o pendor à agressão é uma disposição de instinto original e autônoma do ser humano” (FREUD, 2011, p. 67) e, dessa forma, episódios pontuais de justiça com as próprias mãos inevitavelmente surgiriam. Surge daí a necessidade do estabelecimento de pactos e acordos



como condição necessária à vida coletiva. Assim, sobre a união de reduzidas liberdades que se mantém o direito de punir, logo, o crime sendo compreendido como desrespeito aos pactos, deveria receber uma pena proporcional ao delito cometido. Nesse sentido, o contexto das práticas jurídicas criou uma gradação de crimes, colocando-as em uma escala valorativa definida por critérios de gravidade e o espaço destinado para aqueles que cometiam crimes foi justamente o espaço da prisão.

No cenário brasileiro, a Lei de Execuções Penais (lei nº 7210, de 11 de julho de 1984) garante que toda pessoa que for presa para cumprimento de pena de privação de liberdade continua tendo direito a assistência material, à saúde, à defesa legal, à educação (de serviço social e religiosa), tudo objetivando a preservação da pessoa presa, tanto para mantê-la na condição de ser humano, diferente do que ocorria nos estabelecimentos penitenciários da Antiguidade, quanto para orientá-la de forma adequada, para que não venha a cometer novamente crimes contra a sociedade ou a vida. Contudo, ainda na atualidade, as prisões revelam-se depósitos daqueles que não querem ser vistos ou lembrados pela sociedade.

Uma consequência direta dessa postura é a demarcação social da construção da figura maligna, ou seja, na lógica da prevenção à violência elegem-se os atores de potencial violência, àqueles que fogem ao “normal”. Quem hoje encontra-se na rubrica da população branca, financeiramente estável e de educação em nível mínimo, está autorizada pelo sistema a existir, quem não tem uma dessas características em evidência corre risco de cair na engrenagem do sistema. E mesmo diante da constante lembrança de que os crimes não cessam de ocorrer em função das prisões e de que ações de violência não deixam de ocorrer em função das punições, as sociedades insistem em, de alguma forma ignorar o conhecimento de que o mal existe no ser humano e “ninguém quer ser lembrado o quanto é difícil conciliar a irrefutável existência do mal” (FREUD, 2011, p. 66), mas deve ser um esforço necessário à manutenção da vida em sociedade de forma coesa, minimizando-se os conflitos das diferentes ordens. A citação de Freud (2011) impulsiona a reflexão acerca do compartilhamento da vida cotidiana. Se estamos de alguma forma fadados e revelar em nossas ações algum grau de “maldade” aos olhos de um cidadão que conosco divide a vida e os espaços, cumpre-nos de alguma forma exercitar uma vigília constante para que não ultrapassemos a linha que separa uma ação comum de uma ação violenta, considerando as relações de poder, informações sociais e subjetivas constatadas no decorrer da vida.

A abordagem e o entendimento acerca destes aspectos concernentes à violência e ao ser humano são necessários para que entendamos o quão profundamente o entendimento

acerca da violência pode chegar na organização das sociedades, bem como o quanto ela modifica os grupos em seu entorno, pois, enquanto na Idade Média era possível vislumbrar cenários que continham falas como “não seja violento”, tem-se na atualidade contextos que giram em torno do discurso de combate à violência. Em âmbito nacional, pode-se evidenciar essa premissa ao constatar a existência do documento do Conselho Nacional de Secretários de Saúde (2008) intitulado “O desafio do enfrentamento da violência: situação atual, estratégias e propostas”. O fato de a violência ter sido capturada, por exemplo, pela perspectiva imunizante apresentada não se difere muito do olhar imanente acerca da violência, que postula sermos, na condição de humanos, constituídos por ela. Nesse sentido, estamos considerando que, se a violência habita em nós, os meios através dos quais nos expressamos serão inevitavelmente alcançados pelas instâncias que nos compõem. E, ao nosso ver, é de extrema valia que tenhamos um entendimento acerca do potencial à violência que carregamos conosco, seja ela utilizada para gerar consequências negativas ou positivas. A omissão acerca da violência na vida incorre na construção de um cenário de difícil manutenção da coesão social pois as instituições não nos preparam para lidar com a agressividade da qual certamente seremos objetos e culminam por incorrer num equívoco que assemelhasse a enviar um grupo de pessoas à “uma expedição polar com roupas de verão e mapas de lagos italianos” (FREUD, 2011, p. 81).

Apesar de o entendimento e a fina compreensão acerca das diferentes formas pelas quais a violência nos atravessa parecer caótico, é necessário não se desesperar frente à essa constatação. O escritor José Saramago (2002, p.56) nos adverte que “o caos é uma ordem por decifrar”; obviamente essa é uma tentativa de tranquilizar as mentes agitadas frente a situações aparentemente desestruturantes. Essa reflexão acerca da possibilidade de ser possível decifrar fenômenos caóticos existe também no âmbito de outros estudos científicos, como o da termodinâmica. Aparentemente, há uma tendência natural dos sistemas microscópicos de sempre permanecerem em um esquema de auto estruturação que oscila entre caos (ausência de ordem) e ordem, e que essa oscilação inevitavelmente se reflete nos esquemas macroscópicos (PRIGOGINE; KONDEPUDI, 1998); dos quais, por que não, os esquemas sociais?

Uma das motivações em imergir em reflexões em torno da temática da violência na virtualidade atravessando o terreno da memória é justamente auxiliar a decifração de mais um dos tantos caos que atravessam e atravessaram a história da humanidade. Talvez, uma das formas eficazes de integrar esse movimento seja justamente por intermédio da linguagem e do registro, método esse ao qual também nos lançamos aqui por intermédio da

construção da tese. A construção e disseminação da informação cresceram muito nos últimos anos e de forma muitíssimo acelerada, basicamente em função da grande disseminação do ciberespaço, do qual fomos nos utilizando para interagir e produzir os mais diversos assuntos. Hoje, sabe-se que a capacidade média da gestão de informação do cérebro humano gira em torno de 100 milhões de *bits* de informação, mas no interior de uma biblioteca pode-se encontrar sem dificuldade cerca de 10 trilhões de *bits* alocados e tudo isso vem sendo constantemente disseminado, reproduzido, problematizado e contestado nos mais diversos ambientes, incluindo o da virtualidade tecnológica (HAWKING, 2018).

Sendo assim, considerando que a virtualidade do ciberespaço é um meio pelo qual circulamos enquanto seres de ideia, na medida em que não há possibilidade de circular fisicamente, todas as questões da humanidade, incluindo as relativas à violência, inevitavelmente se manifestarão neste meio, por intermédio, obviamente, de nossas ações. Nesse sentido, assim como a instância da memória manifestou-se na virtualidade, a instância da violência também o faz, dando-nos a oportunidade de perscrutar quais são as dinâmicas que atravessam a expressão da violência em meio virtual tecnológico bem como quais são os efeitos que ela carrega.

A violência sempre foi um tema de discussão seja ela oriunda de fonte humana ou não, atravessando, dessa forma, a história da humanidade em grande sentido. Nesse sentido, pudemos observar que a violência é uma instância constitutiva do ser humano, tal qual a memória e a presente proposta esta considerando a interação entre estas instâncias humanas, em um lugar específico, do qual a humanidade tem se utilizado nos últimos anos para trilhar avanços, elaborar mecanismos e construir tecnologias. A princípio, considera-se que a virtualidade pode estar oferecendo a possibilidade de atualizar a relação das pessoas com a violência, não sob um viés científico-positivista, mas, sim, dentro de uma perspectiva histórico-dialógica do processo de compreensão de o que vem a ser violência e de quais são os pináculos das estruturas que sustentam estas possíveis atualizações (BAIRON, 2010).

Conforme foi apresentado na introdução, um dos norteadores da presente investigação foi o adágio “bandido bom é bandido morto” e aqui cumpre esclarecer alguns aspectos específicos do adágio. Por ser uma sentença que se direciona especificamente à um grupo de pessoas (aqueles que cometeram crime) e que prega a desvalorização desse grupo, afirmando serem pessoas que não são dignas à vida, pode-se enquadrar o bordão como um discurso de ódio. Trata-se de um discurso que manifesta e incita discriminação e

agressão à um grupo ou grupos da sociedade. Esses discursos, em geral, objetivam desqualificar o grupo ao qual se referem, por intermédio dos traços marcantes desse grupo, sejam eles sexualidade, gênero, etnicidade, religião ou, como no caso da presente reflexão, o não respeito de uma norma social conhecida como lei (BRUGGER, 2007), em linhas gerais podem ser identificados por intermédio da utilização de “qualquer expressão que desvalorize, menospreze, desqualifique e inferiorize os indivíduos. Trata-se de uma situação de desrespeito social, uma vez que reduz o ser humano à condição de objeto” (SILVEIRA, 2007, p. 80) partindo-se do princípio que esse movimento da desqualificação do outro é norteado por um estigma, ou seja, uma marca de depreciação que é identificável em um sujeito ou em um grupo (GOFFMAN, 1974).

Historicamente, estigmas são feitos por uns seres humanos em outros, por intermédio de ferramentas que permitem o registro de uma marca identificável na pessoa que foi marcada. Poderia ser uma marca que indica uma pessoa traidora, um escravo ou criminoso, mas o mais importante era que “uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que deveria ser evitada, especialmente em lugares públicos” (GOFFMAN, 1974, p. 11). Nos dias atuais, a prática da marcação já não é mais regida por lei, no entanto os processos que constroem um olhar estigmatizante não cessaram; um ser humano continua a identificar em outro um sinal, “um sinal visível de uma falha oculta, iniquidade ou torpeza moral” (GOFFMAN, 1974, p. 12) e, por intermédio da identificação de tal, seu portador é colocado de lado pois a marca funciona como elemento que predetermina o comportamento do sujeito.

Existem estratégias que podem auxiliar na atenuação dos efeitos do discurso de ódio voltado aos grupos. Legislações específicas podem ser um exemplo, como é o caso do racismo no Brasil, que atualmente é crime inafiançável. Mas somente as leis não farão nenhuma transformação global nas questões sociais sendo necessário também empenho e reflexão atravessados no cotidiano, objetivando construir o entendimento acerca das individualidades humanas e a conscientização da possibilidade exitosa de convivência entre nós. No entanto, quando se transporta essa questão para a virtualidade já não é tão objetivo assim tratar dos problemas. Países como França e Alemanha já possuem legislação específica acerca dos discursos de ódio, que servem tanto para aqueles manifestados no mundo real quanto para os do mundo virtual (ROSEMAIN; PINEAU, 2019; SÃO PAULO, 2018), contudo ainda é uma questão em debate em diversos países e que vem ganhando cada vez mais espaço, no entanto a imprecisão da localização de determinados usuários e as barreiras dos textos legislativos são os principais impeditivos

para que haja um consenso. Já houve suspensão em contas de *Twitter* e *Facebook* de autoridades políticas da Alemanha (MADE FOR MINDS, 2018) bem como o endurecimento das leis relativas à propagação do discurso de ódio nas redes sociais (WELLE, 2020). No Brasil, desde 2013 o assunto vem sendo tratado em âmbito político federal, sendo retomado com mais ênfase em 2018 (ARAÚJO, 2018). Fato é que, como veremos a seguir, estes discursos ainda assim circulam livremente na virtualidade e cumpre-nos abrir uma frente que se disponibilizará a refletir essas manifestações de ódio e violência nesse lugar virtual.

A verdade é que um novo prisma acerca da violência está sendo observado aqui. Um ainda em construção para ser explorado. É este um dos motores da investigação. Estaria a violência da virtualidade tecnológica sendo regida pelos enquadramentos já conhecidos das tantas outras violências? Haveria uma outra dinâmica que abarca essa violência tecnológica, ou ela transita de alguma forma entre todas as outras mencionadas? Lancemo-nos a descobrir.

#### Capítulo 4 – As redes sociais e a pesquisa

No capítulo dois, foi mencionado que o atravessamento das redes sociais na vida do ser humano não é um fenômeno novo, apesar de estar, mais recentemente, se apresentando de forma mais intensa. Essa intensidade pode ser atribuída à necessidade de ampliação das trocas de informação relativas aos negócios e aos temas socioambientais, principalmente em função do contexto sócio-histórico no qual estamos inseridos: o modelo de consumo capitalista. Deve ter-se clara a noção de que as “redes sociais são estruturas dinâmicas e complexas formadas por pessoas com valores e/ou objetivos em comum, interligadas de forma horizontal e predominantemente descentralizada” (SOUZA; QUANDT, 2008, p. 34), ou seja, a grande maioria das pessoas que utilizam a rede social encontram-se em um patamar de igualdade na sua relação com a rede, além de terem uma dinâmica de uso que não necessariamente obedece à um manual de regras estrito e limitado hierarquicamente, por isso o uso é descentralizado.

O detalhamento das práticas de pesquisa será realizado no próximo capítulo, enquanto neste capítulo será apresentada detalhadamente a rede social que é objeto da pesquisa e algumas de suas dinâmicas que, além de auxiliarem no processo de pesquisa da tese, auxiliaram no aprofundamento acerca das possibilidades de atravessamento da rede social em nossa sociabilidade.

Pesquisar as redes sociais foi uma tarefa que demandou excessiva reflexão sobre o tema, principalmente para que não se incorresse no terreno do senso comum no que tange a consideração das informações dadas como prontas. Trata-se de mais uma forma de refletir acerca da interação entre ser humano, sociedade e natureza considerando a tecnologia como uma intermediária entre estes.

Os estudos relativos à interação entre homem-natureza-sociedade são dos mais diversos possíveis e por mais que, na atualidade, tendamos a nos firmar em uma única base do conhecimento, essa base em determinado momento poderá vir a se revelar falha e então teremos a necessidade de recorrer a outra fonte de conhecimento. O conhecimento disciplinar, por vezes, pode não conseguir dar conta dos problemas apresentados pela sociedade, por isso tem sido sistematicamente necessário realizar alterações em nossos modelos e conceitos, construindo assim novos conhecimentos (ALVARENGA, 2011). Apesar disso, é pertinente evidenciar que:

Não se trata, pois, de superação do conhecimento disciplinar, sob o qual se funda tal modelo, mas de reconhecer a pertinência e a relevância de outro modo de fazer ciência, de gerar conhecimento, sobretudo porque a realidade nem sempre pode ser enquadrada dentro do universo de domínio disciplinar” (ALVARENGA, et al, 2011, p. 13).

Posto isto, cumpre retomar que o objetivo geral desta investigação é perscrutar o processo de construção de memória, relativa à violência, que ocorre no âmbito da virtualidade, e tomando esse objetivo como norteador, focalizamos nosso olhar sobre as memórias da violência, mais particularmente ao processo de reprodução destas na virtualidade. Contudo, vimos no capítulo dois que dada a extensão dessa virtualidade, em termos de sua definição e informações disponíveis, não seria possível abarcar todo seu teor em uma única investigação. Como alternativa a esse primeiro impasse, observou-se as fronteiras construídas nesse universo, o que fez com que chegássemos ao campo da pesquisa: páginas de conteúdo da rede social *Facebook*.

#### Parte 4.1 – Características e dinâmicas do *Facebook*

As páginas de conteúdo do *Facebook* são uma parte da rede social que apresenta em seu interior uma série de outras partes. Nesse sentido, é de fundamental importância que sejam apresentados alguns aspectos da rede social para que, a posteriori, sejam abordadas as metodologias de coleta de dados e análises. Entender como funciona o campo aumenta a possibilidade de construir entendimentos acerca do objeto. Para tanto vamos recorrer de maneira direta a forma por intermédio da qual o próprio campo se apresenta. A rede social já tem, em suas dinâmicas, informativos que veiculam e definem cada lugar dentro da rede, informando seu propósito, utilidade, limitações e recursos.

Ao criar uma conta na rede social, você torna-se um usuário dela, ou seja, uma pessoa que usa a rede. Dentro dela você encontrará outros usuários, nomeados pela rede como “amigos”. Os amigos podem ser adicionados à sua rede pessoal e assim você poderá ver os conteúdos que eles escrevem e compartilham com a rede deles. Na condição de usuário, você pode interagir com as publicações de amigos e de páginas de conteúdo.

O primeiro ambiente virtual do *Facebook* que deve ser destacado é conhecido como *Feed* de notícias, que se trata da página de exibição inicial que surge após o cadastro no site. Esta primeira tela “é o que você vê ao entrar no *Facebook*. Ela contém o *Feed* de Notícias, a lista constantemente atualizada com as publicações de amigos, Páginas e outras conexões que você criou” (FACEBOOK, 2019). Nesse *Feed*, é possível escrever conteúdos

de sua autoria, fazer *upload* de fotos e vídeos diversos e compartilhar conteúdos de terceiros em sua *timeline*<sup>16</sup> e todos estas ações inseridas no *feed* e na *timeline* são postagens, conhecidas também como *Posts*.

Ainda acerca do *Feed* de notícias e do conteúdo exibido nele, é importante ressaltar a seguinte informação:

As publicações vistas no Feed de Notícias servem para manter você conectado com pessoas, locais e assuntos importantes, começando com amigos e família. **As publicações que aparecem primeiro são influenciadas por suas conexões e atividades no Facebook.** O número de comentários, curtidas e reações recebidos por uma publicação e o tipo (foto, vídeo, atualização de status) também podem torná-la mais propensa a aparecer primeiro em seu Feed de Notícias. (...). Caso você ache que não está vendo publicações que gostaria de ver ou que está vendo publicações que não gostaria de ver em seu Feed de Notícias, **é possível ajustar suas configurações.** (FACEBOOK, 2019, grifo nosso)

Pode-se, assim, constatar que as informações exibidas no *Feed* de notícias, além de terem o conteúdo de suas conexões com amigos e páginas, possuem um grau de regulação que é da autoria do dono da conta, entretanto, este controle sempre permanecerá em aberto, na medida em que os conteúdos possuem uma base de construção autômata baseada nas ações do usuário, ou seja, todas as interações e ações do usuário estão constantemente sendo mapeadas para que a árvore de conteúdos seja, também, constantemente atualizada de acordo com os interesses daquele que está a utilizar a conta. É por isso que, por vezes, são exibidos no *feed* conteúdos de páginas que não são necessariamente seguidas por você. A própria rede social afirma que o *feed* “exibe publicações das atividades de seus amigos no Facebook, inclusive quando eles comentam publicações de pessoas que não são suas amigas”, mas também reforça que “Caso não queira que seu Feed de Notícias exiba as publicações das atividades de um amigo no Facebook, você pode: deixar de seguir o amigo; ajustar o que vê no *Feed* de notícias; e, ocultar as publicações que não quer ver” (FACEBOOK, 2020a). Assim, o *feed* permite visualizar as conversas “que estão sendo realizadas e que se realizaram”, além de aventar a possibilidade de “retomar antigas conversas caso haja o interesse”, e, nesse ínterim, possibilitar a identificação dos assuntos de interesse no momento de uso, “que vão desde os mais corriqueiros do dia a dia aos que envolvem questões políticas e culturais” (COUTO JUNIOR, 2013, p.29).

---

<sup>16</sup> Do inglês: “linha do tempo”. Trata-se da ordenação das ações do usuário que é exibida para aqueles que visitam a página pessoal de outro usuário. Cada conteúdo compartilhado aparece de forma ordenada, seguindo o horário de sua inserção na rede social.



É importante mencionar que o próprio Facebook possui recursos para ocultar mensagens que você não deseja compartilhar assim como é possível ocultar as mensagens de apenas determinadas pessoas. Um exemplo pode ser imaginado no seguinte cenário: você pode querer fazer um texto falando sobre o sexismo da atualidade e não querer que seu avô leia pois este sempre lhe aborda de forma incômoda e incisiva sobre o assunto, assim, ao escrever o texto é possível ocultar aquele texto apenas do usuário de seu avô e este não irá lê-lo. Há, ainda, a possibilidade de entrar em contato com outro usuário por intermédio do recurso de mensagens, o qual cria uma conversa privada entre você e o outro amigo ou página de conteúdo com quem está se comunicando.

A *timeline* mencionada anteriormente é o lugar onde as suas postagens e ações ficam registradas. Para realizar uma conexão com um amigo é necessário “adicioná-lo” à sua rede. Para tanto, você pode clicar no recurso de “adição rápida”, que imediatamente envia uma solicitação ao outro usuário, ou você pode entrar no perfil da pessoa para enviar o “pedido de amizade”. Nesta página de perfil são exibidas informações pessoais como nome, cidade de origem, telefone, e-mail e diversas outras opções que podem ser selecionadas pelo dono do perfil para que sejam exibidas, como data de aniversário, citações favoritas, tipos de filmes prediletos, etc. A figura abaixo mostra um perfil da rede social com o botão de solicitação de amizade e o campo linha do tempo:

Figura 6: Exemplo de perfil da rede social



Fonte: *print screen* de página do website Facebook.

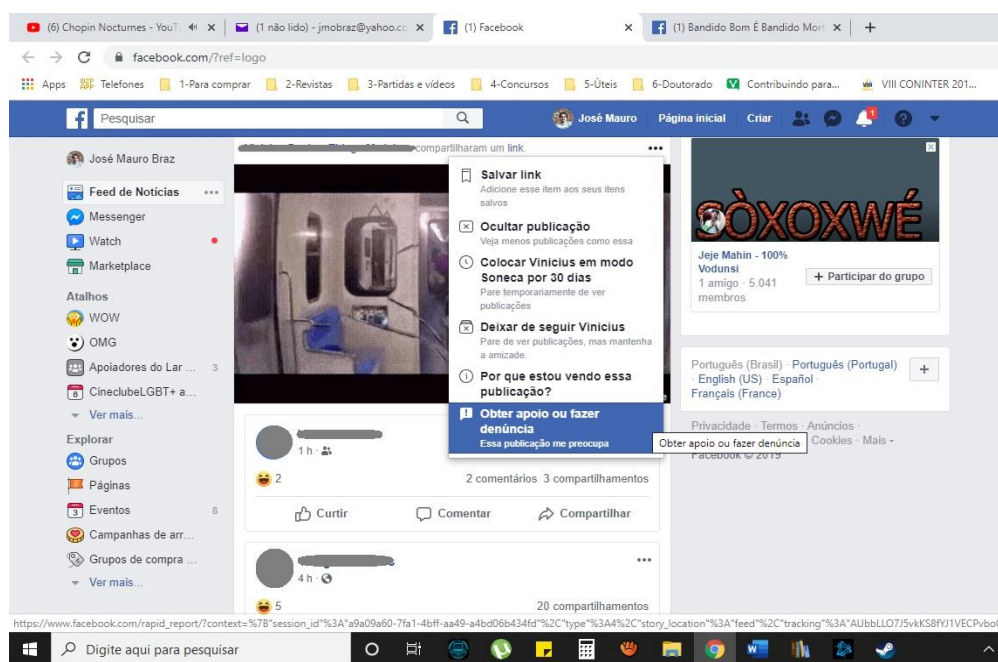
Um momento de pequena revisão das informações é necessário antes de dar prosseguimento. Até agora temos os seguintes elementos da rede social *Facebook*: 1) Usuário – que é quem utiliza a rede, nomeado também de amigo; 2) *Posts* ou postagem - que trata-se de todo conteúdo criado ou visto por qualquer usuário (excetuando-se as mensagens privadas); 3) *Feed* de notícias – que é onde aparecem as informações que seus amigos e as páginas de conteúdo que você curte colocam para circular na rede; 4) Perfil – lugar que abriga as suas informações pessoais e a *timeline*; e, 5) *Timeline* – lugar onde encontram-se os conteúdos de sua autoria, ou conteúdos por você compartilhados.

Dando prosseguimento a exploração das possibilidades da rede social, tem-se outro modo de interação que é a ação de compartilhar, que foi anteriormente mencionada algumas vezes. O compartilhamento possibilita que o usuário possa passar adiante o conteúdo, disponibilizando a postagem para sua rede de amigos e, conseqüentemente fazendo com que a informação atinja mais pessoas. Em sua página pessoal você pode compartilhar qualquer conteúdo que for de sua vontade. Estamos considerando o compartilhamento da informação como uma tomada de parte na difusão da informação da publicação por parte do usuário que a visualiza, pois após compartilhar o conteúdo será em algum momento apresentado a rede de contatos já construída. O compartilhamento também pode legitimar e reforçar o conteúdo da publicação, na medida em que contribui para a reputação do compartilhado e valoriza a informação que foi originalmente publicada por intermédio da ação do algoritmo (RECUERO, 2014, p. 120). Desta forma, o ato de compartilhar demonstra um engajamento relacionado à postagem, uma vez que demanda mais ações para fazê-lo. Importante registrar que qualquer conteúdo criado ou visualizado pode ser compartilhado desde que seu autor original tenha dado essa permissão para isto ao criá-lo. Assim como é possível escolher quem vê um conteúdo criado, pode-se também escolher se esse conteúdo estará disponível para ser compartilhado por outras pessoas ou não. Ao compartilhar um conteúdo, este é inserido em sua *timeline* como uma ação sua e conseqüentemente aparecerá no *feed* de outros usuários. Caso o conteúdo não seja de sua autoria, a menção autoral sempre será exibida.

Especificamente em relação aos conteúdos das informações, há a possibilidade de o conteúdo de sua publicação ser previamente analisado pelo algoritmo que faz a gestão e o funcionamento da rede social e caso seu conteúdo vá de encontro aos “Padrões da

comunidade”<sup>17</sup> do *Facebook* ele é bloqueado para exibição. Esse processo sempre ocorre por intermédio da ação dos softwares de análise de conteúdo e estes tem duas possibilidades de ação: a primeira é a ação espontânea e aleatória entre os usuários, ou seja, não é sempre imediatamente depois de uma publicação que ela vai ser analisada, isso pode levar algum tempo e, em caso de desrespeito, as medidas serão tomadas; a segunda é por intermédio do recurso da denúncia. Este recurso oferece opções para tipificar esta ação, ou seja, a ação de denunciar, e ela pode ser direcionada à uma publicação em específico ou a uma página inteira e todo o seu conteúdo. Inicialmente é necessário encontrar o indicador “...” – seja na publicação ou numa página – e ao clicar nele recorrer à opção “Obter apoio ou fazer denúncia/denunciar”. Abaixo, nas figuras 11 e 12 encontram-se respectivamente os exemplos de denúncia para publicação e página.

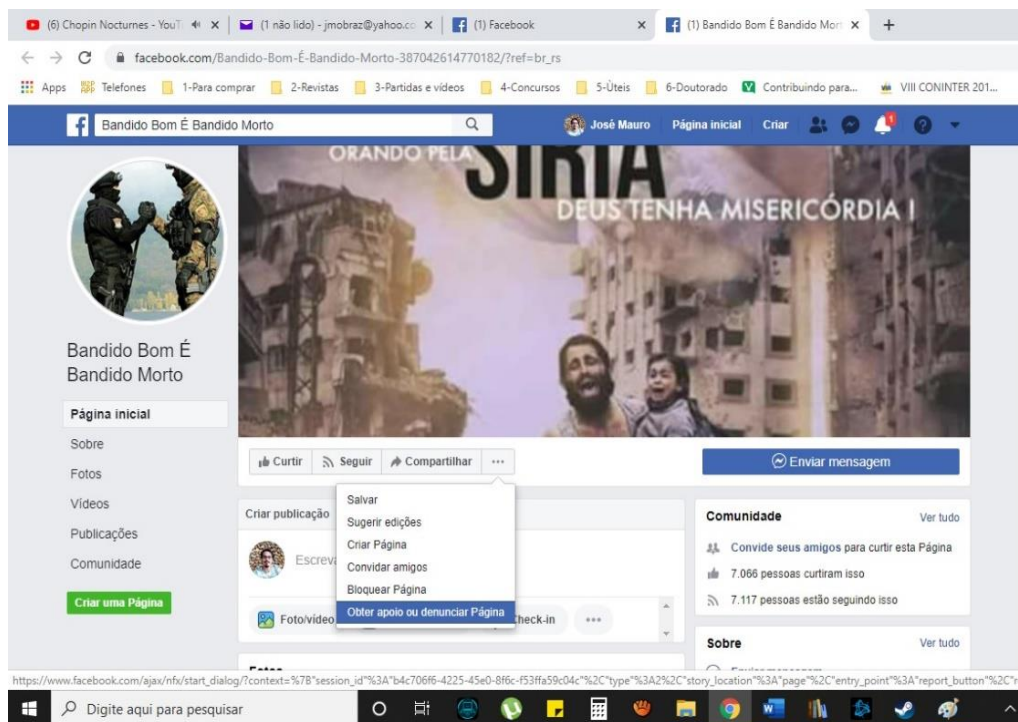
Figura 7: Exemplo de denúncia para publicação



Fonte: *print screen* do recurso de denúncia de publicação no *website Facebook*.

<sup>17</sup> Tratam-se das regras da rede social e são divididas em I. Comportamento violento e criminoso; II. Segurança; III. Conteúdo questionável; IV. Integridade e autenticidade; V. Com respeito à propriedade intelectual; e, VI. Solicitações relativas a conteúdo. (FACEBOOK, 2018)<sup>17</sup>.

Figura 8: Exemplo de denúncia para página de conteúdo



Fonte: *print screen* do recurso de denúncia de publicação no *website* Facebook.

Após realizar a denúncia do conteúdo a mesma será processada pelo próprio sistema da rede social. Segundo o próprio site:

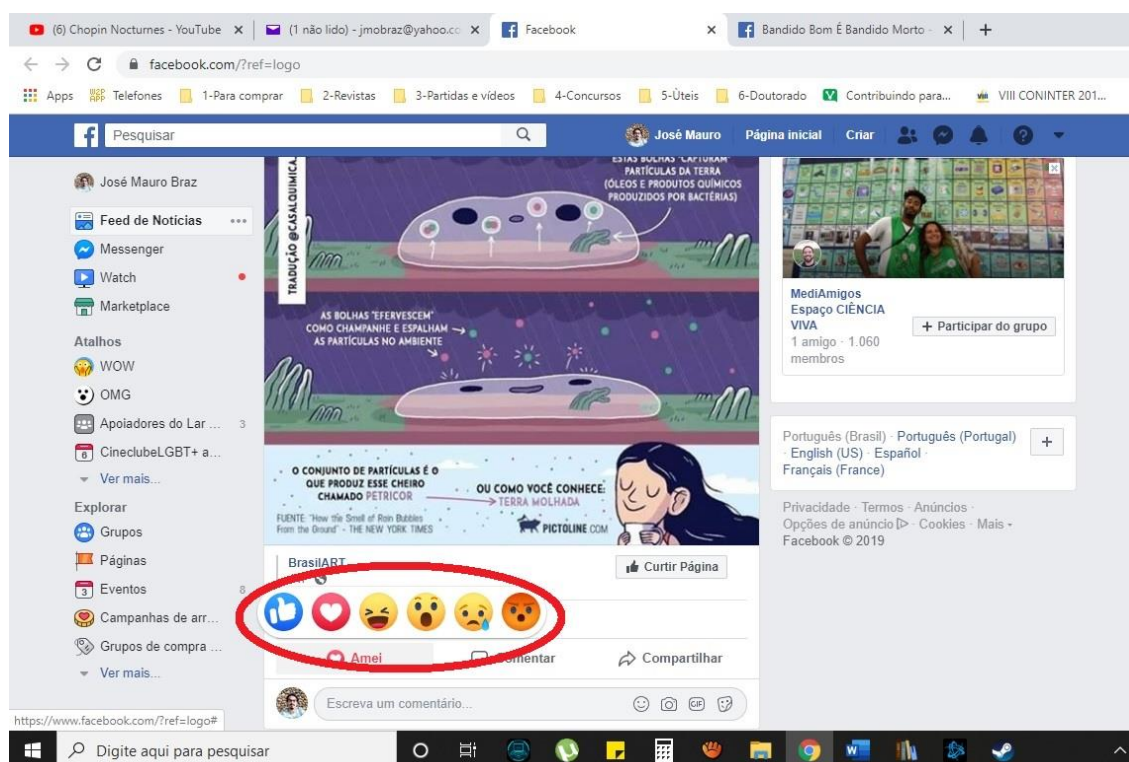
Quando alguém é denunciado no Facebook, nós analisamos a denúncia e removemos qualquer conteúdo que não siga os Padrões da comunidade do Facebook. Seu nome e outras informações pessoais permanecerão em absoluto sigilo se entrarmos em contato com a pessoa responsável. Lembre-se de que denunciar um conteúdo no Facebook não garante a remoção do conteúdo. É possível que você encontre no Facebook conteúdos com os quais não concorda, mas que não violam os Termos do Facebook. (FACEBOOK, 2018).

Especificamente em relação a este ponto é interessante ressaltar o fato de que o *Facebook* nada fará a respeito de nenhuma página ou comunidade caso não seja notificado pelos próprios usuários. Ou seja, obviamente, há uma ordenação humana por de trás do conteúdo exibido, assim como uma algorítmica, e estas ordenações orquestram o ambiente da rede social fazendo com que haja uma alteração de seu formato de exibição para o usuário. Contudo, nada acontece sem registrar a atividade do usuário da rede. A ordenação humana leva em conta as denúncias realizadas, realizando uma interpretação moral do conteúdo no intuito de verificar se este vai contra os padrões da comunidade; já a

ordenação algorítmica considera os cliques e interações de cada usuário, bem como o registro de palavras-chave de denúncias anteriores, e, baseado nisso, há uma constante atualização do *feed de notícias* da rede, ou seja, daquilo que é exibido na tela principal da rede social, o que inclui conteúdos veiculados em páginas.

Ler, escrever, denunciar, compartilhar, clicar para acessar determinados espaços dentro da rede, todas estas são interações possíveis do usuário com a rede social. Por interação estamos nos referindo a qualquer ação entre as partes mencionadas, restringindo a utilização da palavra a sua origem etimológica, inter, entre, + ação. Especificamente, em relação aos conteúdos do *feed*, as principais possíveis de serem realizadas são os comentários na publicação, o compartilhamento e as interações de reação (*reaction buttons*<sup>18</sup>) destacadas na figura 13 a seguir:

Figura 9: Reaction buttons



Fonte: print screen do website Facebook.

As reações “Curtir”; “Amei”; “Haha”; “Uau”; “Triste”; e, “Grrr”; conforme figura 13, referem-se a reações relacionadas à sentimentos. Todas estão dadas a priori, exceto a opção “Grrr”, que é geralmente associada a raiva ou desagrado em relação ao conteúdo da

<sup>18</sup> Botões de reação (tradução nossa). Trata-se do nome popularmente dado às figuras que expressam reações direcionadas ao conteúdo da postagem.

publicação. Chamamos as interações mencionadas de principais, pois são as que estão imediatamente disponíveis em qualquer publicação para qualquer usuário da rede. Todas estas formas de interação estão a um clique de distância. Qualquer outra interação, como denunciar por exemplo, demandará mais cliques, isso quando elas são conhecidas. Parte-se do princípio de que cada interação dessa é justamente uma reação do usuário direcionada ao conteúdo da publicação, sendo compreendidas como igualmente integrantes da rede, pois a rede social sem estes recursos seria uma, e com eles ela é outra. Nesse sentido, os recursos adicionados com o passar do tempo são como as ramificações dos rizomas, surgem frente a uma necessidade, mas de forma repentina. Um fato que reforça esta constatação em relação ao *Facebook* é que as reações além do “curtir”, foram adicionadas em 2016 (GOMES, 2016), exemplo de como a forma de o usuário relacionar-se com uma mesma tecnologia se altera com o passar do tempo. A curtida é a forma mais simples de demonstrar que o conteúdo agradou de alguma forma a quem interage, tornando sua participação visível ao público, sinalizando três possíveis situações: que a mensagem foi captada; que houve concordância com o ponto de vista ali propagado; ou que está grato pela veiculação da informação (RECUERO; SOARES, 2013). As outras reações são mais intuitivas e de fácil compreensão acerca da mensagem que quer ser transmitida, isso não deve excluir a ideia de que o real significado da reação é extremamente subjetivo de maneira que cada reação tem de ser cuidadosamente analisada e interpretada levando em conta a sua relação com o restante da rede, revelando, assim, seu aspecto objetivo, ou seja, “enquanto a ‘curtida’ tem uma carga positiva de legitimação e apoio, é no comentário que pode surgir o questionamento e a discordância” (RECUERO; SOARES, 2013, p. 247), ou ainda, como veremos nos casos abordados, de reforço e aprovação. Ainda, segundo Recuero (2014, p. 115), a curtida, o compartilhamento e o comentário são funções conversacionais, ou seja, são ações que têm função semelhante a uma conversação oral e que graças à “[...] apropriação das ferramentas textuais da mediação do computador passou a indicar uma simulação da conversação e uma percepção de uso conversacional”.

É importante destacar que a conversação se trata de “uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum” (2006, p. 15). Ela também necessita de um grau de alternância, produto da cooperação entre as partes objetivando atingir a compreensão das mensagens trocadas (MARCUSCHI, 2006; KERBRAT-ORECCHIONI, 2006). Nesse sentido, embora a conversa e a conversação sejam compreendidos como fenômenos falados (PRIDHAM, 2001; MARCUSCHI, 2006), a comunicação com a mediação das

tecnologias textuais evidenciou uma simulação da conversação e uma percepção de uso conversacional. Isso se evidencia quando, por exemplo, utilizam-se expressões como “alguém falou” e “foi dito” ao referir-se a uma mensagem escrita por alguém em um meio virtual (HERRING, 1996). Essas inclinações em utilizar símbolos, como, por exemplo, emoticons, GIF (Graphics Interchange Format)<sup>19</sup> e onomatopeias puderam ser observadas com frequência em pesquisas, fazendo com que as interações mediadas por intermédio pudessem ser comparadas com as interações orais (BOYD E HEER, 2006; HERRING, 1996; PRIMO E SMANIOTTO, 2006).

A curtida também é a maneira pela qual você insere uma página de conteúdo em seus interesses, fazendo com que as postagens realizadas por aquela página passem a aparecer em seu *feed* de notícias. Ou seja, você não se inscreve em uma página de conteúdo, você “curte” uma página de conteúdo e assim torna-se um seguidor da página.

A página de conteúdo é um outro lugar virtual disponível na rede social. Ela apresenta a sua própria *timeline* com as postagens da autoria do administrador da página. Esses locais virtuais são utilizados por “artistas, figuras públicas, empresas, marcas, organizações e organizações sem fins lucrativos usam para se conectar com fãs ou clientes. Quando uma pessoa curte ou segue uma Página no Facebook, ela começa a ver as atualizações dessa Página no Feed de Notícias” (FACEBOOK, 2020b). A página pode tratar-se sobre qualquer tema possível, basta que ela seja construída pelo seu autor e ativada para circular na rede, como as páginas de são objeto desta pesquisa.

Mencionou-se que, ao curtir uma página, você se torna seguidor desta. Sobre o ato de seguir é importante esclarecer que:

“Você segue automaticamente as pessoas que são suas amigas. Você também pode seguir Páginas (por exemplo, empresas, organizações ou marcas) e pessoas que não são suas amigas no Facebook, mas que permitem que todos as sigam. Ao seguir uma pessoa ou Página, você poderá ver atualizações dessa pessoa ou da Página no Feed de Notícias. Se curtir uma Página, você a seguirá automaticamente.” (FACEBOOK, 2020c).

Ou seja, pode-se ser um seguidor sem ser um curtidor, assim como é possível curtir sem seguir. O recurso de seguir é ativável. Isso significa que você pode não receber informações sobre alguma parte que integra sua rede, mesmo estando conectado a ela.

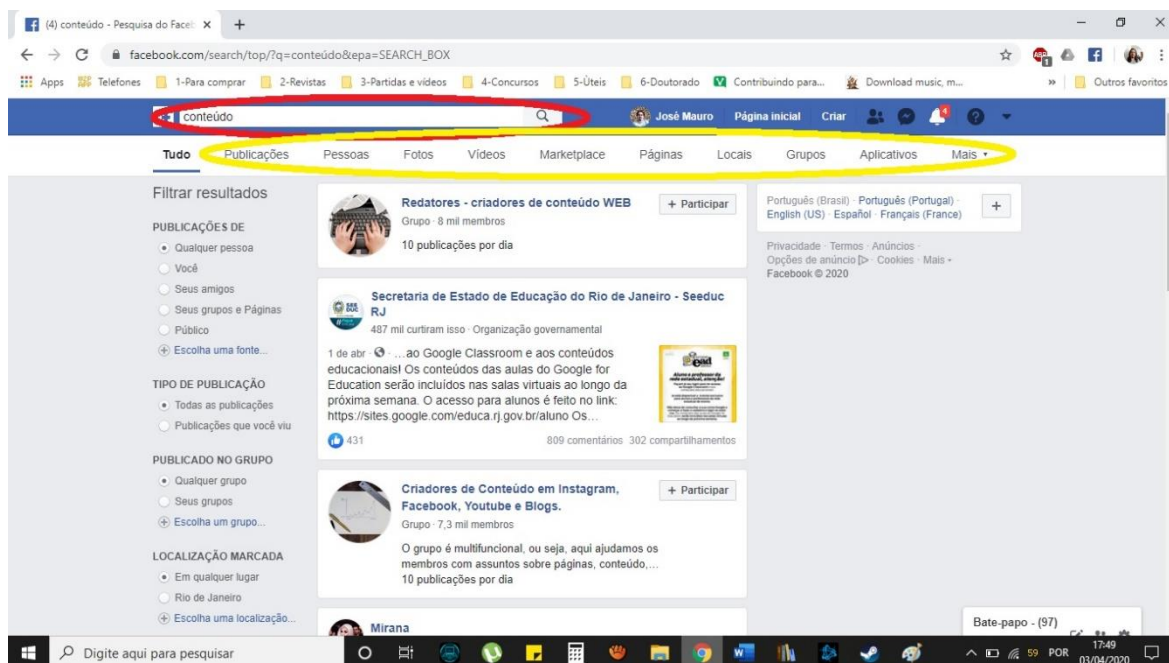
---

<sup>19</sup> GIF ou Formato de Intercâmbio de Gráficos trata-se de um formato de imagem lançado em 1987 pela CompuServe, intencionando ofertar um formato de imagem com cores como alternativa ao formato preto e branco. O formato mais popular de GIF são os animados que se constituem de vários outros GIFs mesclados em um só arquivo. É comumente utilizado nas trocas de mensagens em jogos eletrônicos e outros meios (BRITO, 2013).

Existe também a possibilidade de um usuário realizar um comentário, recurso tão popular quanto os *reaction buttons*. Um comentário pode ser realizado em qualquer postagem à qual um usuário tenha acesso para visualizar. Em linhas gerais, considera-se que o comentário, assim como o compartilhamento, demonstra um maior engajamento do usuário em relação ao conteúdo veiculado, principalmente em função do fato de que para comentar algo são necessárias mais ações no ambiente virtual, incluindo o próprio ato de digitar (RECUERO, 2014). Se um “usuário A” compartilhar uma postagem de uma página qualquer, é possível a outro “usuário B” que visualize esta postagem faça um comentário. No entanto este comentário pode ser feito na publicação compartilhada, a qual somente o “usuário A” e sua rede tem acesso, ou este comentário pode ser feito diretamente na página da qual a postagem é oriunda.

Um recurso que foi mencionado na introdução é o recurso de busca dentro da rede social. Conforme figura 10 abaixo, estão em destaque a barra de busca e os filtros de resultado, destacadas respectivamente por vermelho e amarelo.

Figura 10: Barra de busca e filtros de resultado



Fonte: *print screen* do website Facebook.

Como exemplo de busca foi digitado a palavra “conteúdo” na barra e os resultados obtidos estão logo abaixo na parte central da tela. A esses resultados, é possível aplicar filtros objetivando restringir as buscas de determinado conteúdo de acordo com as



tipificações apresentadas pela própria rede. As opções disponíveis são: 1) publicações; 2) pessoas; 3) fotos, 4) vídeos; 5) *marketplace*; 6) páginas; 7) locais; 8) grupos; 9) aplicativos; e, 10) mais; que revela mais duas opções: 10.1) *links*; e, 10.2) eventos. Dentro de cada um desses filtros, estarão os resultados já presentes na busca geral, contudo ordenados pela orientação do filtro. Os filtros 1, 2, 3, 4, e 6 são intuitivos em sua compreensão e dispensam maiores explicações. Já os demais filtros demandam uma breve abordagem.

O filtro 5 contém resultados que possuem relação com a compra e venda relacionados à palavra escrita na barra de busca. Se, por exemplo, realizar-se uma busca por joias, o filtro *marketplace* exibirá perfis ou páginas que comercializam joias. Já o filtro grupo refere-se à existência de grupos que existem e giram em torno da palavra digitada na barra de busca. Um grupo é outro lugar virtual que, diferente da página, pode ser privado ou público. Ele também contém uma *timeline* própria e nele encontram-se pessoas que objetivam trocar informações sobre determinado conteúdo. A grande diferença entre a página e o grupo é que este segundo pode ser privado ou público, mas os propósitos de utilização têm grande interseção. Ao definir um grupo como privado, qualquer usuário que queira entrar neste grupo deve enviar uma solicitação de participação que deverá ser aprovada pelo administrador do grupo. Esta solicitação pode ser apenas um pedido simples de participação ou o administrador pode demandar que o usuário solicitante responda questões como “qual sua motivação em querer participar do grupo?”; “Concorda em participar do grupo considerando as regras abaixo ...”, dentre outras possibilidades.

O filtro 9 diz respeito aos aplicativos. Ao clicar nesse filtro, o *Facebook* irá exibir aplicativos que possam se relacionar com a busca realizada. Os aplicativos podem ser instalados no computador, *smartphone* ou semelhante. Um exemplo prático é buscar pela palavra “jogos”. Ao fazer isso e clicar no filtro “aplicativos” diversos jogos aparecerão e poderão ser jogados por intermédio da interface do *Facebook*, ou, dependendo da empresa criadora, poderá ser jogado direto no dispositivo utilizado por intermédio de instalação do programa.

O filtro *links* apresenta *links* para notícias que se relacionem com a busca realizada e o filtro eventos da mesma forma apresenta eventos que estejam relacionados com a busca realizada. Especificamente em relação aos eventos, o *Facebook* tem a possibilidade de você criar um evento e convidar pessoas a participarem dele. É possível, por exemplo, criar um evento de seu aniversário, com isso uma página será criada com as informações que você, enquanto usuário e criador do evento irá fornecer. Essa página também terá sua própria *timeline* e não pode ser curtida, mas pode ser seguida. Além disso, como por

intermédio das páginas de evento convites podem ser realizados, as pessoas convidadas podem registrar sua posição em relação ao evento conforme figura 11 a seguir:

Figura 11: Interações com eventos na rede social



Fonte: *print screen* do website *Facebook*.

Levando em consideração o presente estudo, que objetiva, não somente, refletir acerca de seu objetivo principal, mas também levantar reflexões que dialogam com os atravessamentos da rede social na vida, consideramos que estas são as principais características da rede social enquanto lugar virtual que atravessa as nossas interações no cotidiano da atualidade. Esperou-se que, com esses elementos, todas as necessidades relacionadas ao objetivo, considerando o percurso metodológico, fossem atendidas, além de também ter elementos que alimentem reflexões futuras.

No intuito de, novamente, fixar os elementos e recursos que compõem a dinâmica da rede social *Facebook* apresenta-se a tabela abaixo contendo todo o conteúdo desta seção do capítulo.

Tabela 2: Elementos e recursos da rede social

Elemento ou recurso da rede social	Função primária <sup>20</sup>
Usuário	Quem utiliza a rede social.
Perfil	Local onde encontram-se as informações pessoais do usuário e a <i>timeline</i> .
<i>Timeline</i> (linha do tempo)	Local onde ficam registradas as postagens e compartilhamentos do usuário.
Compartilhamento	Ação relativa ao ato de compartilhar determinado conteúdo com a sua rede de contatos (amigos).
Amigo	Outro usuário da rede social com que foi estabelecida conexão por intermédio do pedido de amizade.
<i>Feed</i> de notícias	Local onde são exibidas as notícias e conteúdos compartilhados por páginas e amigos <sup>21</sup> .
Páginas (páginas de conteúdo)	Local criado por um usuário com o objetivo de compartilhar de informações de seu interesse com a rede que segue e curte a página.
Curtir (páginas)	Ato por intermédio do qual se insere na rede. Após curtir uma página você automaticamente passa a segui-la e receberá os compartilhamentos de postagens em seu <i>feed</i> .
Curtir (reação)	Uma das reações dos botões de reação que pode ser aplicada a qualquer postagem ou comentário. Junto da opção curtir tem-se as opções “Amei”; “Haha”; “Uau”; “Triste”; e, “Grrr”;
Postagem ( <i>post</i> )	Qualquer conteúdo criado e inserido ou compartilhado em sua <i>timeline</i> .
Seguir	Ação que aciona o recebimento das postagens de um amigo, página ou grupo em seu <i>feed</i> .
Grupo	Assim como a página trata-se de um lugar criado por um usuário com o objetivo de compartilhar de informações de seu interesse com a rede que está inserida no grupo. A principal diferença é que este pode ser público ou privado.
Busca	Recurso semelhante ao encontrado na <i>Internet</i> por intermédio do qual é realizada uma busca por determinado conteúdo dentro da rede social.
Filtros de busca	Tratam-se dos filtros que podem ser aplicados à busca realizada. Objetivam reduzir a quantidade de resultados auxiliando o usuário a achar o que procura.

Fonte: Elaborada pelo autor

É importante enfatizar que o *Facebook* é por excelência um instrumento, um mediador de ações humanas, e é igualmente importante ter em mente que qualquer

<sup>20</sup> Chamamos de função primária pois, conforme mencionado anteriormente, o propósito de determinadas ações é subjetivo e depende de cada caso, mas estes recursos sempre apresentam um terreno geral em relação à sua dinâmica. Um compartilhamento por exemplo pode objetivar criticar negativamente ou positivamente determinado fato em uma postagem, mas tanto para um quanto para outro haverá a veiculação da informação.

<sup>21</sup> Atualmente, também é possível receber propagandas em seu *feed*. Elas podem ser desativadas após comando específico presente na própria tela, mas nunca cessarão em definitivo.

finalidade pode ser aplicada na utilização desse mecanismo, mesmo aquelas tidas como irregulares pelos pares da administração da rede social ainda encontram seu tempo *on-line*, mesmo que este seja mínimo. Justamente por isso, o estudo da virtualidade torna-se um desafio, pois passa a ser quase inexecutável lançar-se a trabalhar com todas as diferentes fontes de informação geradas a partir do lugar observado. Sabe-se, por exemplo, que existem estratégias de mercado no interior do próprio Facebook que excedem o *marketplace* por ele disponibilizado. Assim, como sabe-se igualmente que as informações geradas nos bancos de dados e armazenamento dos gestores da própria rede podem servir há alguém, movido pelos mais diversos motivos. Mas o que nos cabe, no momento, é pensar a memória, a memória e a violência no âmbito da virtualidade, sendo tomada como e a virtualidade, mas diante da impossibilidade de refletir sobre isso em todos os âmbitos da virtualidade, optou-se por fiscalizar o Facebook e suas páginas de conteúdo. Entendendo que a rede social se apresenta de uma forma aos seus usuários e é essa forma que tem de ser considerada para pensar as ações possíveis no interior da rede.

Assim, finaliza-se a apresentação das principais funções da rede social, no que tange a sua capacidade de interação, individualização e formação de grupos. Objetivando tornar essa compreensão mais precisa, vamos nos dedicar a explorar os aspectos de programação que compõem uma parte não tão disponível para compreensão e acesso, sua instância algorítmica.

#### Parte 4.2 – O algoritmo da rede social

Apesar de, a princípio, não estarmos levando em consideração as influências e ações do algoritmo na presente reflexão, é de fundamental importância que se fale sobre ele para que possamos elucidar e compreender mais profundamente a rede social com a qual se trabalhou. Explorar essa instância da rede é também uma questão de responsabilização em relação ao conhecimento que está sendo veiculado por intermédio desta tese.

Em linhas gerais, um algoritmo pode ser definido como uma sequência de procedimentos que objetivam resolver determinado problema. Estes procedimentos devem ser precisos, mecânicos e não ambíguos, tanto quanto for possível (SANJOY; CHRISTOS; UMESH, 2010). Apesar de se falar mais recentemente de algoritmos, basicamente em função de sua ampla utilização no meio computacional, o entendimento acerca destes

procedimentos é antigo, sendo encontrados por exemplo no “algoritmo de Euclides”<sup>22</sup> e no “Crivo ou Peneira de Eratóstenes”<sup>23</sup>. O algoritmo apresenta em si procedimentos lógicos, que contam com repetições, eliminações tomadas de decisão e qualquer outro processo que seja necessário para alcançar o objetivo para o qual este foi criado/pensado.

Conforme mencionado, algoritmos não necessariamente representam um programa de computação ou equivalente, trata-se de uma sequência de ações. Na atualidade, pode-se implementar um algoritmo por intermédio de um computador ou por outro mecanismo autômato. Um algoritmo não representa, necessariamente, um programa de computador, mas sim, os passos necessários para realizar uma tarefa. Sua implementação pode ser feita por um computador, por outro tipo de autômato ou mesmo por um ser humano. Podem existir uma infinidade de algoritmos que resolvam um mesmo problema. Pode-se pensar, por exemplo, no ato de vestir-se. Podemos desenvolver um algoritmo que diga para vestir meias, calça, camisa e sapato, ou que determine vestir calça, camisa e meias, ou ainda um que diga para vestir primeiro camisa, depois meias e assim calças. Todos são algoritmos válidos na medida em que conseguirão alcançar seu objetivo: vestir.

Obviamente, um programa de computador é um algoritmo, e este informa ao computador quais passos deve dar e em que ordem devem ser executados para que, ao fim, seja alcançada a reprodução de uma função específica do computador (MEDINA; FERTIG, 2005). Ao incluir nos procedimentos de um algoritmo a lógica que considera o recolhimento e processamento de dados é comum que aja uma fonte de recepção dos dados, para que, a posteriori, haja um processamento com emissão de novos dados. Uma grande rede de processamento demanda a existência de uma série de algoritmos funcionando em sincronia e perfeitamente encaixados, de maneira que não é válido que haja erro em algum código ou passo a ser dado, pois, caso assim ocorra, compromete-se o objetivo para o qual estes algoritmos foram pensados (TOSCANI; VELOSO, 2009).

Como o objetivo desta seção é entender da melhor forma a dinâmica que atravessa o algoritmo que rege o funcionamento do *Facebook*, no que tange ao conteúdo exibido aos usuários<sup>24</sup>, cumpre-nos fechar nossa reflexão em torno dele. Nos momentos iniciais do

---

<sup>22</sup> O conhecido algoritmo de Euclides trata-se de um dos algoritmos mais antigos da história ocidental registrado em documentos e sua relevância reside no fato de ser um método simples e preciso para determinar o MDC entre números inteiros diferentes de zero (EUCLIDES, 2009).

<sup>23</sup> Crivo ou Peneira de Eratóstenes trata-se de um algoritmo para encontrar números primos em um intervalo específico (BOYER, 1974).

<sup>24</sup> Conforme mencionado os processos computacionais podem ser geridos por uma série de algoritmos e sem dúvida a rede social necessita de mais de um para funcionar adequadamente, mas vamos nos deter à compreensão daquele que regular as informações exibidas aos usuários.

funcionamento da rede social, em função de um reduzido número de usuários, era possível visualizar praticamente todas as atividades dos usuários que integravam a rede de conexões, entretanto, conforme o número de usuários da rede social aumentou foi necessário pensar em ações que selecionassem as informações da rede que seriam recebidas. Essa foi uma forma de também garantir o dinamismo da rede social, na medida em que não seriam exibidas, por exemplo, muitas postagens seguidas de um mesmo usuário (PARISER, 2012a). A solução para esse problema se deu por intermédio da criação de um algoritmo para alcançar este objetivo.

O algoritmo que regula a exibição desses conteúdos é conhecimento como *EdgeRank*. De forma objetiva, este algoritmo dedica-se a rastrear as ações do usuário e orientá-las para três recortes de análise: a) afinidade; b) relevância; e, c) tempo. Por afinidade, entende-se o número de interações com determinada postagem, quanto mais interações acontecerem em torno daquele conteúdo, maior a probabilidade de ele aparecer em diversos *feeds*. Já a relevância refere-se ao tipo de conteúdo compartilhado. Por exemplo, o *Facebook* já determinou que postagens com vídeos e imagens, ou seja, que são mais interativas, possuem uma relevância maior para serem mais divulgadas, assim como postagens que são feitas direto no *Facebook* ao invés de serem compartilhadas dentro da rede tendo como origem um outro local virtual, como por exemplo o *Youtube*. O último fator é o tempo, que se refere especificamente ao tempo que a postagem foi publicada, ou seja, uma postagem que foi publicada há 1 minuto receberá mais atenção do *EdgeRank* do que uma que foi postada há 10 minutos. O que não significa que esse “jogo” não possa virar, mas isso dependerá das outras variáveis para acontecer (ZEFERINO, 2012; VALLE, 201-; SIQUEIRA, 2012; RIBEIRO, 2016; ROCHA, 201-).

As informações acerca do funcionamento deste algoritmo são escassas e limitam-se a informar que este permanece em constante atualização sendo um dos mais sofisticados no que tange ao processamento dos dados gerados na rede social, tornando-se o seu “inconsciente tecnológico” e funcionando de forma parcialmente oculta, principalmente ao considerar o conhecimento específico de programação utilizado (BIRKBAK; CARLSEN, 2016). A justificativa para a criação deste algoritmo passa também pela evasão à sobrecarga dos servidores de dados da rede social, contudo um dos questionamentos realizados sobre a necessidade desta dinâmica que, em última instância lê e decide o que será visualizado, é o porquê de sua existência, pois, em sendo a rede social um dispositivo

criado para a integração e troca de informações, esta não deveria encarregar-se de julgar de forma mais conveniente determinados conteúdos (BIRBAK; CARLSEN, 2016)<sup>25</sup>.

Outro fato que é questionado em relação à rede e à ação de seu algoritmo é a possível criação de problemas de forma simultânea com a criação de soluções. Ao considerar, por exemplo, o convite à socialização realizada pela rede social, esta apresenta-se como solução para um possível distanciamento físico entre as pessoas, cuja aproximação virtual possibilita a troca de informações diversas que, por vezes, excedem aquelas que seriam possíveis ser trocadas por intermédio de outras formas de aproximação, no entanto, continua a perdurar uma contradição em relação a essa aproximação: como manter-se próximo de mil amigos ou mais? Se a rede adequa o conteúdo que exhibe para cada usuário considerando o conteúdo com o qual ele interage é obvio que nesse cotidiano de interações alguém ficará para trás, pois, por mais ativo, que seja um usuário, dificilmente, este dará conta de atualizar e interagir com toda a sua rede de contatos (BIRBAK; CARLSEN, 2016).

Assim, é possível inferir que as redes sociais, de forma geral, possibilitaram explorar a relação entre pessoas viabilizando a criação de nichos de “convivência” com pares que possuem similaridades de opiniões, atitudes, pensamentos, gostos pessoais, etc. O algoritmo passou a gerir a rede suas conexões levando em consideração, principalmente, a forma como o usuário interage em seu interior, mas ele também revela um paradoxo acerca de sua existência pois, ao precisar de cada vez mais dados para personalizar os conteúdos exibidos, serão necessárias cada vez mais atualizações e sofisticções e assim sucessivamente num ciclo interminável (PARISER, 2012b).

O *Facebook*, junto das demais redes sociais, apresenta a potencialidade ser um espaço no qual uma nova instância de percepção da esfera pública pode se construir, uma percepção que excede a dos espaços físicos. (TIZIO, 2007; CASTELLS, 2003). Contudo, a interferência dos algoritmos na forma como cada usuário tem acesso aos conteúdos compartilhados pode colocar em xeque essa possibilidade pois cria uma bolha, ou um filtro bolha, um filtro que:

examina aquilo de que aparentemente gostamos – as coisas que fazemos, ou as coisas das quais as pessoas parecidas conosco gostam – e tenta fazer extrapolações. São mecanismos de previsão que criam e refinam constantemente uma teoria sobre quem somos e sobre o que vamos fazer ou desejar a seguir.

---

<sup>25</sup> É importante registrar que não compartilhamos destes pressupostos acerca do propósito do algoritmo, nesse momento buscamos aprofundar nossa compreensão acerca desta estrutura para que direcionemos nosso olhar ao objetivo da investigação. Obviamente, é um campo e um questionamento que permanece em aberto para trabalhos posteriores.

Juntos, esses mecanismos criam um universo de informações exclusivo para cada um de nós – o que passei a chamar de bolha dos filtros – que altera fundamentalmente o modo como nos deparamos com ideias e informações. (PARISER, 2012a, p.32-33).

Obviamente, esta filtragem de acesso não é determinante para nossas ações e pensamentos, mas sem dúvida a sua presença de forma sistemática, e dependendo do uso do ambiente virtual, de forma maciça e constante, aumenta a possibilidade de construir alterações na forma de socialização.

Assim, conclui-se a abordagem de uma rede social, que tem a forma de um rizoma, atravessado por súbitos caminhos e cruzamentos, que congrega informações pessoais, profissionais, imagéticas, textuais, e uma imensidão de recursos de compartilhamento de informações que ainda permite aos usuários interagirem com os conteúdos compartilhados, seja por intermédio de reações a esse conteúdo, comentários, denúncias ou compartilhamentos.

Passemos, agora, a abordagem e apresentação da metodologia que nos orientou neste vasto universo informacional, reforçando o caráter de reflexão desta tese que se propõe a refletir sobre a violência neste lugar virtual chamado *Facebook*.



## Capítulo 5 – Percursos metodológicos

Desde o início da investigação, não foi simples compreender e refletir acerca da maneira por intermédio da qual iria se lançar na empreitada de pesquisa as redes sociais. Foi bem cedo que pôde-se constatar que “a análise de redes estabelece um novo paradigma na pesquisa sobre estrutura social” (MARTELETO, 2001, p. 71). As redes são uma ponte para a construção de uma nova morfologia social, que pode vir a alterar de maneira singular os fluxos de informação, produção de conhecimento, cultura e talvez áreas ainda não pensadas para serem utilizadas com o auxílio das redes sociais (CASTELLS, 1999). Essas duas ideias se evidenciaram, principalmente, pela dificuldade encontrada para delimitar campo e metodologia, pois muitas eram as questões que atravessavam as reflexões relativa a estas instâncias, e pela forma como as informações que circulam nestes ambientes impacta a realidade do cotidiano, vide os exemplos da eleição estadunidense e do restaurante falso mencionados no capítulo dois. Frente a estas considerações, pretendeu-se, neste capítulo, focalizar na questão metodológica, por intermédio da apresentação do método de pesquisa bem como das aplicações e dificuldades encontradas, para que, a posteriori, apresentem-se os resultados e as análises realizadas.

A potencialidade para construção e mudanças faz com que, no que tange as pesquisas com a *internet*, a escolha das ferramentas de trabalho e de coleta de dados seja uma questão incômoda para muitos pesquisadores, pois sempre há uma sensação de que estes instrumentos podem, no meio do caminho, apresentar-se como inadequados para dar conta do problema abordado (JONES, 2000). Isso se confirma, também, ao constatarmos que ainda existe uma série de conceitos e terminologias que necessitam de maior precisão para serem tratados. Isso se deve a relativa novidade do campo, bem como a sua dinâmica de instabilidade/adequação constante (SOUZA; QUANDT, 2008). Esse dinamismo pode ser muito bem ilustrado ao pensarmos o *Facebook* que, em determinado momento, não possuía os *reaction buttons*, mas agora os possui, e tratou-se de uma mudança repentina, ou também, ainda na referida rede social, imaginar que um usuário pode ao mesmo tempo ser amigo de outro usuário e, também pode administrar a página que esse outro usuário segue. Ele pode ter liberdade em um âmbito e controle fiscalizador em outro, já que o administrador de uma página no *Facebook* pode expulsar e bloquear pessoas caso estas apresentem comportamentos *on-line* que firam, de alguma forma, as diretrizes da página ou que simplesmente incomodem o administrador. Contudo, uma forma de, talvez, dar conta

deste impasse é apresentar de forma objetiva e clara as perspectivas com as quais se está trabalhando.

No caso da presente investigação, escolheu-se como principal método para explorar os territórios virtuais da rede social a utilização da etnografia digital. A etnografia é definida como a “ciência da descrição cultural” Geertz (1989, p.17), sendo assim, a análise etnográfica digital deverá ter como norte responder as questões elaboradas, por intermédio do recolhimento e análise das informações obtidas *on-line*. Importante trazer igualmente à tona que:

[...] uma etnografia da *Internet* pode olhar em detalhes para as maneiras pelas quais a tecnologia é experienciada na prática. Na sua forma básica, a etnografia virtual também consiste em um pesquisador usando um período de tempo estendido imerso num 'campo de ação', percebendo as relações, atividades e compreensões daqueles que estão nesse ambiente e participam do processo (KOZINETZ, 2014).

Este campo de estudo, conhecido também por netnografia, adapta procedimentos, técnicas e padrões metodológicos comumente utilizados na etnografia para o estudo de culturas e comunidades emergentes nem ambientes de rede *on-line* (KOZINETZ, 2014) e movido por esse espírito tem-se a aplicação da netnografia em ambientes relativos à *internet*, bem como à outros ambientes de rede virtual que não necessariamente precisam conectar-se à *internet*, como é o caso das redes locais de administração. Assim sendo, “ela usa comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal.” (KOZINETZ, 2014, p. 62).

Para que se entenda adequadamente a perspectiva por intermédio da qual se pensou a utilização da netnografia faz-se necessário explorar alguns aspectos da etnografia, metodologia de pesquisa na qual a netnografia se inspirou para ser pensada.

### Parte 5.1 – Explorando a (N)Etnografia

A constituição etimológica da palavra etnografia, as expressões *ethnos* e *grafos*, transmitem respectivamente a ideia de etnia, povo e cultura; e escrita, descrição. A etnografia trata-se de um método que se dedica a estudar e descrever a cultura de uma comunidade por intermédio de sua observação e da posterior análise dos dados coletados e construídos no campo (BAZTÁN, 1995).

O método etnográfico vem sendo historicamente utilizado pela antropologia sempre objetivando a coleta de dados que tem por base o contato entre o pesquisador e seu objeto de pesquisa (BUFREM; SANTOS, 2009). Com isso, tal método conta com a relativa participação do pesquisador na comunidade a ser estudada, independentemente de sua origem ou localização. Durante algum tempo, os estudos etnográficos foram diretamente associados aos estudos das minorias culturais e das populações não urbanizadas, que, ainda hoje, são consideradas por muitos como primitivas. Contudo a etnografia pode ser utilizada para auxiliar na construção de conhecimento relativo a quaisquer outras áreas desde a educação até a administração de empresas (GODOY, 1995).

Desde sua consolidação como método, a etnografia voltou sua atenção ao estudo de comunidades situadas em locais delimitados geograficamente. Entretanto, com o desenvolvimento e a popularização maciça das tecnologias digitais, surgiram novas possibilidades de formações sociais, conforme já pudemos explorar no decorrer da tese (BRAGA, 2013). O surgimento e o crescimento das agregações sociais do ciberespaço demandaram uma adequação da etnografia para considerar esses espaços, pois afinal também se tratam de espaços de socialização, por intermédio dos quais constroem-se vínculos e trocas das mais diversas.

Foi nesse contexto do surgimento de novos espaços de interação que surge a etnografia digital, ou netnografia, que, conforme mencionado, leva em consideração que os ambientes *on-line* são o campo a ser observado e do qual o pesquisador deve dar conta de compreender em suas nuances mais profundas. A netnografia utiliza fonte de dados para possibilitar a compreensão e representação etnográfica dos fenômenos culturais ocorridos nas redes virtuais. O método em si começou seu desenvolvimento no decorrer da década de 1990 direcionado para a área do marketing e do consumo que é uma área tradicionalmente interdisciplinar (KOZINETS, 2014). Entendemos que a netnografia não é uma inovação propriamente dita, mas uma adequação de um olhar clássico para um novo objeto, ou melhor, para um novo campo de estudos e possibilidades. Ampliam-se as especificidades do método etnográfico tradicional para comportar nuances presentes no ambiente digital. De certa forma, o olhar que lançamos para a violência e a construção da memória em ambiente virtual também considera essa dinâmica. Não nos propomos a construir novos pressupostos teóricos ou tipologias específicas, estamos modificando o olhar e caminhando na tentativa de lança-lo à um meio pouco observado sob este prisma: o dos estudos da memória social. Se os fatos demandarem tipificações e inovações, seguiremos avançando e produzindo nesse sentido.

Conforme pode-se depreender da etimologia da palavra etnografia, a palavra netnografia culmina por manter o sentido original, acrescentando-se o termo *net* que, do inglês, tem tradução literal de “rede”, assim tem-se a “escrita da cultura nas redes”. Para Kozinets (2010), conserva aspectos centrais relativos à etnografia, que foram observados no decorrer desta pesquisa:

1. É natural. Ela se aproxima e se incorpora em uma cultura onde passa a existir, viver e respirar. 2. É imersiva. Busca entendimento cultural de um modo ativo que desenvolve participação pessoal e engajada ao longo de observação “objetiva”. 3. É descritiva. Busca “descrição rica/detalhada”, a linguagem espessa, evocativa, vivida, capaz de transmitir a realidade subjetiva e a verdade emocional dos membros de uma cultura. 4. É multi-métodos. Usa outros métodos promiscuamente, como entrevistas, semiótica, técnicas projetivas, fotografia e vídeo para completar o retrato da realidade vivida de uma cultura. 5. É adaptável. Foram conduzidas etnografias de cada uma das maiores culturas existentes na Terra. Como Sigourney Weaver demonstrou não apenas em “Na Montanha dos Gorilas” mas também em “Avatar”, a etnografia funciona até em não-humanos. (KOZINETS, 2010, p. 6)<sup>26</sup>.

O grande salto da netnografia é o reconhecimento das comunicações realizadas em ambiente digital como sendo interações sociais, que contém em si expressão de significado e não somente conteúdos de análise. Os lugares virtuais não simulam relações, eles, de fato, oportunizam a construção de relações e a netnografia reconhece esse fato. A netnografia também preconiza o reconhecimento dos diversos símbolos utilizados para comunicação, ou seja, não se deve estar limitado apenas às palavras escritas, assim como na etnografia não devemos limitarmo-nos às palavras ditas, ou seja, deve-se observar os *emoticons*, *GIFs*, e quais quer outros elementos, assim como observam-se os gestos, altura e tons de voz, por exemplo (KOZINETS, 2010).

Especificamente, no que tange a aplicação do método netnográfico, parte das dinâmicas de busca que já foram parcialmente descritas ilustram justamente o processo netnográfico de imersão na *Internet* (acessar o *Facebook*, realizar uma busca pelas páginas, navegar pelos diferentes locais virtuais da rede, entender e estudar as possíveis dinâmicas de interação, etc). Ou seja, a própria observação da *internet* como campo de pesquisa e a posterior explanação das dinâmicas de busca evidenciam a aplicação e utilização do método netnográfico. Ainda segundo Kozinets (2014), para a utilização de tal metodologia

---

<sup>26</sup> As aspas referenciadas na citação dizem respeito a dois filmes nos quais a etnografia foi explorada. No primeiro, em relação ao reconhecimento de expressões de cultura nas dinâmicas dos grupos de gorilas e o segundo filme se dedica a apresentar e explorar a metodologia quando da observação das criaturas alienígenas (RAPCHAN, 2005; SANTOS; SILVA, 2017).

é necessário que as seguintes premissas sejam aplicadas sistematicamente à dinâmica do estudo:

- A) Definição das questões de pesquisa, websites ou tópicos a investigar.
- B) Identificação e seleção de comunidade.
- C) Observação participante da comunidade (envolvimento, imersão) e coleta de dados.
- D) Análise de dados e interpretação interativa de dados.
- E) Apresentação dos resultados com respectivas implicações teóricas e/ou práticas.

Em relação ao primeiro item, tem-se a apresentação da questão da pesquisa, a saber: quais os efeitos da construção da memória relativa à violência no âmbito da virtualidade.

No item B, tem-se a definição da comunidade a ser estudada, dinâmica profundamente abordada nesta seção.

O item C, dos passos necessários à adoção da netnografia como método de pesquisa, refere-se à observação participante na comunidade, considerando envolvimento e a imersão. Primeiramente, o fato de eu também ser usuário da rede social contribui para a imersão na mesma, visto já conhecer os protocolos de trâmite das informações, procedimentos de denúncias, dinâmicas de busca por páginas na rede social etc. E em segundo lugar, tem-se a dinâmica de exploração da *timeline* que demandou o acesso cotidiano e dedicado, com atenção aos detalhes e que viabilizou algum grau de imersão dentro destes espaços, ao menos no que tange o conhecimento do teor dos conteúdos veiculados nas páginas. Optou-se por não realizar interações com as páginas para não comprometer a coleta de dado por intermédio de um possível bloqueio para meu acesso à página, visto que, em meu perfil, existem informações que permitem inferir que eu seja contrário à lógica propagada pelas páginas.

Os itens D e E referem-se à análise dos dados e sua interpretação de forma dedicada e repetida, a fim de verificar a confiabilidade das informações, e aos resultados, com a presença das respectivas implicações teóricas e/ou práticas. Aqui, cumpre ressaltar que “A netnografia envolve uma abordagem indutiva da análise de dados qualitativos” (KOZINETS, 2014, p. 113). Nesse sentido, buscou-se compreender a realidade a partir da análise dos próprios fenômenos observados e não sob a ótica de teorias ou modelos teóricos preexistentes, sem desconsiderar a base teórica da pesquisa. O referencial teórico que sustenta o estudo precisou estar presente durante toda a análise a fim de não desviar o foco do trabalho. Assim, o resultado se apresentará como uma interpretação dos fenômenos

observados, relacionando as constatações e *insights* obtidos a partir dos dados empíricos com os conhecimentos consolidados teoricamente.

Postas estas considerações acerca da principal metodologia de pesquisa, cumpre abordar a forma como a imersão em campo foi realizada.

## Parte 5.2 – As situações da pesquisa e aplicação do método

Pode-se constatar a versatilidade da etnografia e da netnografia para tratar de ambientes de sociabilidade, sejam *on-line* ou *offline*. Características como a não materialidade dos ambientes virtuais e a possibilidade do apagamento dos registros *on-line* são algumas das principais diferenças dos campos abordados pela *et* e netnografia, no entanto, o que merece destaque é do arquivamento dos dados, isto é, a capacidade de manter um registro das interações estabelecidas nos ambientes virtuais (KOZINETS, 2014). Obviamente, pensar nessa possibilidade não é uma grande surpresa, principalmente ao considerar o já recorrente uso de gravadores e câmeras que a etnografia utiliza em suas dinâmicas (percorridos os trâmites éticos necessários), contudo, ao pensar as formas de registro para os ambientes virtuais pode incorrer na imprecisão em relação a qual método utilizar. Deve-se comprar licenças de programas específicos? Se sim, qual/quais?

No caso de nossa investigação optou-se pela não utilização de *softwares* em função da especificidade do campo. Ainda não existem *softwares* que tratam do recolhimento e armazenamento adequado das informações trocadas na rede social *Facebook* para utilização em pesquisas semelhantes à esta. Assim utilizamos – registro de *prints* disponível em qualquer computador ou semelhante, aliado ao registro dos comentários realizados nas postagens escolhidas.

Além disso, cientes de que “o uso de recursos humanos possui limitações” e que o estudo *on-line* “Requer que um pesquisador navegue em muitos *sites* e *webpages* cuidadosamente” (SOUZA; QUANDT, 2008, p. 210) foi necessário que elegêssemos limitações em relação à presente pesquisa, mas este processo não se deu a priori, ele foi acontecendo conforme a pesquisa foi se delineando.

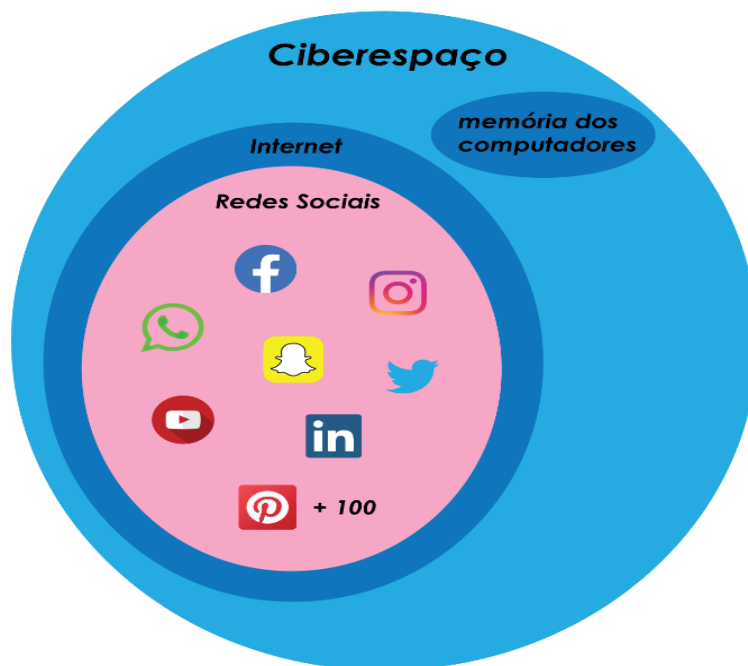
Um primeiro problema enfrentado foi a abrangência da pesquisa. Inicialmente, pensou-se em dar conta da memória relativa à violência de todo o ciberespaço, contudo quando do aprofundamento acerca da definição do ciberespaço verificou-se a impossibilidade da execução desse pensamento pois não seria possível ter acesso a memória dos computadores, instância que também compõe o ciberespaço (LÉVY, 1999).

Com isso, decidiu-se abordar somente os locais virtuais da *internet*, contudo, obviamente, somente aqueles que apresentavam um enfoque em torno do adágio “bandido bom é bandido morto”. Apesar de ter havido uma redução do campo, esbarrou-se na grande quantidade de informações disponíveis. Não seria possível, por exemplo, dar conta dos comentários realizados em *sites* de notícias, *blogs*, e outros ambientes virtuais de interação, a quantidade de dados da internet seria muitíssimo maior do que a capacidade de processar os mesmos, apesar de tratar-se de um tema de menor circulação quando comparado a outros temas.

Após vislumbrarmos esse outro obstáculo de percurso, optou-se por voltar o olhar para as redes sociais, local virtual onde a primeira provocação em relação à pesquisa se presentificou. Da mesma forma, encontradas limitações com relação ao quantitativo de dados e limitação do seu processamento. Conforme a pesquisa se aprofundou verificou-se a existência de inúmeras redes sociais junto do fato de existirem menções ao adágio também em mais de uma rede (BRAZ; FARIAS, 2019, no prelo) e disto veio a constatação da impossibilidade de conseguir realizar a pesquisa em todas as redes sociais dada a quantidade de informações disponíveis.

Assim, chega-se à figura 12, apresentada a seguir, que ilustra o caminho descrito nos parágrafos anteriores, relativo ao percurso reflexivo que nos fez chegar ao campo de pesquisa: a rede social *Facebook*.

Figura 12: Recortes de campo



Fonte: Elaborada pelo autor

Contudo este ainda não era o fim das questões encontradas em relação ao campo de pesquisa. Os estudos acerca da rede social receberam prosseguimento, contudo, ao realizarem-se as primeiras pesquisas relativas aos conteúdos disponíveis que mencionam o adágio, encontraram-se também muitos dados a respeito. Dados esses que impossibilitavam a sistematização. Foram cogitadas várias possibilidades de pesquisa, primeiro envolvendo somente notícias, depois as páginas de jornais como um todo, após isso, as páginas de jornais sensacionalistas, mas sempre havia uma sensação de inadequação em relação aos objetivos da pesquisa, basicamente por que as páginas jornalísticas e notícias podem incorrer na movimentação de interesses institucionais aos quais não poderemos ter acesso por via virtual. Não seria possível determinar a motivação da construção de uma notícia ou discurso específico veiculado em um espaço jornalístico da rede social, incorreríamos em uma série de questionamentos que poderiam nos distanciar do olhar principal da pesquisa. A esta altura das reflexões, já era certo que o olhar seria lançado para os comentários dos usuários da rede e era esse olhar que poderia ser afetado pelas dinâmicas de poder e interesses que estariam escamoteadas pelas produções jornalísticas.

Foi nesse momento que se pensou em sistematizar as buscas em torno das páginas de conteúdo que tinham o adágio como título. Foi o cenário ideal para conseguir dar atenção, especificamente, a um tipo de movimentação do adágio na rede social, em um espaço virtual específico da rede. O lugar estava ao alcance do *mouse* a todo tempo, mas não foi facilmente visualizado, e, quando visualizado, não foi percebido como potencial local de pesquisa. Não fossem os embates reflexivos produzidos e as dificuldades em sistematizar o processo de coleta de dados, não se teria alcançado este patamar.

As páginas evidenciaram-se como locais ideais para a realização da pesquisa, pois apresentam a motivação de criação em seus perfis, bem como foi possível constatar que as postagens, em sua maioria dialogam com a motivação inicial. Contudo, ainda não era o fim dos embates relacionados à execução da pesquisa. Observou-se que eram muitas as páginas que versavam sobre o adágio da pesquisa e que a sistematização destas páginas, além de não ser somente o problema da grande quantidade de informações, mas também a necessidade da análise destas informações a posteriori. Assim, sabendo que “os ambientes digitais são essencialmente demarcados por manifestações sociais porosas e fugidias. Isso implica dizer de incertezas e desassossegos permanentes em relação ao fenômeno e às formas de abordá-lo.” (MOURA, 2015, p. 74), procuramos elementos que comprovassem a



certeza dos conteúdos abordados, ou seja, o seu grau de confiabilidade, de acordo com o meio no qual esta informação está circulando.

Pudemos observar no capítulo anterior que o *Facebook* possui o *EdgeRank* e que este algoritmo define o número de interações de determinado conteúdo como um dos fatores para o seu impulsionamento, ou seja, quanto mais interações (curtidas, comentários e compartilhamentos) determinado conteúdo tiver mais ele aparecerá na timeline de um usuário. Obviamente o número de interações não defini a confiabilidade do conteúdo, mas ele é, em última instância, um parâmetro considerado pela rede social para a veiculação de seus conteúdos. Dessa forma, elegemos o número de interações como um filtro para determinar quais as páginas seriam analisadas na pesquisa.

A princípio pensou-se em recolher informações de dez páginas de conteúdo. Mas que informações seriam essas? Pensou-se em focalizar nos comentários dos usuários, conforme mencionado. Mas quais comentários? Cada postagem tinha um número de comentários específico, algumas postagens não possuíam nenhum, outras possuíam muitos, as que possuíam muitos tinham pouco alcance pois foram compartilhadas poucas vezes, e, por vezes, o espaçamento entre uma postagem e outra era grande demais. Então, mais uma vez pusemo-nos a refletir sobre os dados com os quais iríamos trabalhar.

Assim, alcançamos um primeiro grande recorte no que tange a imersão no campo. Decidiu-se escolher as quatro páginas mais curtidas do *Facebook* que tinham como título o adágio que é considerado na tese. A escolha de quatro páginas foi baseada na complexidade de informações encontradas em todas as outras dez mais curtidas. Partiu-se do princípio de que as páginas forneceriam material suficiente para amparar a reflexão e que caso não fornecessem, poder-se-ia retornar a rede social e realizar uma maior coleta de dados.

Em seguida, veio segundo grande recorte em relação ao campo: as postagens. Quais seriam analisadas? Para não haver uma repetição do padrão de escolha das páginas, optou-se por considerar outro aspecto de interação que não é o que concerne às curtidas, mas sim aos compartilhamentos. Dessa forma, movidos pelo mesmo pensamento que delimitou as quatro páginas, decidiu-se recolher informações de quatro postagens, cada uma de uma página, sendo que esta foi a postagem com mais compartilhamentos.

Então, alcançou-se o último empasse em relação aos recortes de conteúdo: analisaríamos todas as postagens das páginas? Infelizmente, não foi possível, apesar de se ter tentado. As páginas de conteúdo, assim como os perfis de usuário apresentam uma *timeline* que contém o registro de todas as postagens compartilhadas e criadas. Para ter

acesso a estas postagens basta que o usuário corra a tela de conteúdo para baixo, de forma que as postagens anteriores serão exibidas. Ocorre que, dependendo da quantidade de postagens compartilhadas por uma página o tamanho da página começa a ficar muito pesado para o computador sustentar a conexão com a página. Inúmeras foram as tentativas de alcançar a primeira postagem da página, mas todas elas sem sucesso. Essas tentativas foram realizadas inclusive em computadores mais potentes que meu computador de uso pessoal, principalmente no período de permanência dos estudos no exterior, mas ainda assim, sem sucesso.

Para que os esforços em relação às empreitadas no campo não fossem desperdiçados, foi feito um recorte considerando o ponto máximo que pode ser alcançado cronologicamente na *timeline* mais pesada dentre as quatro páginas e assim esse recorte foi aplicado às outras páginas. Dessa forma, todas as postagens entre fevereiro de 2018 (data que foi possível chegar mais longe na *timeline*) a outubro de 2019 (data na qual os estudos no exterior teriam sido finalizados e a sistematização das informações estariam minimamente encaminhadas).

Assim, encerraram-se as intensas reflexões e impasse relacionados à forma como o campo seria explorado e o trabalho de coleta de dados foi mais bem sistematizado e aplicado ao campo. É pertinente ressaltar que os dados postados nas redes sociais não são produzidos pelo pesquisador, como é o caso das entrevistas e levantamentos documentais de arquivos físicos. O que se leva em consideração são os rastros deixados pelos usuários em suas apropriações tecnológicas, e estes podem vir a dizer algo, mesmo quando a ação que os originou foi findada (DEBARY, 2017). Um exemplo dessa dinâmica é a interação, a posteriori, que pode ser realizada a qualquer momento em uma postagem. No tempo em que organizo e reformulo estas páginas da tese algum outro usuário pode ter ido até a página e respondido, alterado, deletado ou adicionado um comentário, gerando um outro rastro que pode também ser pivô para outras movimentações. Estes fatos levam-nos a indagar se o trabalho nas redes sociais estará inevitavelmente sujeito a lidar com a presença do outro numa espécie de suspensão, que pode ser rompida a qualquer momento podendo vir a provocar alterações no campo. Mas essa indagação, infelizmente, não será contemplada em nossas reflexões, contudo é necessário registra-la.

Em relação ao conteúdo dos comentários, a metodologia utilizada para a análise destes foi orientada pelos princípios da análise de conteúdo que pode ser entendido como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadoras que

permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens” (BARDIN, 2009, p. 44), ou seja, o que se pretende fazer é analisar o que é explícito na fala dos usuários das redes, procurando detectar falas e expressões que se relacionem com o tema da investigação.

Os dados construídos mediante a análise dos comentários geraram um mapa de termos classificando-os da seguinte forma: aprovação, reprovação e imprecisão ou indeterminação. Essas classificações são a relação do comentário com o conteúdo da postagem. Para análise, foram considerados elementos textuais e não textuais.

Vale lembrar que, na pesquisa qualitativa, a subjetividade do pesquisador é um elemento a ser considerado e pode contribuir para a compreensão dos fenômenos investigados. Pode-se observar que as ações e interações dos indivíduos no ambiente digital são o foco do método netnográfico, porém elementos contextuais são empregados para ampliar a compreensão do objeto. Esses recursos ajudam o pesquisador a obter *insights* acerca dos fenômenos estudados, sejam eles culturais, sociais, informacionais ou outros.

Agora que se pode apresentar de maneira aprofundada os pressupostos que orientaram todo o processo de pesquisa, lancemo-nos a explorar o processo de busca e resultados e análise para posteriormente tratar-se das conclusões.

## Capítulo 6 – Resultados e análises

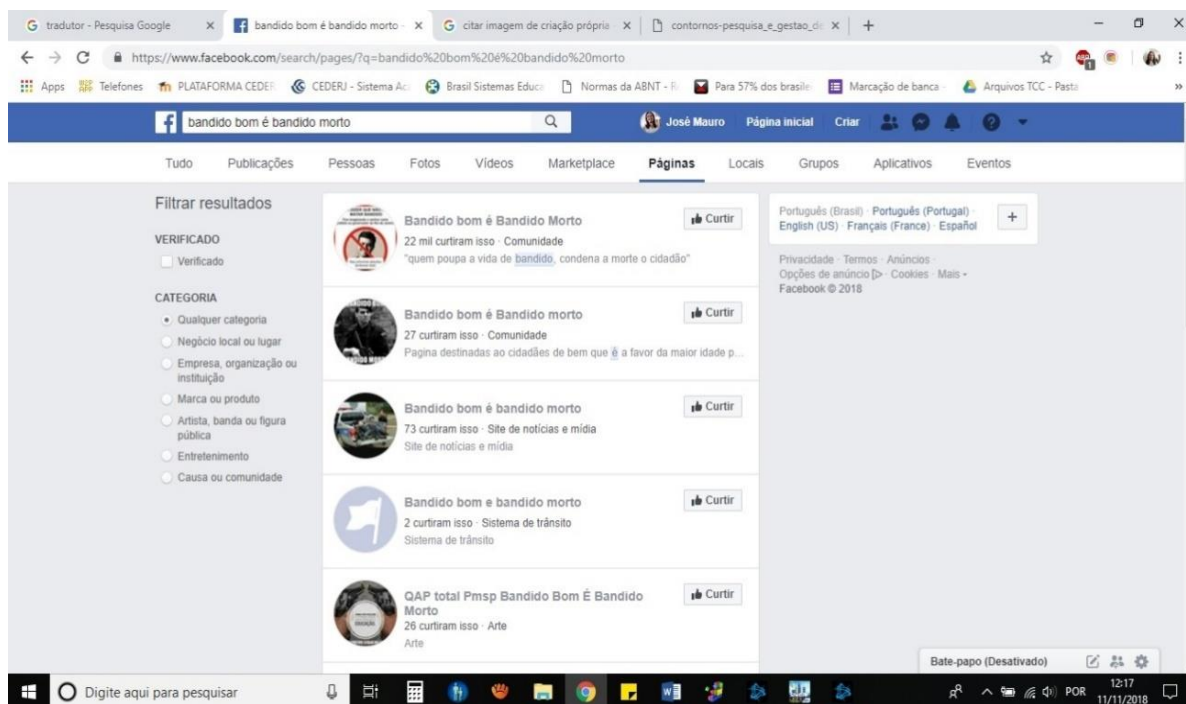
### Parte 6.1 – O processo de busca e os resultados

Partindo da noção já apresentada acerca da dinâmica dos filtros de busca da rede social, foi realizada a busca pelo adágio na rede. A digitação respeitou a forma como o adágio é veiculado: bandido bom é bandido morto. Após a busca o sistema exhibe resultados relativos aos itens previamente apresentados. São eles: 1) publicações; 2) pessoas; 3) fotos, 4) vídeos; 5) *marketplace*; 6) páginas; 7) locais; 8) grupos; 9) aplicativos; 10) *links*; e, 11) eventos. Os resultados para a busca realizada, considerando os filtros mencionados foram os seguintes: 1) 28 publicações com a temática; 2) Mais de 300 fotos relacionadas à temática; 3) 99 vídeos; e, 4) 93 páginas de conteúdo. Os resultados relativos a *marketplace*, locais, grupos, aplicativos, *links* e eventos não exibiram nenhum resultado. O resultado relativo a pessoas exibiu usuários que possuíam a palavra bandido em seu perfil do *Facebook*.

Notem que o número de páginas encontrada foi de 93, diferente do número apresentado na introdução que foi de 99. As pesquisas para encontrar cada resultado foram feitas em anos diferentes, a primeira em 2017, como reflexo da provocação reflexiva acerca do tema e a segunda em 2018 em função da necessidade do recolhimento de dados. Os motivos para que estas páginas tenham desaparecido giram basicamente em torno de três possibilidades para ocorrência: 1- o criador da página resolveu tirá-la do ar; 2 - os frequentadores da páginas denunciaram em demasia notícias ou comentários vinculados nas páginas; e, 3 - usuários do *Facebook* que não curtem a página denunciaram-na para o próprio *Facebook* e este, levando em consideração o número de denúncias tirou a página do ar. Lembrando que a rede social é orientada pelas interações que acontecem, uma página, dificilmente, será retirada do ar se não houver quem se pronuncie acerca de seu conteúdo.

A figura 13 exhibe a tela de busca exibida com o filtro “páginas” ativado, contendo os resultados já filtrados da busca pelo adágio na rede social.

Figura 13: Resultados de busca na rede social com aplicação do filtro “páginas”

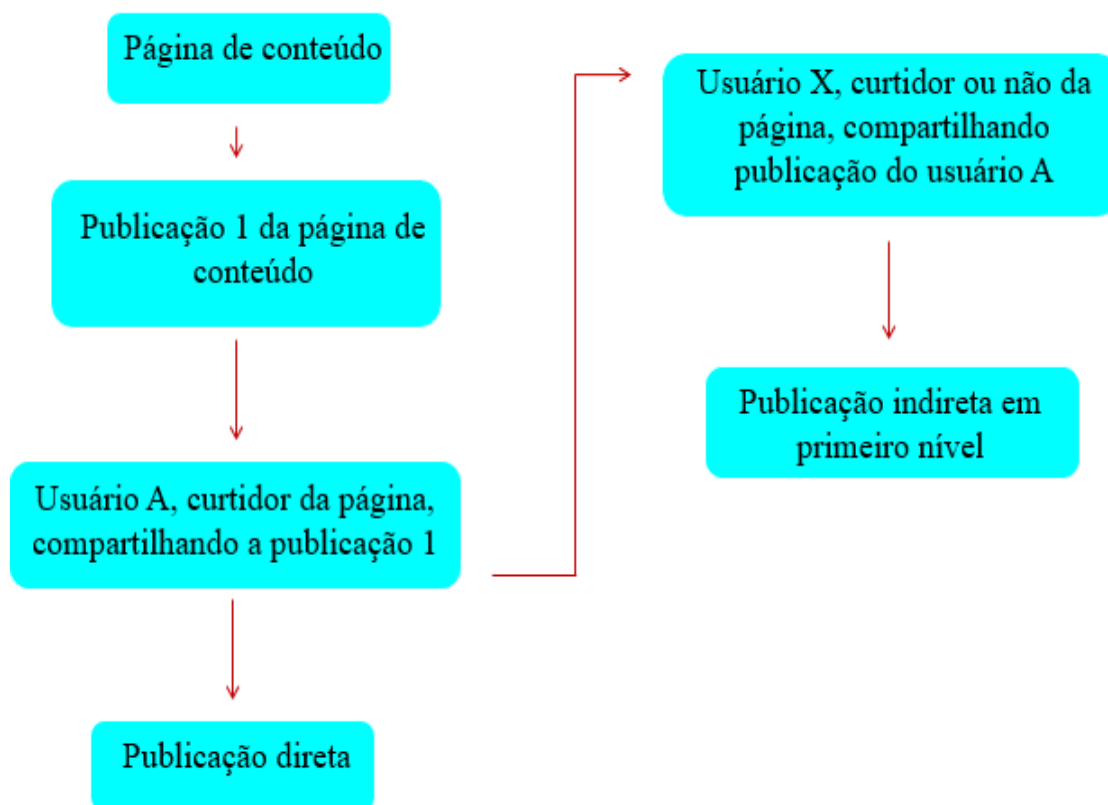


Fonte: Fonte: *print screen* de resultados de pesquisa no *website Facebook*.

Assim, foram analisadas quatro páginas do *Facebook*, todas relacionadas diretamente, por intermédio do título da página, ao adágio “bandido bom é bandido morto”. A seleção das páginas levou em consideração o número de usuários que curtem a mesma, partindo do princípio de que quanto mais usuários curtem uma página de conteúdo, maior é a possibilidade de interação neste espaço dentro da rede social, utilizando, assim, a lógica da rede para ler a mesma pois é assim que seus usuários também serão “atingidos” pelos conteúdos. Em seguida, observaram-se as publicações da página que tiveram maior número de compartilhamentos, pois é em função dos compartilhamentos que também ocorre o aumento de pessoas “atingidas” pelo conteúdo. As análises das publicações de maior número de compartilhamento levaram em conta o período de fevereiro de 2018 a outubro de 2019 e selecionaram-se quatro publicações para análise aprofundada, uma para cada página. Isso significa dizer que, ao acessar uma página de conteúdo e entrar em seu perfil, a tela da *timeline* da página foi “rolada” para baixo até que atingíssemos a primeira publicação do mês de fevereiro de 2018.

É importante destacar que os compartilhamentos também serão objeto de apreciação, pois permitem-nos ter dimensão da repercussão da postagem, em termos de alcance. Vamos tentar aplicar a dinâmica do *EdgeRank*, contudo voltada apenas para o alcance e considerando apenas as interações presentes nos perfis públicos, visto que os perfis de usuários que se colocam como privados só exibem seus dados para aqueles que são seus amigos. Acerca da classificação das publicações no que tange ao seu compartilhamento, abaixo (Figura 14) segue organograma que apresenta as principais divisões: direta e indireta, podendo a última variar em diversos níveis.

Figura 14: Classificação de compartilhamento



Fonte: Elaborada pelo autor

A repetição da dinâmica de compartilhamento de um usuário Z em relação ao usuário X vai gerar uma publicação indireta de terceiro nível e assim sucessivamente. Outro aspecto acerca das publicações que deve ser mencionado é a não alteração de seu conteúdo, ou seja, tanto a publicação, as imagens e seus comentários estão sendo reproduzidos sem alteração em relação ao local virtual original.

A dinâmica da apresentação dos dados seguirá o seguinte passo a passo. Primeiramente serão fornecidos detalhes sobre as páginas selecionadas, são elas: i) data de criação; ii) número de curtidas da página; e, iii) total de seguidores. Lembrando que é possível curtir e não seguir, bem como seguir e não curtir, a página só será exibida no perfil do usuário se ela for curtida. Imediatamente após a apresentação das informações de cada página, será apresentada a sua publicação mais compartilhada, seguida de uma descrição precisa do conteúdo da postagem. Logo após a descrição, tem-se uma tabela informativa sobre os elementos encontrados na postagem. As tabelas são compostas pelos seguintes elementos: a) Texto da postagem: item dedicado a apresentar o texto que acompanha o *post* que foi analisado; b) Data do *post*; c) Número de reações: apresenta o número total de reações dos usuários da rede com o *post*, este quantitativo desdobra-se em d) número de reações “curtir”; e) número de reações “amei”; f) Número de reações “haha”; g) Número de reações “uau”; h) Número de reações “triste”; i) Número de reações “grrr”. Ao fim da tabela tem-se o item j) Número de compartilhamentos; e, k) Número de comentários. Importante frisar que o item “a” da tabela contém exatamente o mesmo texto da publicação, trata-se de uma transcrição literal do conteúdo.

Após a tabela de elementos da postagem serão transcritos os comentários dos usuários presentes na postagem. É igualmente importante frisar que as identidades dos usuários estão preservadas e por isso referimo-nos a cada usuário como sendo “Usuário (número)”. Os textos dos comentários dos usuários também foram respeitados, sendo eles uma transcrição fidedigna do conteúdo *on-line*.

Lancemo-nos, agora, à apresentação sistematizada do material coletado para sua posterior análise e interpretação, sempre seguindo a ordenação de página mais curtida seguida da análise da publicação mais movimentada e assim sucessivamente para as demais três páginas. Inicialmente tem-se a página de conteúdo 1 (Figura 15), criada em 7 de maio de 2012, conta com um total de 22.067 curtidas e 21.995 seguidores.

Figura 15: Página de conteúdo 1



Fonte: print screen de página do website Facebook.

No período de pesquisa das publicações da página 1, foram visualizadas setenta e três publicações, e dentre delas a selecionada foi a que teve 23 compartilhamentos (figura 16).

Figura 16: Publicação mais compartilhada da página de conteúdo 1



Fonte: print screen de postagem em página do website Facebook.



Trata-se de um vídeo de cinquenta e nove segundos no qual um assaltante aproxima-se de um grupo de pessoas na calçada e uma das pessoas que é abordada pelo mesmo saca uma arma de dentro de sua bolsa e dispara contra o assaltante atingindo-o no peito. Este por sua vez cai no chão, gesticulando e pedindo, com gestos de súplica, que a atiradora não atire mais, exprimindo também uma clara expressão de dor. A mulher que atirou contra o assaltante exige que ele vire de costas para o chão, pisa em suas costas e parece solicitar por auxílio dirigindo-se aos passantes.

A seguir, apresentamos a tabela 3, que contém a sistematização das informações da publicação.

Tabela 3: Elementos da postagem da página de conteúdo 1

Texto original da publicação	#BandidoBomÉbandidoMorto  EU DUVIDO Q SE NÃO EXISTISSE A LEI DO DESARMAMENTO, ESSE BANDIDO TERIA CORAGEM DE ENQUADRAR VÁRIAS PESSOAS AO MESMO TEMPO.  <a href="https://www.facebook.com/contelopesroberval/videos/1722815281136874/UzpfSTewMDAwMjE0MzY4MTE4NzoxNjc1NTE5NTE5MTk2MTU1/">https://www.facebook.com/contelopesroberval/videos/1722815281136874/UzpfSTewMDAwMjE0MzY4MTE4NzoxNjc1NTE5NTE5MTk2MTU1/</a>
Data da postagem	12 de maio de 2018
Número de reações	92
Número de “curtidas”	61
Números de “amei”	22
Números de “haha”	8
Números de “uau”	1
Números de “triste”	0
Números de “grrr”	0
Número de compartilhamentos	23
Número de comentários	13

Fonte: Elaborada pelo autor

No que tange as informações na tabela, cumpre mencionar que dos treze comentários feitos na publicação, dois deles tratavam-se de uma marcação, ou seja, o ato de escrever o nome do perfil de outro usuário para marcá-lo na intenção de chamar sua atenção para aquele conteúdo veiculado. Abaixo, seguem os comentários transcritos:

Usuário 1: Olha aí Marcos, essa é guerreira.

Usuário 2 em resposta ao usuário 1: essa aí é Ghost rs

Usuário 3: Daqui a pouco vem o direito humanos pra cair em cima dela 😏 😏

Usuário 4: É isso aí bala neles

Usuário 5: Caramba todo mundo saiu fora parabéns guerreira

Usuário 6: História da polícia, da criminalidade e dos sistemas de justiça: pesquisas, fontes e historiografia [www.facebook.com/groups/282976195225622/](http://www.facebook.com/groups/282976195225622/)

Usuário 7: Não sei que milagre não apareceu alguém ainda, reclamando que balearam uma "vítima da sociedade".

Usuário 8: Parabéns mãe. Mandou esse desgraçado pros braços do capeta.

Usuário 9: Já vi umas 50x.

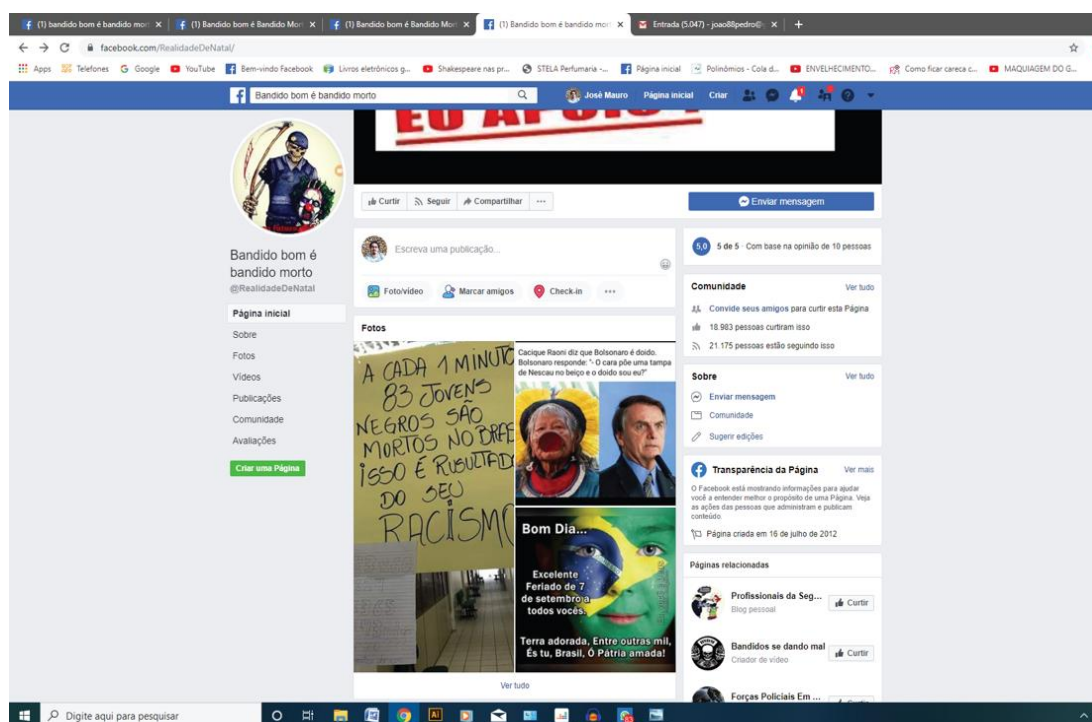
Usuário 10: Abençoada essa mulher!

Usuário 11: Esse aí não rouba mais ninguém que sirva de lição pra esses bandidos.

No que tange aos compartilhamentos tem-se que, dos 23 perfis que compartilharam o conteúdo apenas cinco deles estavam visíveis, dessa forma obtiveram-se 23 compartilhamentos diretos, cinco indiretos em primeiro nível, dois indiretos em segundo nível e dois indiretos em terceiro nível. Esta publicação gerou 32 compartilhamentos acerca de um vídeo que apoia a reação e posterior assassinato de um suposto criminoso.

Na página de conteúdo 2 (figura 17), criada em 16 de julho de 2012, foram encontradas 18.983 curtidas e 21.175 seguidores, estando estas informações presentes também abaixo:

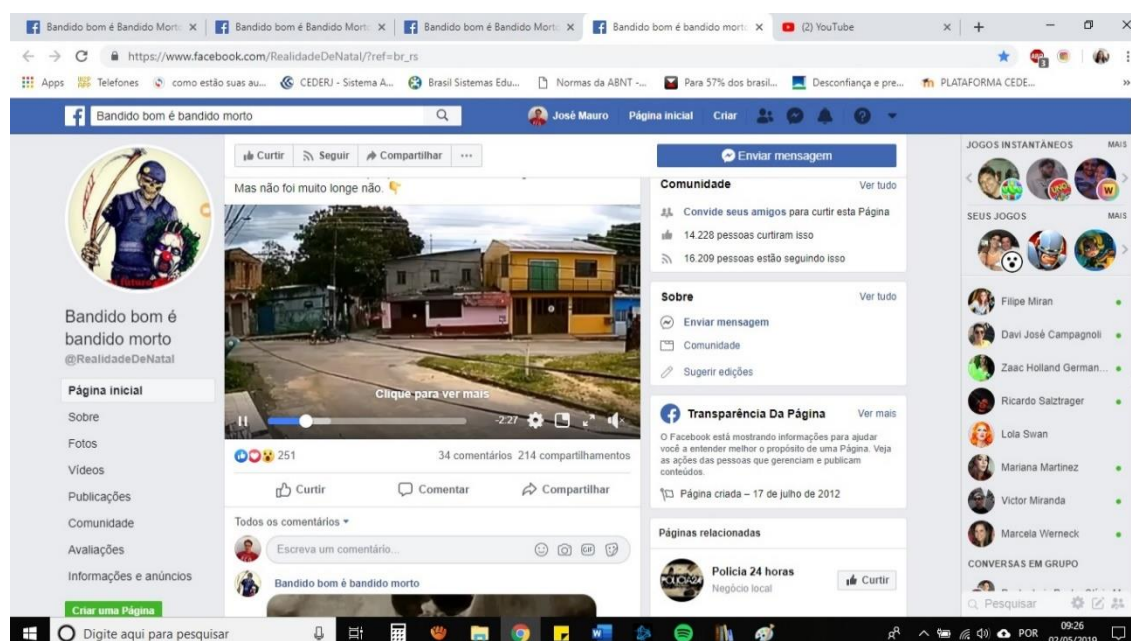
Figura 17: Página de conteúdo 2



Fonte: *print screen* de página do *website* Facebook.

No período de pesquisa das publicações da página 2 foram visualizadas seiscentas e trinta e cinco publicações, e dentre delas a selecionada foi a que teve 214 compartilhamentos (figura 18).

Figura 18: Publicação mais compartilhada da página de conteúdo 2



Fonte: *print screen* de postagem em página do *website* Facebook.

O vídeo da publicação mostra um suposto assalto no qual os assaltantes aparentemente agredem uma mulher em função de ela resistir ao ato. Após uma movimentação dos moradores das residências próximas, os assaltantes entram em fuga, contudo, poucos metros adiante ocorre um desequilíbrio e um deles cai da moto, desequilibrando também o outro, nesse ínterim, a população os aborda. A aglomeração de pessoas impede a visualização dos supostos assaltantes, mas tudo indica que a população os agride na rua.

A seguir, apresentamos a tabela 4, que contém a sistematização dos elementos da publicação.

Tabela 4: Elementos da postagem da página de conteúdo 2

Texto original da publicação	Ladrões executar mulher porquê ela se recusou a entrega o celular. Mas não foi muito longe não. Foi direto para o inferno sentar no colo do capeta.
Data da postagem	15 de abril de 2019
Número de reações	251
Número de “curtidas”	196
Números de “amei”	34
Números de “haha”	8
Números de “uau”	10
Números de “triste”	1
Números de “grrr”	2
Número de compartilhamentos	214
Número de comentários	34

Fonte: Elaborada pelo autor

No que tange as informações na tabela, cumpre mencionar que, dos trinta e quatro comentários feitos na postagem, vinte e cinco apresentam conteúdo descritivo, os outros oito tratam-se de usuários marcando outros usuários, para que estes também assistam ao vídeo e imagens, e um trata-se de um *gif* de risada.

Usuário 1: Colheu uq plantou na hora certa.... Muito top esse vídeo.

Usuário 2: Que mundo vivemos meu Deus

Usuário 3: Sem massagem , cancelar o CPF

Usuário 4: Kkkkk

Usuário 5: Teka Epl Quebradinhos 😄👊👊👊👊

Usuário 6: A moça realmente morreu?? 😞😞

Comentário da página em resposta ao usuário 6: Infelizmente sim

Usuário 7: Malhação do Judas antecipado?

Usuário 8: Melhor justiça do Brasil é essa

Usuário 9: Nunca vi a policia chegar tão rápido,na melhor hora

Usuário 10: E assim que tem que fazer os policiais. A lei toma la do cá

Usuário 11: A moça realmente morreu?

Usuário 12: tinha que lincha esses lixos.

Usuário 13: Que colirio para meus olhos,\_ver bandido se lascando 😄😄

Usuário 14: Ninguém Aguenta ladrão

Usuário 15: Q coisa boa é quando vejo vagabundo tobado

Usuário 16: Matar essas desgraças mesmo! FDP mata a mulher por causa de besteira, tem que pagar com a vida também 🤡

Usuário 17: Desgraçados todos ladrões tem que encontrar com o capeta , só assim ficaremos livres desses malditos ! 😄😄

Usuário 18: Parabéns Para aquele Sniper que estava em cima da laje acertou o bandido direto na cavidade da nuca o deixando sem chance de defesa, ótimo tiro ( Digo ótima Tijolada ) 👊👊👊👊 Feliz pelo final dos Bandidos e ao mesmo tempo triste pela vida que estes 2 criminosos tiraram.

Usuário 19: nao importa se eles foram longe.\_nem se matarem ele irao trazer a vida dela de volta

Usuário 20: Devia ter um sniper escondido pra acaba com esses vagabundo

Usuário 21: Espero que a população tenha mandado eles pro lugar onde eles a justica e os direitos humanos merece estar...no inferno

Usuário 22: É isso aí que a população tem q fazer, enquanto a polícia não chega cidadão tem q se proteger, seja com tijolo, com pedra, pedaço de pau. Bandido q tá preparado pra matar tem q tá pronto pra levar tbm 🧱🧱🧱🧱

Usuário 23: Os bandidos morreram fazendo oq gostavam. quem procura acha. DEUS receba a vítima nos SEUS BRAÇOS.

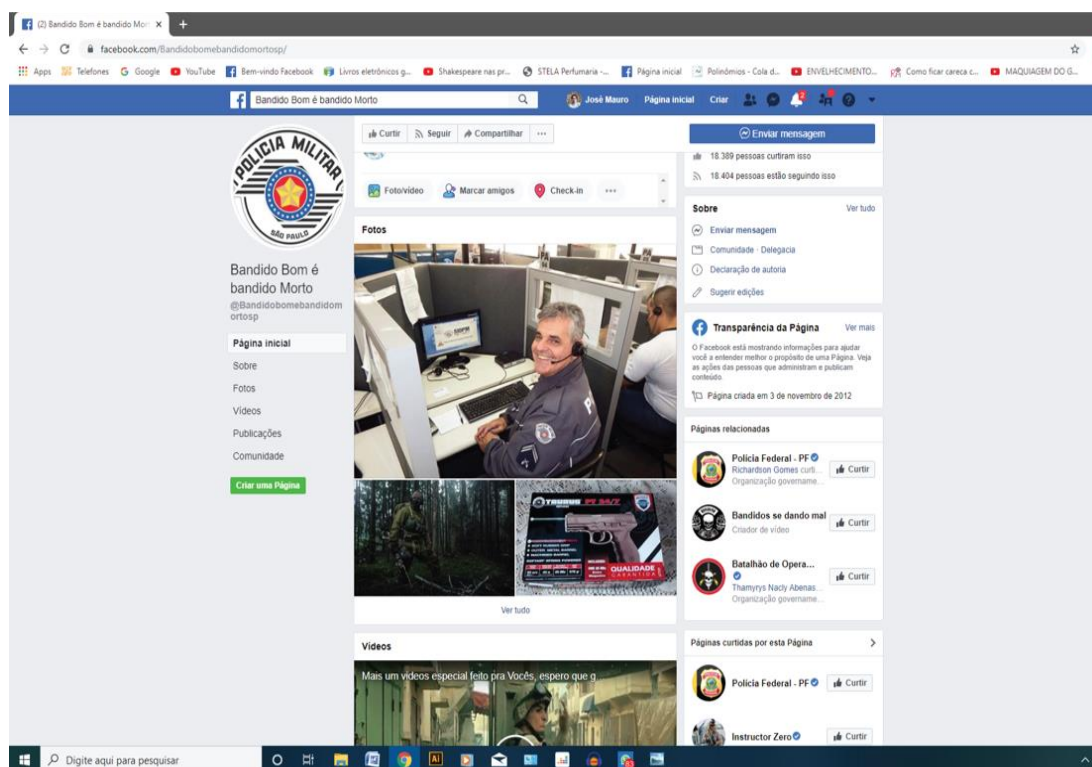
Usuário 24: Há se o povo agisse assim não teríamos mais bandidos na face da terra que maravilha porque bandido bom a bandido mortoooooooo

Usuário 25: Bandidos desgraçados Deus me perdoe mais essa raça não merece viver.

No que tange aos compartilhamentos tem-se que, dos 214 compartilhamentos, 91 deles estavam visíveis, destes um é repetido, ou seja, foi feito duas vezes pelo mesmo usuário, assim tem-se 214 compartilhamentos diretos, 27 compartilhamentos indiretos em primeiro nível e 19 indiretos em segundo nível. Essa publicação gerou 260 compartilhamentos acerca de um vídeo que apoia a reação e posterior assassinato de supostos criminosos.

Já a página de conteúdo 3 (figura 19), criada em 3 de novembro de 2012, conta com um total de 18.989 curtidas e 18.404 seguidores, estando estas informações presentes também abaixo:

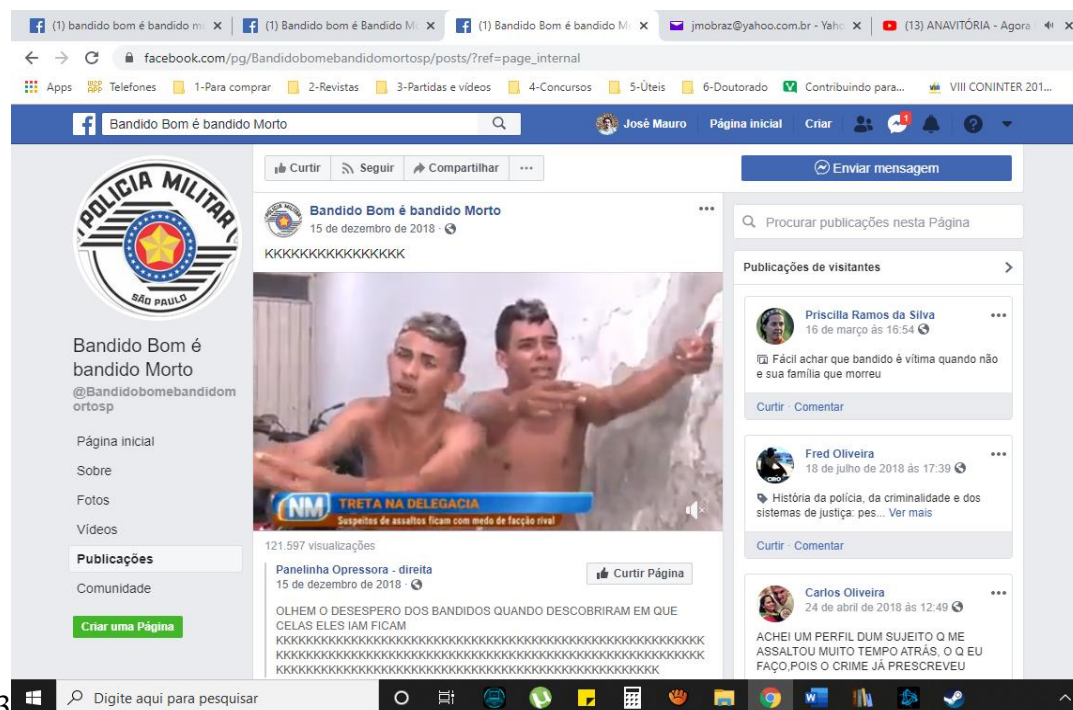
Figura 19: Página de conteúdo 3



Fonte: *print screen* de página do website Facebook.

No período de pesquisa das publicações da página 3, foram visualizadas trinta e oito publicações, e dentre delas a selecionada foi a que teve 37 compartilhamentos (figura 20).

Figura 20: Publicação mais compartilhada da página de conteúdo



Fonte: print screen de postagem em página do website Facebook.

Trata-se de uma reportagem na qual é evidenciada a preocupação de jovens ao saberem que terão de permanecer em uma cela com mais outras três pessoas que pertencem à uma facção diferente daquela a qual eles pertenciam.

A seguir, apresentamos a tabela 3, que contém a sistematização dos elementos da publicação.

Tabela 5: Elementos da postagem da página de conteúdo 3

Texto original da publicação	KKKKKKKKKKKKKKKKKK
Data da postagem	15 de dezembro de 2018
Número de reações	69
Número de “curtidas”	26
Números de “amei”	3
Números de “haha”	40
Números de “uau”	0
Números de “triste”	0

Números de “grrr”	0
Número de compartilhamentos	37
Número de comentários	22

Fonte: Elaborada pelo autor

No que tange às informações na tabela, cumpre mencionar que, dos vinte e dois comentários, cinco deles tratam-se de marcações para outros usuários da rede, ou seja, um primeiro usuário na intenção de dividir especificamente com uma certa pessoa, marcou ela na publicação. Essa marcação vem ou não acompanhada de texto, como no caso da marcação do usuário 2.

Usuário 1: Sejam homens e enfrentem do mesmo jeito que vcs fazem com o cidadão de bem

Usuário 2: Marcação de outro usuário; to complexado  
GDASYDYASYDYASYGDGAS

Comentário do usuário marcado em resposta ao usuário 2: to complexado sinhô

Usuário 3: Na hora de roubar nn pensou

Usuário 4: Eu acho legal o "o senhor" qualquer frase tem uns 10 o senhor no meio

Usuário 5: Aperta que cabe mais

Usuário 6: Kkkkk que da hora kkkk

Usuário 7: Fodam seeee

Usuário 8: Kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk

Usuário 9: Marcação de outro usuário; kkkkk

Comentário do usuário marcado em resposta ao usuário 9: São todos irmãozinhos pô

Usuário 10: kkkkk decapted

Usuário 11: Marcação de outro usuário kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk

Usuário 12: E só não matar nao .estrupear .não roubar .que não vai. Pra lá porra acabou kkkk

Usuário 13: TOMARA QUE SE MATEM.

Usuário 14: até hoje não entendi porque separa estas desgraças por facção, deixe junto e misturados..., a esquerda não diz que todos somos iguais

Usuário 15: O QUE A ESQUERDA TEM A VER COM ISSO?

Usuário 16: Kkkkkkkkk

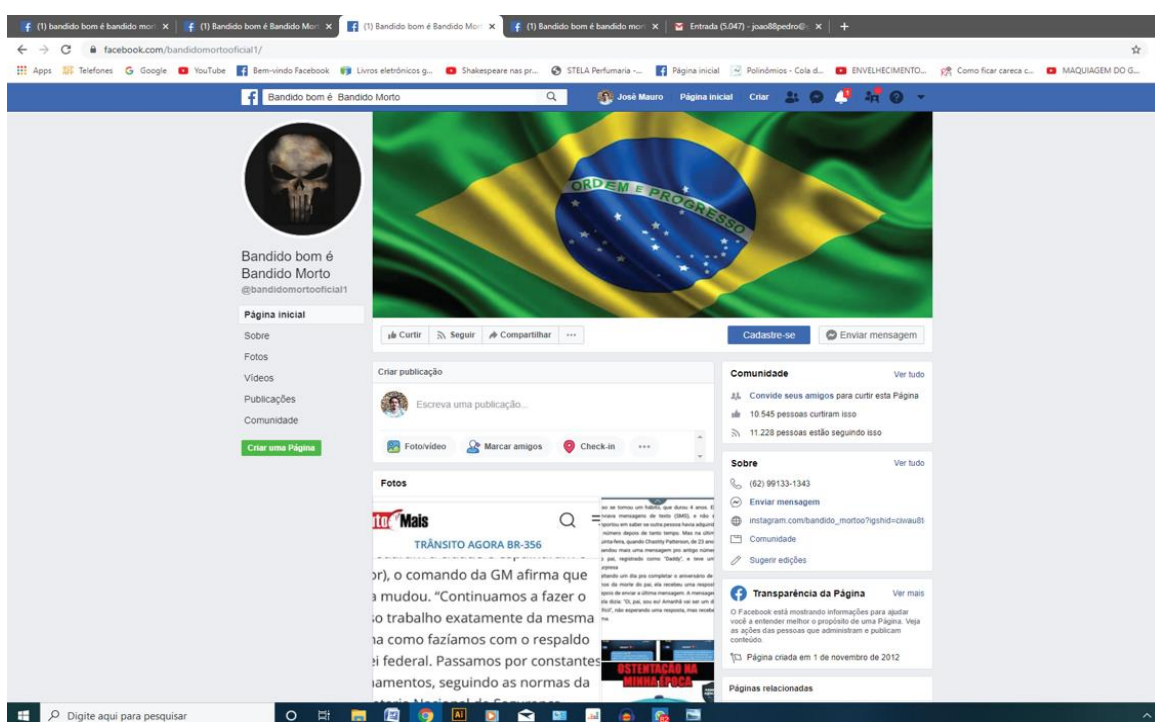


Usuário 17: Quero uma boa notícia. Digam que eles morreram.

Dos 37 compartilhamentos, 13 são visíveis, dos quais 1 é repetido, assim tem-se 37 compartilhamentos diretos e 1 compartilhamento indireto em primeiro nível. Essa publicação gerou 38 compartilhamentos acerca de um vídeo que faz chacota do desespero de pessoas criminosas frente à possibilidade de serem agredidos ou perderem a vida.

A página de conteúdo 4 (figura 23), criada em 1 de novembro de 2012, conta com um total de 10.545 curtidas e 11.228 seguidores, estando estas informações presentes também abaixo:

Figura 21: Página de conteúdo 4



Fonte: *print screen* de página do website *Facebook*.

No período de pesquisa das publicações da página 4, foram visualizadas duzentas e trinta e oito publicações, e dentre delas a selecionada foi a que teve 70 compartilhamentos (figura 23).

Figura 22: Publicação mais compartilhada da página de conteúdo 4



Fonte: *print screen* de postagem em página do *website* Facebook.

Trata-se de um curto vídeo no qual uma pessoa é acordada com um tapa em seu rosto e uma arma apontada. Não é possível ver o rosto ou roupa do autor do tapa.

A seguir, apresentamos a tabela 4, que contém a sistematização dos elementos da publicação.

Tabela 6: Elementos da postagem da página de conteúdo 4

Texto original da publicação	Como acordar vagabundo!
Data da postagem	26 de outubro de 2019
Número de reações	102
Número de “curtidas”	35
Números de “amei”	6
Números de “haha”	61
Números de “uau”	0
Números de “triste”	0
Números de “grrr”	0

Número de compartilhamentos	70
Número de comentários	24

Fonte: Elaborada pelo autor

No que tange as informações na tabela, cumpre mencionar que dos vinte e quatro comentários, três deles tratam-se de marcações para outros usuários da rede e quatro são *gifs* animados expressando aprovação, como por exemplo a imagem de um coração com sinal de positivo ou de um senhor batendo palmas.

Usuário 1: Acordou com um tapinha...uma rajada bem perto do ouvido seria mais divertido.

Usuário 2: Café com bolacha 🍪🍪🍪🍪

Usuário 3: acorda ai vida loka,bora bater um papo

Usuário 4: Chapeuzinho vermelho... É você!!!???

Usuário 5: Marcação de outro usuário acorda BB

Comentário do usuário marcado em resposta ao usuário 5: acorda do soninho, nenê 🍪🍪

Usuário 6: Marcação de outro usuário; padrão

Comentário do usuário marcado em resposta ao usuário 6: nossa q surdao moço

Usuário 7: Marcação de outro usuário; kkkkkkkkkkkk

Usuário 8: Sem comentários para esses vermes de farda 😏

Comentário 1 do usuário marcado em resposta ao usuário 8: “Usuário 8” Zé droguinha

Resposta do usuário 8 ao comentário 1: respeita eu meu camarada .como que é mesmo?

Resposta do autor do comentário 1: eae vem falar isso pra mim pessoalmente cusao cola aqui estou te esperando pau no cu

Usuário 9: cade o baiano

Usuário 10: Marcação de outro usuário E tem nego ali criticando a polícia ainda.. Aliás, insultando... Bandido tem mais que morrer mesmo

Usuário 11: 😏😏😏😏😏😏😏😏 Enfim, Sé fosse aqui no Brasil O HERÓI POLICIAL tava na merda 😏😏😏; Pois aqui Bandido fica livre e os HERÓIS

POLICIAL fica preso. Sé bem que ultimamente tem varios bandidos do PT preso



Dos 70 compartilhamentos, 29 são visíveis, assim tem-se 70 compartilhamentos diretos, 6 compartilhamentos indiretos em primeiro nível e 2 compartilhamentos indiretos em segundo nível. Esta publicação gerou 78 compartilhamentos acerca de um vídeo que incentiva a agressão à supostos criminosos.

Postos os conteúdos relativos às páginas, passemos às análises à luz do conteúdo apresentado no decorrer da investigação.

## Parte 6.2 – Análise e interpretação dos dados

Conforme mencionamos no decorrer do trabalho, as expressões da rede social virtual têm uma relação com as expressões em rede social real, ou seja, com a sociedade fora da tela do computador. Nesse sentido, tem-se uma gama de usuários encontrando espaço para a circulação de discursos que incentivam práticas que são socialmente condenáveis. Memórias relativas ao extermínio de pessoas ganham projeção por intermédio das páginas e dos compartilhamentos de notícias e vídeos, e, por mais que o discurso tenha uma ação somente virtual, ele inevitavelmente conterà um desdobramento subjetivo, na medida em que, ao conviver com a morte das pessoas de maneira virtual, haverá uma inevitável minimização do estranhamento deste fato em situação real.

Neste momento, dedicar-nos-emos a interpretar os dados anteriormente apresentados, de forma a, conforme mencionado no decorrer deste trabalho: perscrutar o processo de construção de memória, relativa à violência, que ocorre no âmbito da virtualidade do ciberespaço. Assim, considerando que seguimos o método da análise de conteúdo, tem-se que a unidade de registro da pesquisa foram os comentários dos usuários da rede social, realizados na postagem mais compartilhada de quatro páginas de conteúdo do *Facebook*, que tem como tema orientador o bordão “bandido bom é bandido morto”, produzindo um olhar qualitativo acerca desses comentários no que concerne a sua relação com o conteúdo original da postagem. Os passos de análise serão realizados basicamente levando em conta as interações dos usuários bem como os possíveis símbolos presentes na página que possam ter como objetivo trabalhar subjetivamente o bordão.

Na página de conteúdo 1, em relação aos aspectos estéticos, a primeira coisa que chama atenção é a imagem de fundo preto com letras brancas na qual o adágio está reproduzido. A foto de perfil desta página exibe a figura de um político do Rio de Janeiro, com o símbolo de proibido por cima do rosto. A associação destes dois elementos permite inferir que o administrador(es) da página acredita(m) que o referido político é um bandido. A página também conta com um número de curtidas maior que o número de seguidores, o que evidencia que algumas pessoas curtem a página, mas já não recebem mais atualizações de conteúdo sobre a página em seu *feed* de notícias.

Para encontrar a publicação mais compartilhada foram visualizadas setenta e três outras postagens. A postagem mais compartilhada trata-se do vídeo no qual uma mulher

reage a um suposto assalto e reage atirando no assaltante, realizando uma imobilização após o tiro e solicitando ajuda dos que estavam próximos.

O texto base da postagem é: “EU DUVIDO Q SE NÃO EXISTISSE A LEI DO DESARMAMENTO, ESSE BANDIDO TERIA CORAGEM DE ENQUADRAR VÁRIAS PESSOAS AO MESMO TEMPO”. Trata-se de uma clara crítica em relação ao estatuto do desarmamento, disposto na Lei Federal nº 10.826 (BRASIL, 2003), dando a entender que, se os moradores tivessem armas, episódios como este não aconteceriam ou ao menos diminuiria sua frequência.

Em relação às reações, estas são ao todo 92 e estão divididas em 61 curtidas, o que significa que a maioria das interações aprova e/ou concorda com o conteúdo veiculado no vídeo, ou com a mensagem veiculada como texto base; 22 reações foram de “amei”, que indicam a admiração pelo conteúdo veiculado, também de forma positiva, aprovando; 8 reações foram “haha”, o que indica que alguns usuários acharam engraçado ver a gravação de uma troca de tiros naquele cenário ou acharam engraçado ver a reação da mulher, ou mesmo o contexto como um todo; uma reação de “uau”, que provavelmente indica surpresa frente a ousadia da mulher e nenhuma reação “triste” ou “grrr”.

Em relação aos compartilhamentos, estes foram 23 compartilhamentos diretos, cinco indiretos em primeiro nível, dois indiretos em segundo nível e dois indiretos em terceiro nível, gerando ao todo 32 compartilhamentos. Esse quantitativo de 32 interações com a postagem é menor do que a quantidade de reações à postagem, o que pode vir a colocar em dúvida a real aprovação da postagem pela maioria do público alvo desta.

No que tange aos comentários, estes foram divididos em três categorias conforme tabela abaixo:

Tabela 7: Análise dos comentários da publicação da página de conteúdo 1

Nº	Aprovação	Reprovação	Imprecisão ou indeterminação
1	Usuário 1: Olha aí Marcos, essa é guerreira.		Usuário 2 em resposta ao usuário 1: essa aí é Ghost <sup>27</sup> rs
2	Usuário 3: Daqui a pouco vem o direito humanos pra cair em cima dela 😏 😏		Usuário 6: História da polícia, da criminalidade e dos sistemas de justiça: pesquisas, fontes e historiografia <a href="http://www.facebook.com/groups/282976195225622/">www.facebook.com/groups/282976195225622/</a>
3	Usuário 4: É isso aí bala neles		
4	Usuário 5: Caramba todo mundo		

<sup>27</sup> Ghost significa fantasma, em inglês.

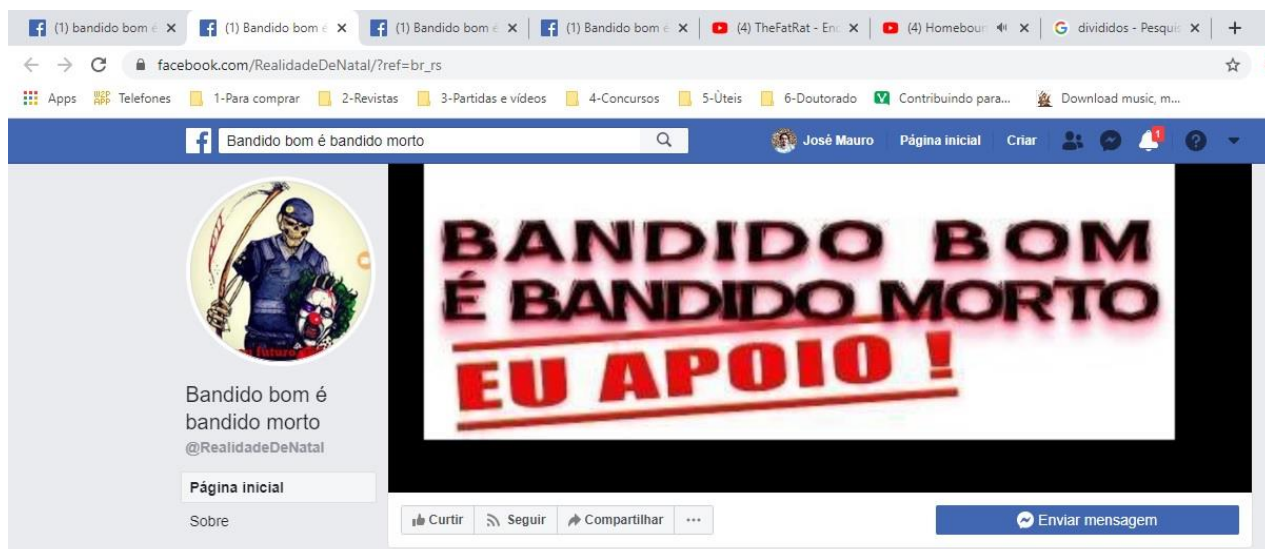
	saiu fora parabéns guerreira		
5	Usuário 7: Não sei que milagre não apareceu alguém ainda, reclamando que balearam uma "vítima da sociedade".		
6	Usuário 8: Parabéns mãe. Mandou esse desgraçado pros braços do capeta.		
7	Usuário 9: Já vi umas 50x.		
8	Usuário 10: Abençoada essa mulher!		
9	Usuário 11: Esse aí não rouba mais ninguém que sirva de lição pra esses bandidos.		

Fonte: Elaborada pelo autor

Dos 13 comentários, 9, de alguma forma, demonstram aprovação ao conteúdo da publicação e, além deles, duas marcações de usuário, dando-nos um total de 11 comentários de aprovação. Considera-se que a marcação de outro usuário na postagem é uma reação de aprovação, uma vez que a marcação contribui para a circulação do conteúdo para outra pessoa, da mesma forma como considera-se que a defesa da mulher que está em destaque no vídeo, a autora dos disparos, também é uma reação de aprovação, como é o caso da fala dos usuários 3 e 7. Os outros dois comentários foram inseridos como imprecisos ou indeterminados no que tange ao seu pensamento em relação ao conteúdo do vídeo, mas um deles é uma aparente propaganda enquanto o outro faz um comentário de fato bem neutro em relação a seu posicionamento.

Já a página de conteúdo 2, no que tange os aspectos estéticos, também é bem chamativa a presença de uma imagem com o adágio “bandido bom é bandido morto” mais o termo “eu apoio”, conforme figura 23 abaixo:

Figura 23: Ilustração da capa da página de conteúdo 2



Fonte: *print screen* de página do website Facebook.

Já a foto de perfil da página traz uma caveira, vestida com uniforme policial, segurando a cabeça de um palhaço com uma mão e uma foice com a outra, fazendo uma clara referência a figura popularizada da morte, que é uma caveira com uma túnica longa preta e uma longa foice. São, novamente, elementos que reforçam o nome da página e o apoio à ações voltadas ao extermínio de criminosos.

Para encontrar a publicação mais compartilhada foram visualizadas seiscentas e trinta e cinco outras postagens, a página com mais atividade, dada a grande quantidade de conteúdo. Quase uma publicação por dia durante o intervalo estudado. A postagem mais compartilhada foi a de um vídeo no qual supostos assaltantes se frustram numa tentativa de assalto na moto e caem, sendo posteriormente pegos pela população local que aparentemente os agride.

A postagem apresenta o seguinte texto base: “Ladrões executar mulher porquê ela se recusou a entrega o celular. Mas não foi muito longe não. Foi direto para o inferno sentar no colo do capeta.”. Trata-se de uma narrativa do vídeo da postagem somado a uma afirmação que permite-nos inferir que o suposto criminoso foi morto, já que é feita uma menção ao encontro com o capeta.

No que tange às reações, estas totalizam 251 e são compostas por 196 curtidas, o que significa que, da mesma forma que a postagem analisada anteriormente, a maioria das interações aprova e/ou concorda com o conteúdo veiculado no vídeo, ou com a mensagem



veiculada como texto base; 34 reações foram de “amei”, que indicam a admiração pelo conteúdo veiculado, também de forma positiva; 8 reações foram “haha”, o que indica que alguns usuários acharam engraçado o fato do assalto frustrado seguido de suposta agressão; 10 reações de “uau”, que provavelmente indica surpresa frente a ousadia da mulher e uma reação “triste”. Não houve nenhuma reação “grrr”.

Em relação aos compartilhamentos, estes foram dos 214 compartilhamentos, 27 compartilhamentos indiretos em primeiro nível e 19 indiretos em segundo nível. Esta publicação gerou 260 compartilhamentos acerca de um vídeo que apoia a reação e posterior assassinato de supostos criminosos. Ainda se mantém o fato de o número de compartilhamentos ser menor que o de curtidas.

No que tange aos comentários segue a tabela de classificação:

Tabela 8: Análise dos comentários da publicação da página de conteúdo 2

Nº	Aprovação	Reprovação	Imprecisão ou indeterminação
1	Usuário 1: Colheu uq plantou na hora certa.... Muito top esse vídeo.		Usuário 2: Que mundo vivemos meu Deus
2	Usuário 4: Kkkkk		Usuário 3: Sem mensagem , cancelar o CPF
3	Usuário 5: Teka Epl Quebradinhos 🤔👏👏👏👏		Usuário 6: A moça realmente morreu?? 😞😞
4	Usuário 8: Melhor justiça do Brasil é essa		Comentário da página em resposta ao usuário 6: Infelizmente sim
5	Usuário 10: E assim que tem que fazer os policiais. A lei toma la do cá		Usuário 7: Malhação do Judas antecipado?
6	Usuário 12: tinha que lincha esses lixos.		Usuário 9: Nunca vi a policia chegar tão rápido,na melhor hora <sup>28</sup>
7	Usuário 13: Que colirio para meus olhos, ver bandido se lascando 😄😄		Usuário 11: A moça realmente morreu?
8	Usuário 15: Q coisa boa é quando vejo vagabundo tobado		Usuário 14: Ninguém Aguenta ladrão
9	Usuário 16: Matar essas desgraças mesmo! FDP mata a mulher por causa de besteira, tem que pagar com a vida também 💀		Usuário 19: nao importa se eles foram longe, nem se matarem ele irao trazer a vida dela de volta
10	Usuário 17: Desgraçados todos ladrões tem que encontrar com o capeta , só assim ficaremos livres desses malditos ! 😏😄		Usuário 23: Os bandidos morreram fazendo oq gostavam. quem procura acha. DEUS receba a vítima nos SEUS BRAÇOS.

<sup>28</sup> Apesar desse comentário não há indício de polícia no vídeo.

11	Usuário 18: Parabéns Para aquele Sniper que estava em cima da laje acertou o bandido direto na cavidade da nuca o deixando sem chance de defesa, ótimo tiro ( Digo ótima Tijolada ) 🖐️🖐️🖐️🖐️Feliz pelo final dos Bandidos e ao mesmo tempo triste pela vida que estes 2 criminosos tiraram.		
12	Usuário 20: Devia ter um sniper escondido pra acaba com esses vagabundo		
13	Usuário 21: Espero que a população tenha mandado eles pro lugar onde eles a justica e os direitos humanos merece estar...no inferno		
14	Usuário 22: É isso aí que a população tem q fazer, enquanto a polícia não chega cidadão tem q se proteger, seja com tijolo, com pedra, pedaço de pau. Bandido q tá preparado pra matar tem q tá pronto pra levar tbm 🖐️🖐️🖐️🖐️		
15	Usuário 24: Há se o povo agisse assim não teríamos mais bandidos na face da terra que maravilha porque bandido bom a bandido mortoooooo		
16	Usuário 25: Bandidos desgraçados Deus me perdoe mais essa raça não merece viver.		

Fonte: Elaborada pelo autor.

Dos 34 comentários, 16 de alguma forma demonstram aprovação ao conteúdo da publicação, além deles existem 8 marcações de usuário e um *gif* de uma bonequinha dando risada, dando-nos um total de 24 comentários de aprovação. Especificamente, em relação aos comentários de aprovação, considera-se que praticamente todos são claros na transmissão dessa mensagem, ou seja, do fato de terem gostado de ver o principal fato do vídeo acontecendo: a população agredir os assaltantes. Os comentários dos usuários 5 e 17 podem ser colocados a prova nesse sentido, mas somente pelo conteúdo escrito, pois em função da presença do conteúdo imagético do comentário pode-se constatar a concordância deles com o fato (as imagens de palmas sendo batidas para o usuário 5 e a imagem de sorrisos no usuário 17). Os outros 10 comentários foram classificados como imprecisos ou

indeterminados, mas é importante destacar a preocupação de alguns usuários em relação a mulher que é assaltada no vídeo. Apesar de o vídeo não apresentar indícios de disparo essa preocupação ainda é relevante para parte dos usuários da rede social.

A terceira página de conteúdo que foi analisada não possui imagem na capa como as anteriores, e sua imagem de perfil trata-se do logotipo da imagem da polícia de São Paulo. Trata-se da página que menos busca “dizer algo” por intermédio de imagens, adotando um discurso e uma postura mais “branda” quando comparada às duas outras páginas.

Para encontrar a publicação mais compartilhada foram visualizadas trinta e oito outras postagens. A postagem mais compartilhada foi a de uma reportagem na qual dois homens, aparentemente jovens com mais de dezoito anos, são entrevistados e nessa entrevista expressam o desespero relacionado ao fato de que serão encaminhados para uma cela na qual já estão presas outras três pessoas de uma facção criminosa diferente da facção a qual eles pertencem. Esse desespero é pertinente por parte dos rapazes pois, ao ser preso com alguém de outra facção, ambas as pessoas presas consideram o outro como inimigo, o que instala um constante clima de suspeita e insegurança. No Rio de Janeiro é comum que os presos sejam separados por suas facções, fazendo com que comumente exista apenas uma facção em cada presídio carioca.

O texto que acompanha a postagem é o seguinte: “KKKKKKKKKKKKKKKKKKKK”. É pertinente esclarecer que a expressão “kkkk” refere-se à uma risada intensa. Trata-se de uma convenção de interpretação construída em torno do termo.

No que tange às reações, foram 69 no total, estas sendo compostas por 26 curtidas, 3 reações foram de “amei”; 40 reações foram “haha” e não houve registro das reações “uau”, “triste” e “grrr”.

No que tange aos compartilhamentos, 13 são visíveis, dos quais 1 é repetido, assim tem-se 37 compartilhamentos diretos e 1 compartilhamento indireto em primeiro nível. Esta publicação gerou 38 compartilhamentos acerca de um vídeo que claramente debocha e faz chacota de uma situação que é real e séria nos presídios brasileiros: o assassinato de pessoas dentro dos estabelecimentos penais. O número ainda é menor que o número de reações.

No que tange aos comentários segue a tabela de classificação:

Tabela 9: Análise dos comentários da publicação da página de conteúdo 3

Nº	Aprovação	Reprovação	Imprecisão ou indeterminação
1	Usuário 2: Marcação de outro usuário; to complexado GDASYDYASYDYASYGDGAS		Usuário 1: Sejam homens e enfrentem do mesmo jeito que vcs fazem com o cidadão de bem
2	Comentário do usuário marcado em resposta ao usuário 2: to complexado sinhô		Usuário 3: Na hora de roubar nn pensou
3	Usuário 5: Aperta que cabe mais		Usuário 4: Eu acho legal o "o senhor" qualquer frase tem uns 10 o senhor no meio
4	Usuário 6: Kkkkk que da hora kkkk		Usuário 7: Fodam seeee
5	Usuário 8: kkkkkkkkkkkkkkkkkkk		Usuário 14: até hoje não entendi porque separa estas desgraças por facção, deixe junto e misturados..., a esquerda não diz que todos somos iguais
6	Usuário 9: Marcação de outro usuário; kkkkk		Usuário 15: O QUE A ESQUERDA TEM A VER COM ISSO?
	Comentário do usuário marcado em resposta ao usuário 9: São todos irmãozinhos pô		
	Usuário 10: kkkkk decapted		
	Usuário 11: Marcação de outro usuário kkkkkkkkkkkkkkkkkkk		
	Usuário 12: E só não matar nao .estrupear .não roubar .que não vai. Pra lá porra acabou kkkk		
	Usuário 13: TOMARA QUE SE MATEM.		
	Usuário 16: Kkkkkkkkk		
	Usuário 17: Quero uma boa notícia. Digam que eles morreram.		

Fonte: Elaborada pelo autor.

Dos vinte e dois comentários, um somente marca outro usuário da rede, o que somam 18 comentários que aprovam. Aqui deve-se realizar alguns comentários específicos sobre os textos da tabela. Os comentários tipificados como comentários que aprovam o conteúdo do vídeo, em geral falam por si só. Pode-se levantar dúvidas sobre a resposta ao usuário 2 e ao usuário 9; e ao comentário do usuário 12. Os primeiros apresentam um claro tom de deboche em relação as informações veiculadas, um pelo fato de repetir uma frase

que era constantemente repetida pela pessoa presa no vídeo: “complexado sinhô”. O segundo, pois, refere-se aos criminosos no geral como irmãozinhos e sendo assim podem conviver, deixando claro que não tem nada demais em colocá-los juntos. Já no que tange aos comentários imprecisos, estes são 6 e apresentam conteúdo diferenciado em relação aos até então observados. Os dois primeiros falam como se estivesse falando aos jovens do vídeo, exigindo deles coragem ao mandar serem homens e comentando que não pensaram nas consequências antes de roubar. O terceiro faz um comentário direcionado a forma de falar dos jovens. O quarto manda alguém ir “se foder”, mas quem? Os jovens? Os outros usuários? A página e sua administração? o conteúdo? Não ficam claras as intenções da comunicação. Já o quinto comentário, classificado como impreciso em relação à aprovação ou desaprovação do conteúdo da postagem, expressa um questionamento acerca da prática de encarcerar por facção criminosa e o sexto comentário questiona um comentário político do usuário 14.

Por fim, a página de conteúdo quatro apresenta como imagem de capa a bandeira do Brasil e sua foto de perfil é a foto de uma caveira que está desenhada na camisa do personagem fictício “O justiceiro”, criado pela *Marvel Comics*. Essas duas imagens indicam respectivamente um tom patriota e uma intenção de justiça com as próprias mãos, já que é exatamente isso que o personagem faz, bem como os conteúdos veiculados nas páginas que giram em torno do adágio pesquisado.

A localização da postagem mais compartilhada se deu após visualizar outras 238 postagens. Trata-se de um vídeo curto onde um jovem é acordado com um tapa na cara e após isso uma arma é apontada para o rosto do jovem, que, ainda tonto pelo fato de ter sido acordado repentinamente, fica sem reação ao ato.

O texto que acompanha a postagem é o seguinte: “Como acordar vagabundo!”

No que tange às reações, foram 102 no total, estas sendo compostas por 35 curtidas, 6 reações foram de “amei”; 61 reações foram “haha” e não houve registro das reações “uau”, “triste” e “grrr”.

No que tange aos compartilhamentos, estes foram ao todo 70 e são compostos por que 29 são visíveis, 6 compartilhamentos indiretos em primeiro nível e 2 compartilhamentos indiretos em segundo nível. Assim, esta publicação gerou 78 compartilhamentos acerca de um vídeo que incentiva a agressão à supostos criminosos. O número de compartilhamentos desta postagem é o que mais se aproxima do número de reações.

Em relação a tabela de classificação dos comentários tem-se o seguinte:

Tabela 10: Análise dos comentários da publicação da página de conteúdo 4

Nº	Aprovação	Reprovação	Imprecisão ou indeterminação
1	Usuário 1: Acordou com um tapinha...uma rajada bem perto do ouvido seria mais divertido.	Usuário 8: Sem comentários para esses vermes de farda 😏	Usuário 3: acorda ai vida loka, bora bater um papo
2	Usuário 2: Café com bolacha 🍪 🍪 🍪 🍪		Usuário 4: Chapeuzinho vermelho... É você!!!???
3	Usuário 5: Marcação de outro usuário acorda BB		Usuário 6: Marcação de outro usuário; padrão
4	Comentário do usuário marcado em resposta ao usuário 5: acorda do soninho, nenê 🍪 🍪		Comentário do usuário marcado em resposta ao usuário 6: nossa q surdao moço
5	Usuário 7: Marcação de outro usuário; kkkkkkkkkkkk		Comentário 1 do usuário marcado em resposta ao usuário 8: “Usuário 8” Zé droguinha.
6	Usuário 10: Marcação de outro usuário E tem nego ali criticando a polícia ainda.. Aliás, insultando... Bandido tem mais que morrer mesmo		Resposta do usuário 8 ao comentário 1: respeita eu meu camarada .como que é mesmo?
7			Resposta do autor do comentário 1: eae vem falar isso pra mim pessoalmente cusao cola aqui estou te esperando pau no cu
			Usuário 9: cade o baiano
8			Usuário 11: 😏 😏 😏 😏 😏 😏 😏 😏 Enfim, Sé fosse aqui no Brasil O HERÓI POLICIAL tava na merda 😏 😏 😏; Pois aqui Bandido fica livre e os HERÓIS POLICIAL fica preso. Sé bem que ultimamente tem varios bandidos do PT preso 😏 😏 😏 😏 😏

Fonte: Elaborada pelo autor.

No que tange as informações na tabela, cumpre mencionar que dos vinte e quatro comentários, cinco deles tratam-se de marcações para outros usuários da rede e três são

*gifs* animados expressando aprovação, sendo eles: a imagem de um coração com sinal de positivo dentro, um senhor batendo palmas e uma bonequinha rindo. Totalizam-se, assim, 14 comentários que em seu teor permitem-nos inferir o apoio ao conteúdo disseminado pelo vídeo. Nessa postagem, encontra-se um comentário que aparentemente reprova a ação do suposto policial, pois o inclui no coletivo “vermes de farda”. A seguir, como resposta a este comentário, são feitos outros comentários com tom de discussão e desentendimento e podem ser identificados na tabela pelos comentários em negrito, sendo o que está mais ao topo o primeiro e os subsequentes as respostas. Dos comentários destacados em negrito, apenas o que está tipificado como “reprovação” é que marca uma posição, os outros não conservam uma relação direta com a postagem, trata-se de uma conversa em paralelo. Já os outros comentários de indeterminação não apresentam elementos que os ponham sequer em dúvida quanto à sua postura em relação ao conteúdo veiculado. Chamamos a atenção para o último comentário, pois apresenta em seu teor um protesto acompanhado de indignação, que fala sobre a falta de reconhecimento dos policiais. Apesar de positivar a figura policial e seus deveres, não se posiciona com relação ao conteúdo da postagem.

Postas as reflexões e considerações que levam em conta a informação por si só, é necessário explicitar a forma como se considerou o atravessamento da memória e da violência nesse cenário. Pode-se constatar que não foi apresentado uma metodologia específica para pensar a memória nesse contexto, justamente por que está se considerando que todo o conteúdo produzido é também memória. A memória se produz na vida e nas relações, ela é coletiva e individual (HALBWACHS, 2003), não tem começo, meio, tampouco fim, pois determinar os instantes da memória é tarefa inexecutável. Por estar em constante produção, seja por intermédio de reconstruções e alterações, seja por intermédio da adição de novas informações, o exercício das interações em ambiente virtual está constantemente produzindo memória, assim como os diálogos travados no cotidiano. Afinal, conforme já observamos, a internet e a linguagem da informática já são compreendidas como uma extensão de nossa comunicação oral fora desses ambientes. Logo, os discursos produzidos pelos usuários das redes sociais passam a integrar a memória de cada uma, integrando assim sua subjetividade e atravessando as ações do cotidiano. Mas que memória é essa que, pode-se constatar, é produzida nos comentários de páginas de conteúdo do *Facebook*? Inegavelmente, tratam-se de memórias relativas à um tipo de violência.

Em relação à violência, pode-se, no capítulo dois, explorar algumas de suas nuances e constatar que se trata de uma instância humana, tal qual a memória, logo, é uma

experiência que, inevitavelmente, nos atravessa em algum momento da vida, tomando sentido de acordo com os pressupostos culturais que à enquadrarão como negativa, positiva, etc. A violência contida nos comentários encontrados no *Facebook* pode ser compreendida como uma violência que, na verdade, vai mesclar aspectos da violência subjetiva (ZIZEK, 2014) com a violência sutil (CARVALHO, 2016). A forma direta pela qual alguns comentários apoiam ações de agressão expostas nas postagens, sem dúvida, se enquadram na tipificação da violência subjetiva, pois por intermédio do apoio irrestrito fica reforçado o distanciamento da reflexão crítica acerca da violência, e, especificamente no cenário brasileiro, que é no qual observa-se o atravessamento mais intenso do bordão que orientou as buscas e reflexões, acaba por distanciar os usuários dos motivos que aumentam a incidência de ações como as que estão sendo exibidas, sejam elas voltadas para ações criminosas ou para ações em nome da suposta segurança. No fim, pede-se morte ao bandido e defesa ao policial, mas ninguém se pergunta o motivo da ocorrência dos crimes, por parte dos bandidos, tão pouco dos excessos, por parte das autoridades policiais.

No que tange ao enquadramento das ações na tipificação de violência sutil, elas se evidenciam nas ações de indeterminação, ou de aprovação pela utilização de um discurso menos aviltante. Falas como a do usuário 3 da publicação da página de conteúdo 3 e do usuário 4 da página de conteúdo 4, permitem constatar que a imprecisão também apoia, pois a falta de posicionamento em relação a determinadas ações significa o endosso às mesmas.

Conforme foi mencionado no decorrer da tese, não preocupamo-nos em encontrar respostas, mas sim em abrir um campo de reflexão acerca de uma temática que nos invade a cada dia mais: a utilização de tecnologia no auxílio da execução de ações cotidianas, especificamente em relação a forma como a memória relativa a violência funciona e opera nestes lugares virtuais. Assim, passemos às conclusões desta empreitada.



## Conclusão

Foi mencionado na introdução do trabalho que parte do resultado dessa investigação reside na certeza de que ela poderá servir de estímulo para que outros trabalhos procurem exercitar o entrecruzamento de áreas disciplinares e se arrisquem a cruzar espaços limítrofes que, por vezes, são construídos mais por estímulos de convenção do que por impossibilidade de tratamento acadêmico. Ao me lançar a pesquisar a *internet*, particularmente o *Facebook*, desafiei a mim mesmo e aos meus pares de orientação com relação às práticas de pesquisa e caminhos teórico metodológicos a serem construídos. Diversos foram os questionamentos secundários que foram levantados durante a investigação, todos eles girando em torno da principal questão: quais os efeitos da construção da memória, relativa à violência no ciberespaço?

O norte desse questionamento repousou sobre o popular bordão brasileiro “bandido bom é bandido morto”, que é aceito por mais da metade da população brasileira. Esse fato deve ser evidenciado, principalmente por se tratar de um quantitativo expressivo, por mais que seja uma pesquisa amostral, ela está representando o discurso dos cidadãos brasileiros. E, ainda na atualidade, parte dela pensa que matar alguém é melhor do que auxiliar na construção de outro modo de vida que não seja relacionado à prática do crime. Esse fato recebe um marcador de atenção quando se reflete acerca da figura de “bandido” que é descrita por grande parte da população (muito provavelmente a parte que concorda com a morte e o extermínio), pois essa figura tem raça, escolaridade e condição econômica bem específicas.

A violência que concerne a presença desse bordão na *internet* é uma dentre tantas outras. Não é uma novidade falar da violência em ambientes digitais e virtuais, mas sem dúvida é uma inovação dispor-se a refletir e pensar em sua ação no interior das redes sociais, principalmente ao considerar o peso desses mecanismos de comunicação na atualidade. As redes sociais podem ajudar a organizar movimentos sociais, revoluções, reuniões e até mesmo ajudar a ganhar eleições, como é o caso do Brasil e dos EUA. O uso de robôs para auxiliar na disseminação de determinados conteúdos já foi comprovado por jornais que tem reconhecimento popular e essa divulgação se deu também nas próprias redes sociais. Portanto, urge que saibamos, o mais cedo possível, lidar com as informações oriundas dessas redes, sejam elas de que tipo forem.

Por que investigar o ciberespaço e suas dinâmicas? Estaríamos reproduzindo alguma forma de pensar memória em um contexto específico, ou estamos trilhando outro caminho?

Refletir acerca da memória nesse meio “não concreto” demandou que refletíssemos sobre a memória construídas nesses locais virtuais. De maneira que foi necessário refletir sobre os diversos tipos de memória estudadas para vislumbrar o leque de possibilidades de enquadramento de uma possível “memória virtual”. E sendo assim, indaga-se: seria a memória construída no ciberespaço uma memória coletiva? A princípio sim, mas não somente ela. A memória no contexto do ciberespaço é coletiva pois o “lugar” demanda a presença do outro para existir, nem que seja por instantes fugazes, mas, ao mesmo tempo, ela é constituída pelo aglomerado de memórias individuais de cada ser humano, com um aspecto adicional: estas memórias podem ser registradas no ciberespaço. Nesse sentido, a memória produzida nesse contexto é coletiva, mas não somente ela.

Pode-se tentar encarar a memória constituída no ciberespaço como uma memória-hábito, contudo constata-se que esse enquadramento, igualmente, não dá conta de explicar as dinâmicas mnêmicas virtuais. Ela também é memória-hábito, mas apenas em parte. É hábito pois considera-se que existe um tipo de rito necessário para acessar o ciberespaço. Tal rito utiliza ações passadas sem reconhecê-las como tais, sejam elas direcionadas aos equipamentos ou à própria virtualidade. Contudo, os ritos dizem respeito a uma parte das dinâmicas na virtualidade, não a todas.

Seria então uma memória subterrânea? Parte-se do princípio de que não, pois se o ciberespaço é por excelência um lugar público, como manter uma memória construída nela como uma memória subterrânea, visto que esta se caracteriza por estar e permanecer em oculto, longe do conhecimento de outros. Mesmo se considerarmos os aspectos de segurança construídos no ciberespaço, como senhas e demais estratégias de segurança, todas elas são passíveis de serem quebradas, *hackeadas* etc. O único lugar efetivamente oculto aos outros é a mente humana.

Uma memória *vis* pode ser, sem dúvida, encontrada na dinâmica da memória produzida no ciberespaço, já que ela faz menção à potência de construir memória, bem como uma memória *ars* se faz presente neste lugar virtual pois é necessária uma técnica, mensuração e mínima reflexão para que se execute e construa a relação com o ciberespaço.

Com isso pode-se observar que a memória do ciberespaço, ou memória da virtualidade, atravessa conceitualmente uma série de outras memórias que foram pensadas no decorrer do tempo reforçando o que se mencionou no final das análises: o conteúdo

produzido por pessoas na virtualidade é memória. É importante lembrar que nossa intenção não é tipificar a memória da virtualidade, pois entende-se que ao fazer isso estamos fechando a investigação acerca da memória nestes espaços e, por tratar-se de uma tese, nossa intenção é abrir campos para investigação. Em nosso caso, investigação que concerne especificamente à construção de memória, relativa à violência, que ocorre no âmbito do ciberespaço.

Ainda assim, seriam estes conceitos e múltiplos olhares, componentes que contribuirão de alguma forma para dar continuidade à reflexão acerca da memória e da violência no ciberespaço? Ou estariam eles circunscritos aos contextos nos quais foram pensados, limitando suas aplicações enquanto método científico ou perspectiva teórica? Até aqui, acredito que esses múltiplos olhares foram úteis para fazer-nos perceber que as tipificações que puderam ser abordadas neste trabalho, não dão conta da totalidade da memória que acontece no ciberespaço.

Para pensar na memória da violência neste lugar que existe sem precisão geográfica, foi necessário pensarmos a memória e a violência separadamente e, aos poucos, fôssemos construindo aproximações entre essas duas instâncias humanas. Um dos pontos acerca da violência que foi destacado é que ela, tal qual a memória, nos integra enquanto seres que existem, basicamente porque ela integra a natureza. Logo, por sermos seres da natureza somos também seres violentos, tal qual praticamente todo ser vivo na terra. Mas que violência é essa que se mostra, que é exibida, em um “mundo” que não é real, mas sim virtual?

Aparentemente, na internet, as vozes que necessitam dessa violência emergem frente a uma possível castração social acerca da presença desta instância humana. Estaria esta rede social oferecendo uma alternativa de realização às pessoas que escamoteiam suas intenções na sociedade? Para alguém que deseja a morte de um suposto criminoso, poderia à *internet* e suas informações revelarem-se uma potencial solução à essa “vontade de morte” ou “de matar”<sup>29</sup>? Que memórias a *internet* e seus meios estão construindo com suas dinâmicas em relação à violência?

A forma como os discursos se disseminam na *internet* é definitivamente rizomática, pois são marcadas pela imprecisão, mas também são marcadas pela permanência. Realizar cortes e deletar os conteúdos já não tem mais efeito frente ao que a *internet* hoje pode

---

<sup>29</sup> É importante mencionar este fato pois o anonimato pode vir a ser um atrativo para aqueles que desejam difundir determinadas informações vetadas ou desaprovadas em outros meios de comunicação ou em outros meios sociais.

proporcionar: um meio para a realização de ações ou para a aproximação de pensamentos. Independentemente dos propósitos de tais.

De 12 a 18 mil curtidas, esse foi o intervalo de crescimento das curtidas de uma página analisada no intervalo de, mais ou menos, um ano (figuras 5 e 17). Nesse ínterim de pesquisa, de entra e sai do *Facebook* diversas vezes ao dia, também pode-se perceber que algumas páginas sumiram, enquanto outras foram sendo criadas, sempre tendo como norte o adágio “bandido bom é bandido morto”. Infelizmente, não houve fôlego para tratar destes outros dados indiretos, mas é igualmente importante que estes sejam mencionados aqui, na intenção de fortalecer também o fato de que ainda há campo a ser explorado.

Foram 984 postagens visualizadas para conseguirmos achar 4 que foram mais expressivas em termos de compartilhamento. Essas 4 postagens geraram 93 comentários dos quais apenas 1 demonstrou algum grau de incômodo com o teor das postagens que, em sua totalidade, ou aprovavam a agressão (publicações 1 e 2) ou faziam chacota das situações de pessoas que cometeram crimes (publicações 3 e 4). Mais de 50% desses comentários concordava com o teor das postagens. Seria uma coincidência entre percentuais<sup>30</sup>? É certo que as pessoas que apoiam o extermínio de pessoas criminosas circulam suas ideias e ideais, mas, o que fazer acerca disso? O Estado, conforme vimos, tenta de seu jeito fazer sua parte. O Poder público tem se preocupado com os discursos veiculados na *internet*, mas essa preocupação apresenta-se mais forte nos países europeus. No Brasil, as mensagens circulam livremente em ambientes virtuais e essa discussão apresenta-se ainda nebulosa, principalmente diante do atual cenário político. Isso, obviamente, acontece em função da facilidade para gerar aglutinação de grupos diversos, ou seja, a capacidade de reunir pessoas em torno dos seus interesses. Nesta investigação, o objeto foi a violência, mas existem outros aspectos iminentes ao ser humano que igualmente mobilizam a criação de grupos *on-line*, como política, religião, educação etc.

A sensação que permanece em relação a existência desses muitos grupos é a de que a *internet*, mais particularmente o *Facebook*, tornou-se um tipo de vitrine por intermédio da qual pode-se assistir a eventos e bradar o que quiser, sem as amarras da condenação social e caso elas venham de alguma forma, basta criar um perfil com alto grau de anonimato para resolver. O mito da vida dentro da vida parece ganhar forma, pois é nessa segunda vida virtual que os “bons samaritanos” do cotidiano colocam em ação as forças e as energias que necessitam focar contidas por longos períodos em outros momentos.

---

<sup>30</sup> A matéria de jornal que estimulou parcialmente o início da pesquisa também fala em 50% da população brasileira, referindo-se às pessoas favoráveis ao adágio.

Na atualidade a *internet* e suas dinâmicas não se apresentam somente como uma solução, pois, além de conservar em si uma contradição referente à sua existência (a de existir sem materialidade física) ela conserva também a potencialidade de refletir as contradições humanas. Aí encontra-se uma questão central para a temática da violência na atualidade e na sociedade: a contradição das afirmações acerca da violência. Se, coletivamente, temos a ambição de construir um mundo sem violência, devemos construir a mudança a partir do mundo que temos. Nesse mundo que temos, a violência é um fenômeno natural, produzido pelo próprio mundo, inscrito nas coordenadas que sustentam nossa ideia de humanidade. A violência e aquilo que dá especificidade ao mundo que só pode ser humano estão intimamente relacionados. Saber a melhor forma de tratá-la pode ser uma pista para encontrar a solução de algo que nos aplaca tão visceralmente, e o reconhecimento da violência que nos constitui é condição *sine qua non* para isso.

A verdade é que a virtualidade do ciberespaço contém “espaços” que podem abrigar as mais diferentes nuances humanas. Justamente em função deste espaço ser uma extensão do ser humano em si, é inevitável que os aspectos da humanidade se evidenciem nele, principalmente levando em consideração que os ambientes virtuais têm se apresentado cada vez mais intensamente no cotidiano da sociedade e cada vez mais atravessados nas relações sociais.

Todas essas reflexões foram necessárias para pensar não somente a memória na virtualidade. Elas foram igualmente necessárias para pensarmos a violência na virtualidade bem como a memória da violência na virtualidade, que é um dos pontos de dobra da presente investigação.

Nunca se teve a pretensão de eleger tal trabalho como responsável por oferecer conclusões para todas estas questões, mas, ao contrário, tais questões moveram em grande parte a realização deste trabalho. O que tentamos propor, antes de qualquer coisa, foi uma discussão acerca de aspectos que nos cercam enquanto seres sociais, trabalhando sob iniciativa digressiva, objetivando apresentar uma discussão sumária, que nos leva a um novo campo de possibilidade de investigação.

Em termos de limitações da pesquisa, visualizou-se a princípio uma limitação no rastreamento do alcance da postagem, na medida em que, apesar de os compartilhamentos serem abertos para aqueles que acessam a página, alguns usuários têm seus perfis fechados para usuários que não são seus “amigos” na rede social. Dessa forma, é possível observar que originalmente, determinada postagem foi compartilhada N vezes, desses N compartilhamentos, nem todos estão disponíveis para a visualização pública, ou seja, não

será possível visualizar quantos eles geraram em seus próprios *feeds* de notícia. Mas o rastreio das informações foi sempre realizado até que não se pudessem observar mais dados novos, em função de os mediadores bloquearem a visualização de conteúdo para observadores públicos, que é o caso no qual enquadramo-nos enquanto pesquisadores.

Especificamente em relação aos discursos que aviltam outros grupos sociais, lançamos a refletir sobre possibilidades de transformação social. Obviamente, não existe uma única solução para questões que tem um atravessamento social amplo, como é o caso da violência, mas é necessário que arrisquemos reflexões e possibilidades. Mesmo sabendo que existe um tom clichê nessa solução, considera-se que a educação é um vetor com potencial para minimizar os desdobramentos relativos ao lidar do homem com a violência. Longe de nós colocar a educação como redentora, como a grande solucionadora dos problemas da humanidade e etc, mas partindo-se do princípio de que as instituições educacionais atravessam, de alguma forma e em algum momento, a vida da maioria esmagadora das pessoas, ela deve ser atravessada com os discursos que vão auxiliar no desenvolvimento da sensibilidade dos que passam por ela, relativa às mais diversas questões sociais. Soma-se a isso a circulação dos temas em cadeias informativas como os jornais televisivos e os *on-line*. Estes deveria tratar da forma que fosse mais pertinente a compreensão crítica acerca da alma humana e dos limites do sistema de justiça e de todos os demais sistemas sociais como saúde, educação e segurança. É necessário que haja um movimento que “desacademize” os discursos relativos ao homem e sua relação com o meio, e vislumbro na *internet* um grande potencial para isso.

Ela, obviamente, permite a criação dos antigrupos, que vão, como foi observado neste trabalho, pregar a morte e o extermínio de criminosos, mas de alguma forma, considero dever de todos nós tentar, individual ou coletivamente, trazer o entendimento acerca da complexidade dessa e de outras questões da humanidade e da sociedade.

As verdades/memórias produzidas no meio sociocultural são inerentes aos poderes que se exercem sobre as pessoas, bem como não é possível conceber um relacionamento sem verdades/memórias que dão forma ao universo de referência do indivíduo. Partindo desta assertiva, entendemos que as normas, por meio da repetição, agem produtivamente para constituir – ou não – alguns sujeitos, não apenas no passado, mas inevitavelmente através do tempo e as trocas virtuais passaram a integrar essa constituição.

Cumpre-nos, enquanto cientistas sociais continuar na empreitada de refletir acerca das mudanças em nossa sociedade e tentar incansavelmente produzir reflexões que possam,

de alguma forma, auxiliar na construção de uma sociedade mais coesa que nos aproxima do aumento da qualidade de vida junto a minimização dos preconceitos.

## Referências

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ABREU, C. N.; KARAM, R. G.; GOES, D. S. SPRITZER, D. T. **Dependência de internet e de jogos eletrônicos**. In.: Revista Brasileira de psiquiatria, 2008.
- AGENCE FRANCE-PRESSE IN PARIS. **France online hate speech law to force social media sites to act quickly**. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2019/jul/09/france-online-hate-speech-law-social-media>> Acesso em 7 de junho de 2019. 2019.
- ALVARENGA, A. T. et al. Histórico, fundamentos filosóficos e teórico-metodológicos da interdisciplinaridade. In: JUNIOR, A.P.; NETO, A. J. S. **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação**. São Paulo: Manole, 2011.
- ARAÚJO, N. **Debatedores defendem cumprimento da legislação para coibir discursos de ódio na internet**. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITOS-HUMANOS/557118-DEBATEDORES-DEFENDEM-CUMPRIMENTO-DA-LEGISLACAO-PARA-COIBIR-DISCURSOS-DE-ODIO-NA-INTERNET.html>> Acesso em: 07 de agosto de 2019. Brasília, 2018
- ARRUDA, M. P. de; GIRÃO, L. F. de A. P.; LUCENA, W. G. L. Assimetria Informacional e o Preço das Ações: Análise da Utilização das Redes Sociais nos Mercados de Capitais Brasileiro e Norte-americano. In.: **Revista contabilidade & finanças**. São Paulo, 2015.
- ASSMANN, A. **Espaços da recordação**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011
- BAIRON, S. Hipermídia: os horizontes estéticos da técnica. In.: ZAHIRA, A. B. (Org.) **O interdisciplinar**. São Paulo: Factash Editora, 2010.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.
- BARRENECHEA, M. A. Nietzsche e a genealogia da memória social. In: GONDAR, J. O.; DODEBEI, V (Org.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra capa, 2005.
- BAUDRILLARD, J. **A transparência do mal**. Campinas: Papirus, 1990.
- \_\_\_\_\_. **As estratégias fatais**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- BAZTÁN, Á. A. Etnografia. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). **Etnografia: metodologia cualitativa en la investigación sociocultural**. Barcelona: Marcombo, 1995.
- BECCARIA, C. **Dos delitos e das penas**. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- BECKER, A.; DEBARY, O. **Montrer les violences extrêmes**. Paris: Creaphis Editions 2012
- BERGSON, H. **A evolução criadora**. São Paulo: Edições 70, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Introdução à Metafísica**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- \_\_\_\_\_. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.
- BIJKER, W.; HUGHES, T. P.; PINCH, T. **The Social Construction of Technological Systems**. Massachusetts : Massachusetts Institute of Technology, 1993.



- BINGEMER, M. C. Crer depois do 11 de setembro de 2001. In: PEREIRA, M. S.; SANTOS, L. A. (Org.). **Religião e violência em tempos de globalização**. São Paulo: ABHR/Paulinas, 2004.
- BIRKBAK, A.; CARLSEN, H. B. **The world of Edgerank**: Rhetorical justifications of Facebook's News Feed algorithm. Disponível em: <<http://computationalculture.net/the-world-of-edgerank-rhetorical-justifications-of-facebooks-news-feed-algorithm/>> Acesso em: 15 de fevereiro de 2020. [S.l.], 2016
- BORGES, J. L. Funes, o memorioso. In.: \_\_\_\_\_. **Ficções**. Porto Alegre: Editora Globo, 1970.
- BOURDIEU, P. **Sur l'État. Cours au Collège de France (1989-1992)**. Paris: Raisons d'Agir/Seuil, 2012.
- BOYD, D.; HEER, J. Profiles as Conversation: Networked Identity Performance on Friendster. In.: **Hawaii International Conference on System Sciences (HICSS-39)**. Disponível em: <http://www.danah.org/papers/HICSS2006.pdf>. Acesso em: 12 de março de 2020. 2006.
- BOYER, C. **História da Matemática**. São Paulo: Edusp, 1974.
- BRAGA, A. Netnografia: compreendendo o sujeito nas redes sociais. In.: NICOLACI-DA-COSTA, A. M.; ROMÃO-DIAS, D. (Org.). **Qualidade faz diferença: métodos qualitativos para a pesquisa em psicologia e áreas afins**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO: São Paulo: Loyola, 2013.
- BRANCO, P. M. **Terremotos**. Disponível em: <<http://www.cprm.gov.br/publique/Redes-Institucionais/Rede-de-Bibliotecas---Rede-Ametista/Canal-Escola/Terremotos-1052.html>>. Acesso em 18 de maio de 2018. [S.l.], 2014.
- BRASIL. Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal. **Diário Oficial da União**. Brasília: Imprensa oficial, 1984.
- \_\_\_\_\_. Lei nº 10.826 de 22 de dezembro de 2003. Dispõe sobre registro, posse e comercialização de armas de fogo e munição, sobre o Sistema Nacional de Armas – Sinarm, define crimes e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília: Imprensa oficial, 2003.
- BRAZ, J. M.; FARIAS, F. R. Entre o discurso de ódio e a liberdade de expressão: um olhar sobre a violência nas redes sociais. In.: **Anais do CONINTER VIII**, Alagoas: 2019. No prelo.
- \_\_\_\_\_. **Perscrutando os escombros da memória da violência na virtualidade**. Doutorado sanduíche. Não publicado. Paris, 2019.
- BRITO, E. **O que é GIF?** Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/04/o-que-e-gif.html>> Acesso em 27 de fevereiro de 2020. [S.l.], 2013
- BRUGGER, W. Proibição ou proteção do discurso de ódio? Algumas observações sobre o direito alemão e o americano. In.: **Revista de Direito Público**: Brasília, 2007.
- BUFREM, L. S.; SANTOS, S. F. Ciência da informação e uso metodológico da etnografia. In.: **Revista ETD: Educação Temática Digital**. Campinas, 2009.
- BURGOS, P. **Conecte-se ao que importa**. São Paulo: Leya, 2014.

- CARVALHO, M. V. D. **Tão perto e tão longe dos Jardins de Epicuro: memória social e violência sutil. Um olhar sobre os alunos de origem popular nas universidades públicas brasileiras.** 137.f. Tese (Doutorado) - UNIRIO, Rio de Janeiro, 2016.
- CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- \_\_\_\_\_. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Redes de indignação e esperança.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CHAUÍ, M. Ética, política e violência. In: CAMACHO, T. (Org.). **Ensaio sobre violência.** Vitória: EDUFES, 2003.
- CHRISAFIS, A. **French online hate speech bill aims to wipe out racist trolling.** Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2019/jun/29/french-online-hate-speech-bill-aims-to-wipe-out-racist-trolling>> Acesso em 7 de junho de 2019. [S.l.], 2019.
- COCKERTON, P. **No 'off switch': Sir Tim Berners-Lee denies internet can be shut down.** Disponível em: <<https://www.mirror.co.uk/news/technology-science/technology/sir-tim-berners-lee-denies-internet-1305799>> Acesso em 03 de março de 2020, [S.l.], 2012
- Conselho Nacional de Secretarias da Saúde, Ministério da Saúde. **O desafio do enfrentamento da violência: situação atual, estratégias de propostas.** Brasília: Conselho Nacional de Secretarias da Saúde, Ministério da Saúde; 2008.
- COUTO JUNIOR, D. R. do. **Cibercultura, juventude e alteridade: aprendendo-ensinando com o outro no Facebook.** Jundiaí: Paco, 2013
- CUPANI, A. **A crítica do positivismo e o futuro da filosofia.** Florianópolis: EDUFSC, 1997.
- DADOUN, R. **A Violência.** Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.
- DEBARY, O. **Antropologia dos restos.** Pelotas: UM2 Comunicação, 2017.
- DELCKER, J. **Germany fines Facebook €2M for violating hate speech law.** Disponível em: <<https://www.politico.eu/article/germany-fines-facebook-e2-million-for-violating-hate-speech-law/>> Acesso em 21 de julho de 2019. 2019.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs volume 1.** Rio de Janeiro: Editora34, 1995.
- \_\_\_\_\_. **O que é filosofia?** São Paulo: Editora34, 1993.
- DEPEN. Ministério da Justiça. **Levantamento nacional de informações penitenciárias: INFOPEN.** Brasília, jul. 2016.
- DESCARTES, R. Meditações metafísicas. In: DESCARTES, R. **Discurso do método.** São Paulo: Nova Cultural; 1991.
- DEUTSCHE WELLE. **Governo alemão quer endurecer leis contra discurso de ódio.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/02/19/governo-alemao-quer-endurecer-leis-contradiscorso-de-odio.ghtml>> Acesso em: 19 de fevereiro de 2020. [S.l.], 2020.
- DICIO. **Dicionário Online de Português.** Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/suspensao/>>. Acesso em: 18 de julho de 2018. [S.l.], 2018.

DUARTE, F.; QUANDT, C.; SOUZA, Q. **O tempo das redes.** São Paulo: Perspectiva, 2008.

DUBET, F. **Sociologia da experiência,** Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

ELI ROSEMBERG. **Restaurante falso em Londres chega ao topo de ranking em site de viagens.** Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/turismo/2017/12/1943141-restaurante-que-nao-existe-chega-ao-topo-do-tripadvisor-em-londres.shtml>> Acesso em 24 de janeiro de 2019. [S.l.], 2017.

ELISABETH KLÜBER-ROSS. **Sobre a morte e o morrer:** o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

EUCLIDES. **Os Elementos.** São Paulo: UNESP, 2009.

EXTRA. **Para 57% dos brasileiros, 'bandido bom é bandido morto', diz Datafolha.** Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/brasil/para-57-dos-brasileiros-bandido-bom-bandido-morto-diz-datafolha-20400484.html>> Acesso em 26 de dezembro de 2018. [S.l.], 2016.

FACEBOOK. **Community Standards.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/communitystandards/>>. Acesso em: 10 de novembro de 2018. [S.l.], 2018.

\_\_\_\_\_. **Sua página inicial.** Disponível em: <[https://www.facebook.com/help/282489752085908/?helpref=hc\\_fnav](https://www.facebook.com/help/282489752085908/?helpref=hc_fnav)>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2019. [S.l.], 2019.

\_\_\_\_\_. **Como o Feed de Notícias funciona.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/help/1155510281178725>>. Acesso em: 19 de março de 2020. [S.l.], 2020a.

\_\_\_\_\_. **Qual é a diferença entre um perfil, uma Página e um grupo no Facebook?** <[https://www.facebook.com/help/337881706729661?helpref=search&sr=10&query=o%20que%20%C3%A9%20uma%20p%C3%A1gina&search\\_session\\_id=8e00f532997509d18455c5d19a978ed3](https://www.facebook.com/help/337881706729661?helpref=search&sr=10&query=o%20que%20%C3%A9%20uma%20p%C3%A1gina&search_session_id=8e00f532997509d18455c5d19a978ed3)> Acesso em: 20 de março de 2020. [S.l.], 2020b.

\_\_\_\_\_. **O que significa seguir uma pessoa ou uma Página no Facebook?** <[https://www.facebook.com/help/279614732052951?helpref=related&ref=related&source\\_cms\\_id=171378103323792](https://www.facebook.com/help/279614732052951?helpref=related&ref=related&source_cms_id=171378103323792)> Acesso em: 17 de março de 2020. [S.l.], 2020c.

FARIAS, F. R. A pesquisa em psicanálise: o cogito cartesiano e o inconsciente freudiano. In: FAVERET, B. et al. **Freud.** Rio de Janeiro: Revinter, 1996.

\_\_\_\_\_. Acontecimento traumático: fraturas da memória e descontinuidade histórica. In: BARRENECHEA, M. A. (Org.). **Dobras da memória.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2008

\_\_\_\_\_. **Apontamentos em Memória Social.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.

\_\_\_\_\_. **O processo de humanização.** 594. f. Tese (Doutorado) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1987.

\_\_\_\_\_. Pensando a memória social a partir da noção de "a posteriori" de Sigmund Freud. **Revista Morpheus,** 2008.

- \_\_\_\_\_. Rastros e escombros da violência. **Cadernos de Psicanálise**. CPRJ, Rio de Janeiro, 2012.
- FARIAS, F. R.; et al. **Quatro questionamentos sobre a violência**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014.
- FENTRESS, J.; C. WICKHAM. **Memória Social: novas perspectivas sobre o passado**. Lisboa: Teorema, 1992.
- FEYNMAN, R. **Sobre as leis da física**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2012.
- ACERTAR NO TEXTO ERRO NA ORTOGRAFIA
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2012.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- FREUD, S. Carta 52. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FRIZZO, T. L. M. Revisão dos efeitos do fogo sobre a fauna de formações savânicas do Brasil. In.: **Revista Oecologia Australis**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.
- G1, R. **Adolescente é espancado e preso nu a poste no Flamengo, no Rio**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/02/adolescente-e-espancado-e-presos-nu-a-poste-no-flamengo-no-rio.html>>. Acesso em 07 de maio de 2018. Rio de Janeiro, 2014a.
- \_\_\_\_\_. **Menor preso a poste diz à polícia que foi agredido por 15 homens no Rio**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/02/menor-presos-a-poste-diz-policia-que-foi-agredido-por-15-homens-no-rio.html>>. Acesso em 07 de maio de 2018. Rio de Janeiro, 2014b.
- \_\_\_\_\_. **Para 57% dos brasileiros, 'bandido bom é bandido morto', diz Datafolha**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/11/para-57-dos-brasileiros-bandido-bom-e-bandido-morto-diz-datafolha.html>>. Acesso em 07 de maio de 2018. São Paul, 2016.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1989.
- GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. In.: **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo: 1995.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas da manipulação da identidade**. Rio de Janeiro: LTC, 1974.
- GOMES, S. H. **Facebook libera cinco novos botões alternativos ao 'curtir'**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/02/facebook-libera-cinco-novos-botoes-alternativos-ao-curtir.html>> Acesso em 23 de outubro de 2019. [S.I] 2016.
- GONÇALVES, L. L. **Convivendo (bem) com a dependência digital**. Rio de Janeiro: barra Livros, 2018.
- GONDAR, J. Memória, poder e resistência. In: BARRENECHEA, M. A.; GONDAR, J. (Org.). **Memória e espaço**. Rio de Janeiro: 7letras, 2003.
- \_\_\_\_\_. Cinco proposições sobre memória social. In.: GEIGER, A. [et al.]; DODEBEI, V.; FARIAS, F. R.; GONDAR, J. (Org.). **Por que memória social?** Rio de Janeiro: Híbrida, 2016.

- \_\_\_\_\_. Lembrar e esquecer. In: GONDAR, J.; COSTA, I. M. (Org.). **Memória e Espaço**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.
- GONDAR, J.; DODEBEI, V. (Org.) **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contracapa, 2005.
- GREENFIELD, D. As propriedades de dependência do uso da internet. In.: YOUNG, K. S. *et al.* **Manual e guia de avaliação e tratamento**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1990.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- GUIMARÃES J.; MÁRIO J. L. **O ciberespaço como cenário para as Ciências Sociais**. IX Congresso Brasileiro de Sociologia. Disponível em: < [http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/ciber\\_cenario.html](http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/ciber_cenario.html)>. Acesso em: 08 ago. 2006. Porto Alegre, 1999.
- HABERMAS, J. **The New Conservatism**. Cambridge, PolityPress, 1989.
- HACKING, I. Positivism. In: \_\_\_\_\_. **Representing and Intervening**. Rio de Janeiro: Cambridge University Press, 1994.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Felix Alcan, 1925.
- HAN, B. **Sociedade do cansaço**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017b.
- \_\_\_\_\_. **Topologia da violência**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017a.
- HAWKING, S. **Breves respostas para grandes questões**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.
- HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- HERRING, S. **Computer-Mediated Communication: Linguistic, Social and Cross-Cultural Perspectives**. Amsterdam, Benjamins. Disponível em: [http://ella.slis.indiana.edu/~herring/cmc\\_intro.1996.pdf](http://ella.slis.indiana.edu/~herring/cmc_intro.1996.pdf). Acesso em 22 de fevereiro de 2020 [S.I], 1996.
- JARDIM, L. **Ibope: 50% dos brasileiros acham que 'bandido bom é bandido morto'**. Disponível em: < <https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/ibope-50-dos-brasileiros-acham-que-bandido-bom-e-bandido-morto.html>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2019. São Paulo, 2018.
- JUNGBLUT, A. L. A heterogenia do mundo on-line: algumas reflexões sobre virtualização, comunicação mediada por computador e ciberespaço. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, 2004.
- JUPIARA, A. **Os porões da contravenção: jogo do bicho e ditadura militar: a história da aliança que profissionalizou o crime organizado**. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da Conversação**. São Paulo, Parábola Editorial, 2006.
- KING, A. L. S.; NARDI, A. E.; CARDOSO, A. **Nomofobia**. São Paulo: Atheneu editora, 2014.
- KNELLER, G. F. **A Ciência como atividade humana**. São Paulo: ZAHAR/EDUSP, 1978.

- KOYRÉ, A. **Do mundo fechado ao universo infinito**. Rio de Janeiro: Forense, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Estudos da história do pensamento científico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.
- KOZINETS, R. V. **Netnografia**. Porto Alegre: Penso, 2014. ACERTAR NO TEXTO ERRO ORTOGRÁFICO
- \_\_\_\_\_. **Netnografia: a arma secreta dos profissionais de marketing: como o conhecimento das mídias sociais gera inovação**. Disponível em: <[http://kozinets.net/wp-content/uploads/2010/11/netnografia\\_portugues.pdf](http://kozinets.net/wp-content/uploads/2010/11/netnografia_portugues.pdf)>. Acesso em: 20 de março de 2020. [S.l.], 2010.
- La lutte contre les discours de haine sur Internet: un arsenal juridique inadapté?** Disponível em: <<https://ds.hypotheses.org/5906>> Acesso em 29 de maio de 2019. 2019.
- LEVI, P. **Afogados e sobreviventes**. São Paulo: Paz e terra, 2004
- LÉVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 2011.
- \_\_\_\_\_. **As tecnologias da inteligência**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LIMA, J. C.; CONSERVA, M. de S. Redes sociais e mercado de trabalho: entre o formal e o informal. In.: **Revista de ciências sociais - política & trabalho**. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/6602>>. Acesso em 27 de março de 2020. Paraíba, 2006.
- LION, C. G. Mitos e Realidades na Tecnologia Educacional. In.: LITWIN, E. (org.). **Tecnologia educacional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- LUKÁCS, G. **Ontologia do ser social**. São Paulo: Livraria Ciências Humanas, 1979.
- MACIEL JUNIOR, A. A memória cósmica e a emoção criadora. In.: BARRENECHEA, M. A. (org.) **As dobras da memória**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.
- Made for minds. **Lei contra discurso de ódio na internet entra em vigor na Alemanha**. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/lei-contradiscurso-de-%C3%B3dio-na-internet-entra-em-vigor-na-alemanha/a-41996447>> Acesso em 13 de abril de 2020. Alemanha, 2018.
- MARCUSCHI, L.A. **Análise da Conversação**. São Paulo, Editora Ática, 2006.
- MARTELETO, R. M. **Análise de redes sociais - aplicação nos estudos de transferência da informação**. In.: Revista Ciência da informação do Instituto Brasileiro de Informação em ciência e tecnologia, 2001.
- MARTINS, M. V. S. **O pensamento de Heráclito**. 105. f. Dissertação (Mestrado) – UnB, Brasília, 2007.
- MEDINA M. M.; FERTIG, C. **Algoritmos e programação: teoria e prática**, São Paulo, Novatec Editora, 2005.
- MICHAUD, Y. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989.
- MIRIAM A. *et al.* Subjetividade: Um Diálogo Interdisciplinar. In.: **Revista Interação em Psicologia**. Curitiba, 2011.
- MOURA, M. A. Netnografia: a realidade social sob o véu digital. In: ARAÚJO, R. F. (Org.). **Estudos métricos da informação na web: atores, ações e dispositivos informacionais**. Maceió: Edufal, 2015.

- NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- Organização Mundial da Saúde. **Relatório Mundial sobre violência e saúde**. Genebra: OMS; 2002.
- PARISER, E. **The Filter Bubble: how the new personalized web is changing what we read and how we think**. Nova Iorque: Penguin Books, 2012b.
- \_\_\_\_\_. **O filtro Invisível: O que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012a.
- PÊCEGO, A. J. de. S. **Bandido bom é bandido morto!? Uma frase da década de 80 que renasce como ditado popular**. Disponível em: <https://emporiadodireito.com.br/leitura/bandido-bom-e-bandido-morto-uma-frase-da-decada-de-80-que-renasce-como-ditado-popular>. Acesso em: 05 de agosto de 2019. São Paulo, 2016.
- PETTEY, C. **Gartner says global it spending to reach \$3.5 trillion in 2017**. < <https://www.gartner.com/en/newsroom/press-releases/2016-10-19-gartner-says-global-it-spending-to-reach-3-trillion-in-2017>>. Acesso em: 26 de dezembro de 2017. [S.l.], 2016.
- PINHEIRO, P. S.; ALMEIDA, G. A. **Violência urbana**. São Paulo: Publifolha, 2003
- POLLAK, M. Memória, silêncio e esquecimento. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: 1989.
- PRAGER, A. **Germany wants to fine Facebook over hate speech reporting**. Disponível em: < <https://www.euractiv.com/section/digital/news/germany-wants-to-fine-facebook-over-online-hate-speech-reporting/>> Acesso em 23 de julho de 2019. 2019.
- PRIDHAM, F. **The Language of Conversation**. London, Routledge, 2001.
- PRIGOGINE, I. **O fim das certezas**. São Paulo: Ed Unesp, 1996.
- PRIGOGINE, I.; KONDEPUDI, D. **Termodinâmica**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- PRIMO, A.; SMANIOTTO, A. **Blogs como espaços de conversação: interações conversacionais na comunidade de blogs insanus**. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/conversacao.pdf>. Acesso em: 25 de março de 2020. [S.l.], 2006.
- RAPCHAN, E. S. Chimpanzés possuem cultura? Questões para a antropologia sobre um tema "bom para pensar". In.: **Revista de Antropologia da USP**. São Paulo, 2005.
- RECUERO, R. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Revista Verso e Reverso**. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2014.28.68.06/4187>>. Acesso em: 10 junho de 2018. [S.l.], 2014.
- RECUERO, R; SOARES, P. Violência simbólica e redes sociais no Facebook: o caso da fanpage "Diva Depressão". In.: **Revista Galáxia**. Disponível em: < <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/14478/13021>>. Acesso em: 30 julho. 2018. São Paulo, 2013.
- RIBEIRO, L. **Algoritmo do Facebook: como ele funciona e como aumentar o seu tráfego orgânico**. Disponível em: <<https://rockcontent.com/blog/algoritmo-do-facebook/>>. Acesso em 24 de fevereiro de 2020. [S.l.], 2016.
- RICOEUR, P. **A Memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

- ROCHA, H. **O algoritmo do Facebook aumentou suas chances de crescer em 2018.** Disponível em: <<https://klickpages.com.br/blog/algoritmo-do-facebook/>>. Acesso em: 7 de março de 2020. [S.l.], 201-.
- RODRIGUES, A. M. M. Por uma filosofia da tecnologia. In: GRINSPUN, M.P.S.Z.(org.). **Educação tecnológica - desafios e perspectivas.** São Paulo: Cortez, 2001.
- ROSEMAIN, M.; PINEAU, E. **Parlamento francês aprova projeto contra discurso de ódio na internet.** Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/mundo/parlamento-frances-aprova-projeto-contra-discurso-de-odio-na-internet/>> Acesso em: 02 de agosto de 2019. [S.l.], 2019.
- ROSSI, P. **O passado, a memória, o esquecimento.** Trad. Nilson Moulin. São Paulo: UNESP, 2007.
- JONES, S. Doing internet research. In.: C. MANN; F. STEWART. **Internet Communication and Qualitative Research.** Londres: Sage Publications, 2000.
- SANTIDRIÁN, P. R. **Dicionário básico das religiões.** Aparecida: Santuário, 1996.
- SANTOS, W. J. dos; SILVA, I. P. da. Potencialidades do filme de ficção Avatar para a alfabetização científica dos sujeitos no contexto da educação básica. In.: **Revista de educação em ciências e matemáticas.** Amazônia, 2017
- SANTOS D.; SANJOY, P. UMESH, V. **Algoritmos.** Porto Alegre: AMGH, 2010.
- SÃO PAULO. **Alemanha poderá multar redes sociais em até € 50 milhões. Disponível em:** <<https://link.estadao.com.br/noticias/geral,na-alemanha-entra-em-vigor-lei-que-multa-redes-sociais-por-discurso-de-odio,70002136202>> Acesso em: 01 de agosto de 2019. São Paulo, 2018.
- \_\_\_\_\_. **Brasil é terceiro país do mundo que fica mais tempo on-line no celular.** Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/tec/2015/09/1679423-brasil-e-terceiro-pais-do-mundo-que-fica-mais-tempo-on-line-no-celular.shtml>> Acesso em 07 de agosto de 2019. São Paulo, 2015
- SARAMAGO, J. **O homem duplicado.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SCHWEIBENZ, W. The Development of Virtual Museums. In.: **ICOM News (Newsletter of the International Council of Museums, dedicated to Virtual Museums).** Turquia, 2004.
- SETZER, V. W. O que a internet está fazendo com nossas mentes? In.: CARR, N. **A geração superficial.** Rio de Janeiro: Agir, 2011.
- SILVEIRA, Renata Machado da. 130 f. **Liberdade de expressão e discurso do ódio.** Dissertação de Mestrado. PUC/MG, 2007.
- SIQUEIRA, A. **Como o EdgeRank do Facebook funciona e por que isso é importante para sua empresa. Disponível em:** <<https://resultadosdigitais.com.br/blog/como-funciona-o-edgerank-facebook/>>. Acesso em 11 de março de 2020. [S.l.], 2012.
- SOFSKY, W. **Traité de la violence.** Madrid: Abada, 2006.
- SOUZA, Q.; QUANDT, C. Metodologia de análise de redes sociais. In.: DUARTE, F.; QUANDT, C.; SOUZA, Q. **O tempo das redes.** São Paulo: Perspectiva, 2008.
- SPITZER, M. **Dementia digital.** Munique: Drolmer, 2012.



- SUTTER, J. D.; **Could the U.S. shut down the internet?** Disponível em : <<http://edition.cnn.com/2011/TECH/web/02/03/internet.shut.down/index.html>>. Acesso em 19 de março de 2020. Egito, 2011.
- TEIXEIRA, C. A. **A origem do Facebook.** Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/a-origem-do-facebook-4934191>> Acesso em: 17 de julho de 2019. [S.l.], 2012.
- TIZIO, H. Novas modalidades do laço social. In.: Revista aSEPHallus, [S.l.] 2007.
- TOLMASQUIM, A. T. Instrumentalização e Simulação como Paradigmas da Ciência Moderna. In: D'AMBROSIO, U. (org.). **Anais do 2º Congresso Latino-americano de História da Ciência e da Tecnologia.** São Paulo: Nova Stella, 1989.
- TOSCANI L. V. T., VELOSO, P. A. S. **Complexidade de Algoritmos.** Porto Alegre: Bookman Editora, 2009
- TRINDADE, R. **Deleuze – Rizoma.** Disponível em: <<http://https://razaoinadequada.com/2013/09/21/deleuze-rizoma/>>. Acesso em: 13 de junho de 2018. [S.l.], 2013.
- UNICEF. **The state of the world's children 2017.** Disponível em: <<https://www.unicef.org/sowc2017/>>. Acesso em: 07 julho de 2018. [S.l.], 2017.
- UNTERSINGER, M. **Heure de vérité pour la loi censée lutter contre les discours haineux en ligne.** Disponível em: < [https://www.lemonde.fr/pixels/article/2019/07/03/l-assemblee-examine-la-loi-contre-la-haine-en-ligne-qui-veut-muscler-la-moderation-du-net\\_5484551\\_4408996.html](https://www.lemonde.fr/pixels/article/2019/07/03/l-assemblee-examine-la-loi-contre-la-haine-en-ligne-qui-veut-muscler-la-moderation-du-net_5484551_4408996.html)> Acesso em 15 de julho de 2019.
- VALENÇA, A. M. A Depressão e a nomofobia. In.: KING, A. L. S.; NARDI, A. E.; CARDOSO, A. **Nomofobia.** São Paulo: Atheneu editora, 2014.
- VALLE, A. **O que é EdgeRank do Facebook e qual sua importância.** Disponível em: <<https://www.academiadomarketing.com.br/o-que-e-edgerank/>>. Acesso em 26 de março de 2020. [S.l.], 201-.
- VERASZTO, E. V. **Projeto Teckids.** Dissertação de Mestrado. Campinas. Faculdade de Educação. UNICAMP, 2004.
- VERNANT, J-P. **Mito e pensamento entre os gregos.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- VIRILIO, P. **A máquina de visão.** Rio de Janeiro: José Olympio. 2002.
- WE ARE SOCIAL. **Digital 2019:** essential insights into how people around the world use the internet, mobile devices, social media, and e-commerce. Nova Iorque, 2019.
- WEBER, M. A psicologia social das religiões mundiais. In.: GERTH, H. H.; MILLS, C. W. (Org..). **Max Weber : Ensaio de sociologia.** Rio de Janeiro: LTC, 1982.
- WEINRICH, H. **Lete:** arte e crítica do esquecimento. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2001.
- WIKIPÉDIA. List of social networking websites. In: **Wikipédia: a enciclopédia livre.** Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/List\\_of\\_social\\_networking\\_websites](https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_social_networking_websites)>. Acesso em: 22 de novembro de 2019.
- WILLIGES, F. R. **A assunção do gozo cibernético na interação virtual.** Porto Alegre: UFRGS, 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/3120>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2019.

- YOUNG, H. D.; FREEDMAN, R. A. **Física II**. São Paulo, Addison Wesley, 2008.
- YOUNG, K. **Fast-growth nations clock up the most hours for mobile web usage**. Disponível em: <<https://blog.globalwebindex.net/chart-of-the-day/fast-growth-nations-clock-up-the-most-hours-for-mobile-web-usage/>>. Acesso em: 26/12/2017. [S.l.], 2015.
- ZALUAR, A. Gênero, justiça e violência. In.: **Revista dados**. Rio de Janeiro, Iuperj. 1991.
- ZEFERINO, 2012. **Edgerank – o segredo mais bem “conhecido” do Facebook**. Disponível em: <<http://www.workvalue.net/socialmedia/edgerank-o-segredo-mais-bem-conhecido-do-facebook/>> Acesso em 20 de março de 2020. [S.l.], 2012.
- ZIZEK, S. **Violência**. São Paulo: Boitempo, 2014.